

# BRANCO E NEGRO



MÃE!

PREÇO 40 RÉIS

N.º 5

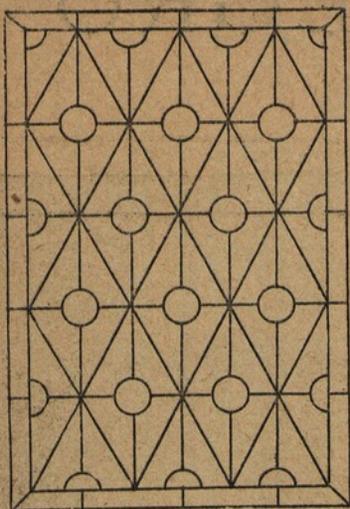
# VITRAES

PARA

Egrejas e Capellas. — Figuras e Emblemas Religiosos

*PINTURA A FOGO INALTERAVEL*

Imitações dos vitraes em *grisaille* dos seculos XII e XVI



Preços por metro quadrado.

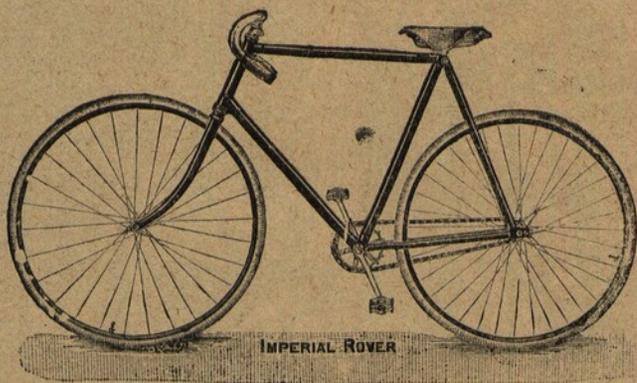
## VIDROS GRANULADOS E LISOS

VITRAES em todos os generos para *chalets*, palacetes, villas, casas, theatros, etc.

Dá todas as informações precisas — *JOÃO CABRAL* — Arco do Bandeira, 86, 5.º, E.

# IMPERIAL ROVER

Pecan cartazes illustrados  
dos "Rovers"



Fortaleza, elegancia,  
ligeireza

Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem equal.

## CASA FAVORITA

DE

**F. SANTOS DINIZ**

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 5

LISBOA, 3 DE MAIO DE 1896

1.º ANNO

## O CORONEL GALHARDO



**F**oi um dos heroes da guerra d'Africa a quem se deve em mais largo quinhão a victoria das armas portuguezas. Em um anno, o nosso poderio nas possessões do Ultramar enraizou-se e fortaleceu-se, graças á sua rasgada iniciativa, á sua pericia e estrategia como militar, á sua disciplina e ao seu patriotismo.

A sua figura ficará na historia de oiro da nação, com um alto relevo, attestando aos vindoiros o grande predominio que ficámos exercendo n'essa parte da Africa constantemente abalada por guerras e assaltos dos pretos do sertão, capitaneados por insubmissos regulos. Cedendo pois, o lugar d'honra na primeira pagina do nosso jornal ao prestante cidadão e valoroso militar, prestamos culto ás suas grandes qualidades.

A sessão da Sociedade de Geographia no theatro de S. Carlos, para a entrega da medalha d'oiro ao valente coronel Galhardo, foi uma festa brilhantissima que decorreu no meio do maior enthusiasmo. A sala, completamente cheia de tudò o que ha de mais illustre na sociedade lisbonense, apresentava um aspecto luzentissimo. Assistiram Suas Magestades e a rainha Senhora D. Maria Pia.

Foi el rei D. Carlos que abriu a sessão, tomando a palavra o sr. ministro da marinha que fallou em nome do governo. Exaltou os serviços prestados pela expedição dizendo que ella não trouxe por unica consequencia o anniquilamento de um chefe omnipotente, mas que produzira outros resultados mais proficuos ainda para o paiz, na politica colonial e na politica internacional. Foi breve o seu discurso mas eloquente.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o bravo coronel Galhardo, que foi saudado por uma estridente salva de palmas. Contou as peripecias da sua arriscada viagem, as diversas phases da campanha. Foi larga a sua exposição mas sempre interessantissima, cheia de attractivos, que prendiam soberanamente a attenção da sala.

Fallou ainda o sr. Ferreira do Amaral e por ultimo Sua Magestade El-rei que declarou ter acceitado da melhor vontade a presidencia da festa por ser para elle o pagamento de uma divida de gratidão. Aos dias amargos e tristes do seu bem curto reinado, succediam-se epochas de alegria, creadas por aquelles heroes levados do amor da patria e não movidos por premio vil.

Esta festa, que se realisou no dia 24 d'abril, terminou pela 1 hora da madrugada.

# ASPECTOS DE LISBOA

## O LIMOEIRO

No reinado de D. Fernando, o Limoeiro, conhecido então pela denominação de *Paços de S. Martinho*, do nome de uma igreja que lhe ficava proxima e da qual já não restam vestígios, apparece fazendo figura. Paço dos reis portuguezes, o palácio do Limoeiro assistiu ao adulterio de Leonor Telles com o rei Fernando, adulterio que tanto irritou as susceptibilidades do povo de Lisboa, que n'uma especie de instincto democratico então ainda mal definido, se ergueu a protestar contra a ideia do casamento de el-rei com a *comborça*, como a D. Leonor era qualificada pelo tribuno do povo Fernão Vasques. Entre aquellas paredes, se preparou em segredo a comedia que os fidalgos da côrte de D. Fernando representariam em S. Domingos, emquanto o rei fugiu com a sua amante a caminho de Santarem, para ir a Leça do Bailio celebrar o reprovado casamento, murmurando, ao ouvir os uivos desesperados da plebe, contra a feroz sanha dos *traidores*. Das janellas d'este palacio pôde a implacavel Leonor Telles, que Alexandre Herculano classificou como a *Lucrecia Borgia* portugueza, assistir á execução summaria de Fernão Vasques e dos seus companheiros de rebellião, covardemente realisada a coberto das sombras da noite, que não fosse a plebe rugir de novo, arrancando ás mãos da adúltera aquellas victimas destinadas ao cadafalso. Foi ali que o mestre de Aviz, apoz a morte de D. Fernando, veio encontrar o conde Andeiro ajoelhado

aos pés da rainha viuva, em extasis de um sacrilego amor, e, fazendo-se a um tempo o vingador dos resentimentos populares e o Messias da nacionalidade ameaçada da absorpção castelhana, assassinou sem escrupulos o fidalgo gallego, aproveitando o sangue d'esta victima da expiação para cimentar o seu throno, marchando á victoria de Aljubarrota para poder cingir a sua frente com a corôa de Affonso Henriques.

O Limoeiro tem soffrido grandes transformações; e, como se a mão do homem fosse insufficiente para o desfigurar, veio ainda o terremoto de 1755 arruinar grande parte do edificio, da qual ainda existem vestígios ao lado Norte; depois foi ampliado pelo marquez de Pombal.

Da primitiva restam ainda: a sala n.º 1, collocada no extremo sul do edificio, sala onde o mestre de Aviz assassinou o conde Andeiro, arrastando o depois para o vão da janella á qual hoje os presos se chegam a tomar ar.



ENTRADA PRINCIPAL

O conde foi ferido na cabeça por uma cutilada de D. João, junto a uma das columnas que n'esta sala servem de suporte ao tecto. Ha aqui vestigios d'um altar, que hoje serve de arrecadação de cobertores, altar cuja existencia se explica por ter sido aqui a capella do edificio, antes da sua transferennia para a sala das visitas. Esta prisão tem 739,643 decimetros cubicos de ar para 38 presos que tem actualmente. Aqui, como em todas as outras prisões, as camas são os chamados *bailiques*, camas moveis, com dobradiças pregadas á parede, á qual podem ficar arrumadas verticalmente durante o dia. Os quartos n.º 2, chamados *dos sapateiros*, porque era esse antigamente o bairro dos presos que seguiam esse officio, são todos esconsos e cobertos por um velho travejamento de espinheiro, dando aquella parte do edificio o aspecto d'um velho celleiro adaptado a prisão. No corredor vêem-se três barracos abertos no chão pelas balas da municipal que, tendo entrado pela enfermaria de Santo Antonio, atravessaram o tecto e alli se foram cravar nas paredes.

As enfermarias ficam no segundo andar, aonde nos conduz uma escada larga, de pedra, coberta de abobada em cujos patamares se agrupam os presos dos quartos n.º 1, que baptisaram o primeiro patamar com o pomposo titulo de *o nosso miran:e*. As enfermarias são tres: a de S. Joaquim, que pertence á reforma pombalina, e as de S. José e Santo Antonio, que ficou muito damnificada com o tiroeteio do dia 24. Para as enfermarias entra se' por um corredor comprido e escuro, ladeado de quartos destinados aos presos empregados n'ellas e tendo superiormente, em toda a volta, uma especie de varandim, ou de balcão, que serve para isolamento dos enfermos atacados de molestias contagiosas, e para arrecadação quando não ha doentes n'estas condições.

As camas são similares ás dos hospitaes, e a limpeza que por toda a parte se nota é irreprehensivel. Junto ás enfermarias ficam: a pharmacia, o gabinete dos medicos, e a casa dos banhos para os enfermos. A esta casa pôdem ainda ir tomar banho os presos dos quartos n.º 1. Se as commodidades são poucas ou nenhuma, pois que nem sequer ha onde se pendure a roupa, emquanto se toma banho, nem ha uma cadeira onde um homem se assente, em todo o caso sempre é bem melhor do que a casa dos banhos que ha no primeiro andar, casa infecta, sem ar, toda ella respirando aquella humidade mórbida que faz lembrar as casas-matas da torre de S. Julião.

O pateo, que se estende pelas duas areas, a primitiva e a pombalina, é reservado para os presos que queiram trabalhar no seu officio, ou a quem um outro preso queira ensinar qualquer officio. O general director concede pequenas porções d'um telheiro para que os presos empreiteiros ou mestres ahi levantem as suas barracas, para guardarem as ferramentas, a materia prima e o trabalho já feito. De resto o trabalho é pouco variado: escovas, capachos, bancos, mezas, caixas, malas, e pôde dizer se que nada mais.

O trabalho está, porém, muito dividido: um operario bate o esparto, outro corta-o, outro faz a vassoura; um prepara a madeira, outro cóla, outro préga, etc. Os salarios são desgraçados. Por muito que trabalhe um operario não poderá nunca fazer mais de dezoito vintens diarios; o termo medio dos salarios é porém apenas de doze vintens.

A casa dá aos presos pobres um par de calças de estôpa e uma camisa de riscado; roupa boa para a estação calmosa; detestável porém para o inverno. O rancho para estes mesmos presos é fornecido ás 7 horas da manhã e ás 3 horas da tarde; á hora da distribuição do rancho da manhã é tambem entregue a cada preso meio pão de munição que lhe deve chegar para o dia inteiro. Os outros presos ou cosinham por sua conta, nas salas em que ha cosinha, ou se servem do bailique do juiz, que os explora muito conscienciosamente, ou, e é d'estes o maior numero, mandam vir a comida de fóra. Vinho, para evitar as desordens que são sempre companheiras da embriaguez, apenas pôde entrar por dia na conta de 4 decilitros para cada um, salvo determinação contraria do medico — para mais ou para menos. Quanto á qualidade, apenas é admitido o vinho de pasto havendo todo o rigor para não deixarem entrar bebidas espirituosas.



VISTA EXTERIOR

HELIDORO SALGADO

# SANATORIO D. LUIZ I

**C**OMO promettemos no nosso ultimo numero damos hoje mais uma photogravura da cosinha do *Sanatorio D. Luiz I*, essa util instituição fundada por Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.

Ao mesmo tempo é nosso dever prestar a devida justiça á classe dos enfermeiros do Sanatorio que são zelosissimos no cumprimento dos seus deveres, tratando carinhosamente os doentes, acompanhando-os dia e noite, promptos a todos os sacrificios e a todas as obrigações. Esses honestos e dedicadissimos empregados são os srs. : Guilherme Eduardo Alvares, Francisco Albano de Figueiredo, José Raymundo Louzada e Antonio Ignacio.

O Dr. Garcia de Moraes director do Sanatorio, nasceu em Bragança a 3 de Abril de 1853; conta, pois, actualmente 43 annos completos.

E' filho do Dr. Francisco Antonio de Moraes, já fallecido, um dos facultativos militares mais illustres que teve o exercito, e de D. Elvira Candida Garcia de Moraes, tambem já fallecida.

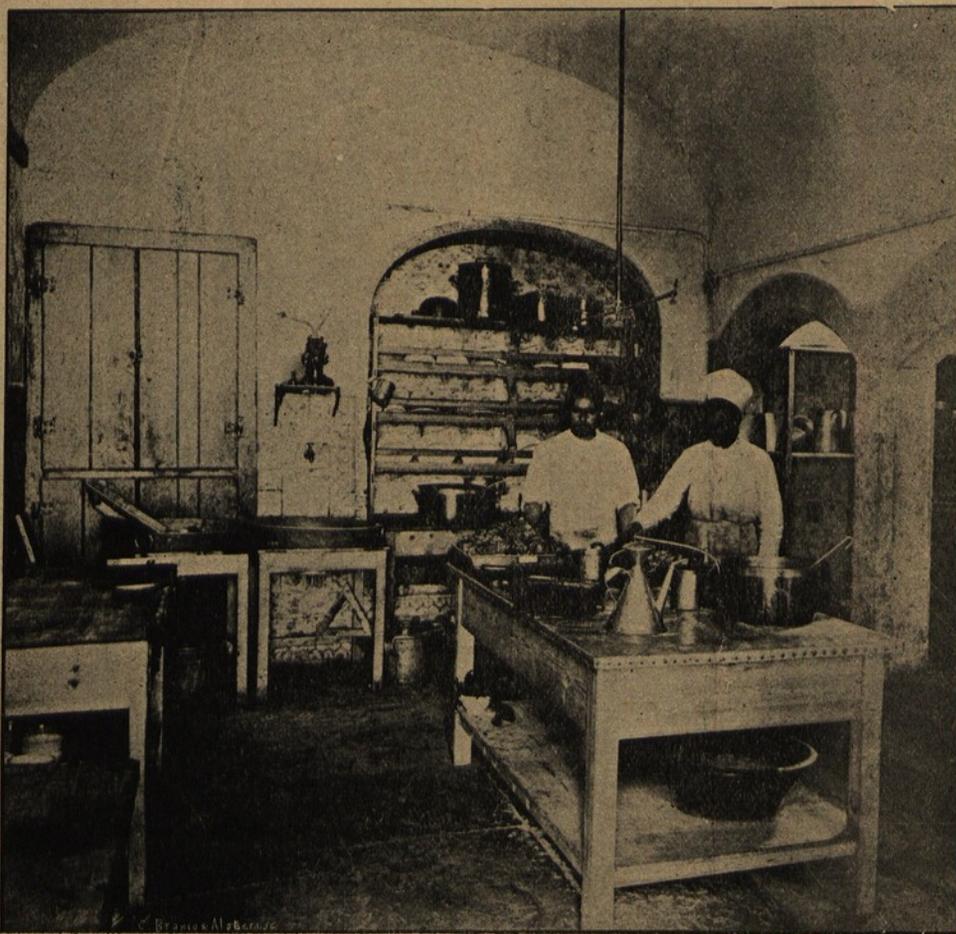
O director do Sanatorio cursou a escola medico-cirurgica do Porto, onde se matriculou no anno lectivo de 1876 a 1877 terminando o curso medico no anno lectivo em 1880 a 1881.

Assentou praça como aspirante a facultativo do Ultramar em janeiro de 1877 sendo despachado facultativo de 2.ª classe para o quadro da provincia de Cabo Verde em julho de 1881, seguindo para aquella provincia ultramarina em novembro de 1881.

No seu 5.º anno do curso medico-cirurgico desenvolveu-se na cidade do Porto uma horrorosa epidemia de variola; e, como estudante ainda prestou relevantes serviços n'essa epidemia tratando gratuitamente centenas de pessoas atacadas do terrivel mal e com tal felicidade, que não teve a lamentar nenhum caso fatal, dizendo por essa occasião o Dr. Pedro Augusto Ferreira, Abade da freguezia de Miragaya que fôra a sua estreita clinica, e que não podia ser mais auspiciosa!

Por essa mesma occasião o dr. Garcia de Moraes, revoltando-se contra a deliberação tomada por uns velhos subdelegados de Saude da cidade do Porto, os quaes aconselharam o governador civil d'aquelle districto, o sr. Thomaz Ribeiro, a que prohibisse as sessões vaccinicas, abriu-as em sua casa gratuitamente.

Vaccinou centenas de individuos de todos os sexos, de todas as idades, de todas as classes; e graças a esta humanitaria resolução a freguezia de Miragaya, a mais pobre, a mais miseravel, a mais insalubre do Porto, pois basta dizer-se que é todos os annos inundada pelas aguas do Douro, apenas contou



A COSINHA

com um limitadissimo numero de variolosos relativamente ás outras freguezias. Foi por estes serviços que El-Rei D. Luiz ordenou ao sr. Thomaz Ribeiro que em seu nome o louvasse.

Terminando o curso, e ao saberem os habitantes de Miragaya, que o seu medico ia em breve deixal-os para em Cabo Verde continuar a sua obra humanitaria, pediram ao sr. Governador Civil que intercedesse junto dos poderes publicos para que o Dr. Garcia de Moraes ficasse na metropole. Mas o sr. Dr. Garcia de Moraes fôra aspirante a facultativo do Ultramar e como terminasse o seu curso teve que embarcar para aquella provincia.

Em pouco tempo grangeou as sympathias de todos a ponto de ser verdadeiramente estimado em todas as ilhas onde exerceu a clinica.

Na cidade da Praia, logo que se soube a resolução que se havia tomado para o destacar para a ilha Brava, os habitantes dirigiram ao Governador João Paes de Vasconcellos uma representação em que se pedia a conservação d'este facultativo na Cidade. Esta representação foi tanto mais significativa quanto é certo existirem ali mais me-

dicos e entre elles alguns caboverdeanos. Mas como o teu maior inimigo é o official do teu officio, o Dr. Mora es seguiu para a ilha Brava.

Não foi difficil ao Dr. Moraes grangear a sympathia, a estima e a veneração do povo d'aquella formosa ilha, a quem prestou relevantes serviços que lhe valeram uma mensagem de agradecimento em que se punha em relevo as qualidades do medico intelligente e carinhoso e desinteressado e o grande desenvolvimento que elle deu á pratica da vaccinação. Apoz a sua permanencia ali durante 19 mezes e tendo sido já promovido a facultativo de 1.<sup>a</sup> classe foi mandado regressar á cidade da Praia para fazer parte da junta da Saude publica da provincia. Seguiu depois para a ilha de S. Vicente onde tomou posse do logar de delegado de Saude em fevereiro de 1885.

Embora os seus inimigos tentassem menoscabar o seu zelo e actividade o Dr. Garcia de Moraes elevou se no desempenho do espinhoso cargo de delegado de Saude de forma tal que mereceu sempre os louvores a estima e consideração de todos os homens de bem. A Camara Municipal d'aquella ilha reuniu-se em os Paços do Concelho da cidade de Mindello e em sessão foi approved um voto de louvor e agradecimento pelos serviços que ali prestou e ao mesmo tempo que se consignasse o sentimento de que a Camara estava possuida pela retirada d'aquella ilha de um funcionario de tão exemplar conducta.

D'aquella ilha foi o Dr. Garcia de Moraes exercer na ilha do Sal cargo identico, onde se demorou 11 mezes, durante os quaes continuou a sua obra meritoria em favor da humanidade doente. A Camara d'esta ilha quando soube que o Dr. Moraes ia ser transferido para a ilha da Boa Vista não quiz votar ao olviido a maneira verdadeiramente humanitaria e desinteressada com que sempre acudiu a prestar os soccorros da sua sciencia a todos, sem distincção de pessoas e de classes.

Não esqueceu a Camara da ilha do Sal de referir-se n'aquella sessão ao modo como este benemerito homem de sciencia se portou para com um desgraçado tripulante da barca portugueza «Humildade», da praça do Porto, que fôra victima de um ferimento produzido por uma «jamanta». . . . Sabem (diz a referida acta) que tudo fez n'este louvavel intuito (salvar a vida d'aquelle homem) e até de sua propria casa ia a dieta para o infeliz.—Nem todos sabem porém que nenhum outro sentimento, a não ser o da caridade a possuia o distincto medico, quando o viam pertinaz e constantemente ao lado do martyr doente!

Este acto e muitos outros de abnegação do sr. Garcia de Moraes valeram-lhe os mais rasgados louvores e agradecimentos da Camara da ilha do Sal.

D'esta ilha passou para a da Boavista e ali como nas outras continuou a dar sobejas provas do seu saber, do seu amor pela humanidade e da sua abnegação e desinteresse.

N'esta ilha desencadeou se um temporal medonho. Durante algumas horas choveu tanto, que toda a povoação de Salrei ficou inundada; ninguem se atrevia a sair á rua, tal foi o terror que se apoderou dos habitantes d'aquella povoação.

O Dr. G. Moraes no momento em que fechava uma janella de sua casa, viu cahir uma faisca electrica em casa do regedor do concelho, official do exercito do reino, Manuel José Monteiro; não obstante o perigo que ia correr, sahio de casa e foi soccorrer a familia do dito regedor chegando a tempo de os salvar da asphixia.

Cansado e minado pelas febres resolveu-se a abandonar aquellas inhospitas paragens para vir na metropole tratar da sua saude. Passou então para o quadro dos facultativos militares sendo collocado em caçadores n.º 1.

Passou depois para o regimento n.º 2 de Caçadores da Rainha e d'este para Artilheria n.º 1, achando-se actualmente ao serviço do grupo de baterias a cavallo de que é commandante S. A. o Sr. Infante D. Affonso, que se acham aquartelladas em Queluz.

E' cavalleiro da ordem de Christo e da de S. Thiago de merito scientifico, litterario e artistico. Com o serviço das baterias a cavallo accumula o do Sanatorio D. Luiz I, de cuja installação e direcção foi encarregado por S. M. a Rainha D. Maria Pia.

A maneira como está installado este estabelecimento, primeiro do genero no nosso paiz, sabem-no todos quantos tem visitado aquella casa de caridade, e sem duvida todos calculam a lucta gigantesca que o Dr. Moraes sustentou para conseguir tão brilhante resultado. Felicitamos S. M. pela excellente escolha que fez, que não podia ser mais digna a todos os respeitoos. O modo como se acha montado o Sanatorio, a maneira carinhosa como são ali tratados os convalescentes que parece acharem-se mais no seio da familia do que n'um hospital, a boa ordem dos serviços, o aceio e disposição elegante de todas as camaratas e mais dependencias dão a conhecer o zelo e a boa vontade do illustre medico, que tão bem soube comprehender e traduzir a grandiosidade do pensamento da Augusta Rainha, a qual já no momento em que o Porto jazia assombrado por uma tremenda catastrophe ali cahiu como enviada do ceu, a suavisar tanta magoa, a enxugar tanta lagrima, a conjurar tanta miseria...

E foi ainda esta enviada do ceu, que mais uma vez—instituindo o Sanatorio D. Luiz I que conserva, sob a sua egide—veiu provar a Portugal e ao mundo inteiro que ha de ser sempre o Anjo da Caridade.

## TENENTE COELHO



O retrato que hoje damos do tenente Coelho, um dos implicados na revolta do Porto, foi tirado em 1891, antes da partida para a Africa. Não damos um mais moderno por nos ter sido impossivel obtel-o.

O tenente Coelho, que regressou agora da Africa, depois de ter cumprido a pena de cinco annos de prisão que lhe foram dados pelos conselhos de guerra reunidos a bordo dos navios da armada no porto de Leixões, teve em Lisboa uma affectuosa acolhida por parte dos seus correligionarios politicos, sendo alvo de manifestações de sympathia no norte, para onde partiu dois dias depois da chegada.

Foi o unico que cumpriu até final o desterro que lhe impozeram.

E, se volta á metropole é simplesmente para vir buscar sua familia e voltar de novo para a Africa, onde tem servido com zelo o lugar de conductor de trabalhos no caminho de ferro.

## CANTO CONTRA A ESPERANÇA

(Do poema inédito *A Mulher de luto*).

Houve, outr'ora, um palacio, hoje em ruinas,  
fundado n'uma rocha, á beira mar . . .  
d'onde se avistam lividas collinas,  
e se ouve o vento nos pinhaes prégar.  
Houve, outr'ora, um palacio, hoje em ruinas . . .

N'esse triste palacio inhabitavel,  
as janellas sem vidros, contra os ventos,  
batem de noite, em côro miseravel,  
lembrando gritos, uivos e lamentos.  
N'esse triste palacio inhabitavel . . .

Só resta uma varanda solitaria,  
onde medra uma flôr que bate o norte,  
sacudida da chuva funeraria,  
lavada d'um luar branco de morte.  
Só resta uma varanda solitaria . . .

Como n'essa varanda apodrecida,  
em minha alma uma flôr tambem vegeta,  
toda a noite dos ventos sacudida,  
inteira, humilde, lyrica, secreta.  
Como n'essa varanda apodrecida . . .

Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio!  
e arranca-lhe essa flôr . . . Vae sem tardança!  
como um guerreiro audaz do velho Lacio  
arranca-a e calca-a aos pés—porque é a Esperança  
Vae tu, ó minha dôr, a esse palacio!

GOMES LEAL.



## À SOBREMEZA

**N**a alegria ruidosa do café, sob a luz clara que cahia dos lustres, puzeram-se a contar histórias da sua vida, com uma vivacidade que lhes trazia ao olhar uns restos ainda d'esses farrapos de mocidade descuidada, passada depressa como um fumo que se esvae. A espumante graça trazida com o *champagne* esfusiava n'uma roda viva, fazia sorrir de beatitude os que á roda ouviam e que recortavam na sua memoria casos passados, muito mettidos no fundo da consciencia e que agora vinham á luz excitados pelos vinhos.

— Ouçam agora a minha, disse o Valente, ageitando-se na cadeira e predispondo-se para a confissão. N'umas férias que fui passar á minha aldeia — era eu um rapazola vivo e irrequieto — puz-me a preencher os meus vagares devaneando sonhos com uma rapariguinha que eu suppunha um anjo capaz de compreender os meus arroubos. Tinha a cabeça cheia de coisas dos romances e via tudo pelas lunetas cõr de rosa do sr. Theophilo Gautier. N'esse tempo fazia as delicias das mulheres — e dos homens, tambem — o *Romance d'um rapaz pobre*, d'esse odiado Feuillet. Lembro-me ainda muito bem que a minha Julia — era esta a *sua* graça — se queria dar uns ares de Margarida Laroche e eu, triste de mim, tinha sentimentalidades de marquez ignorado, fazendo o sacrificio dos meus titulos ao bem estar mediano de uma pobreza envergonhada. Os meus titulos! Vocês estão d'ahí a rir. O unico que podia fazer brilhar nos meus pergaminhos era o de cabula-môr na aula de latim. Pois imaginem que vesti n'esse tempo a pieguice d'esse pobre Maximo e me puz a arrastar o sentimento reles de uma paixoneta por sob a cabelleira das arvores, contando ás aguas que corriam os meus rudes tormentos. Foram tres mezes de deliciosa e pungente amargura; julguei que na terra ninguem soffria como eu. Deus tinha reservado para esta sua creatura todas as dilacerantes torturas que é dado a um mortal supportar.

E sabem? chegou o soffrimento a um ponto tal que obriguei meu pae a r pedir solemnemente a mão da minha amada. Então choveram sobre mim todas as rosas da alegria e da felicidade; e nos ultimos dias que passei n'aldeia andava mais contente que um abbade minhoto.

Infelizmente, não ha bem que sempre dure. Chegou o dia da partida; logo de manhã cedo acordei espavorido,



JULIEN LUYRE

LEITEIRA

com a cabeça pesada de maus sonhos, parecendo sentir ainda nos ouvidos o badalar aspero da sineta do collegio, que me chamava ás aulas. Não comi nada em todo o dia.

A diligencia largava da aldeia ás cinco da tarde, quasi noite já, n'esse fim de setembro. Vejo ainda os olhos cheios de lagrimas da minha noiva adorada e sinto na testa o calor do seu beijo poisado a medo e a sua voz entrecortada de soluços:

— Volta depressa!

Não voltei no outro anno. Dificuldades de vida obrigaram meus paes a levantar arraiaes d'aquelles sitios deliciosos. Mas nem por isso as minhas cartas esfriaram na paixão que cada vez me incendiava mais o coração.

Por essa época o meu professor de latim teve uma grave doença que muito nos regosijou e d'ella foi convalescer lá para os meus sitios. Era um homemsinho de nariz afilado, amarello como uma cidra, quasi asthmatico e d'olhos azues. Foi-se... e se não lh'e fizemos um bota-fóra d'assobios foi por devoção a Santa... Palmatoria.

P'ra encurtar. Quando, dois annos depois, entrei n'aldeia, de surpresa, fui eu que fiquei surprehendido ao vêr a longa fila de trens que atrancava a rua principal e unica.

Trens no meu burgo! Grande acontecimento, em verdade. E sorria interiormente pelas chalaças que do caso tiraria, d'ahi a pouco, conversando com a minha Julia. Mas, de repente, pela portinhola de uma carruagem, entrevejo n'um fundo de estofa amarello, a amarella cara do meu professor de latim ao lado da cara assetinada e côr de cereja d'essa que, em tempos, se dêra ares de Margarida Laroche!

D'então para cá detestei ainda mais o sr. Feuillet e — aberração da natureza — fiquei tendo um respeito venerando pelos professores de latim...



## HISTORIAS PARA CRIANÇAS

### O CABO-DO-MUNDO

**Q**UANDO OS dois pastorinhos largaram da sua Aldeia, os rouxinoes ao verem lhes o lindo cabello loiro, disseram:

— «Olhai o Sol que se vai embora...» —

E puzeram-se a chorar as mais sentidas trovas que havia no seu coração.

As ovelhas do seu rebanho e mais o seu cão de gado ficaram-se no monte, maguados de aquella auzencia; e, como a tristeza entrasse de os combater, em poucos dias se finaram e os abutres consumiram os seus cadaveres.

Os dois pastorinhos loiros, ambos arrimados ao seu cajado pastoril, foram seguindo o seu caminho, embalados nos olhares no do outro, sem de leve repararem no pasmo que os seus cabellos e os seus olhos deixavam na gente que os via passar.

Para farnel de jornada, metteram flores e beijos no surrão; e, como receiavam que a sede os atacasse a meio do caminho, levaram duas gotas de agua dentro d'um chavelho doirado.

Sobre as suas cabeças ia caminhando uma estrella na direcção do poente; e, como tinham de atravessar mares e montanhas, a cauda d'ella servia-lhes de berço onde embarcaram e assim iam vencendo os perigos da jornada.

Chegaram á primeira cidade. Á Sentinella, que guardava as torres de menagem, perguntaram:

— «O' senhora Sentinella, é por aqui que se vai para o Cabo-do-Mundo?...» —

E a sentinella disse-lhes com a ponta da lança o caminho que tinham a seguir.

Aos pobrezinhas que topavam pelas estradas iam dando do seu farnel, recebendo em troca o sorriso agasalhador dos seus olhos pacificos. As feras do bosque, depois de provarem da sua merenda, iam-nos acompanhando por esse mundo além, doces como rolas. E a propria fronda das devezas se baloiçava em leque, quando elles passavam, para os refrescar do grande calor em que iam.

Chegaram á segunda cidade. Os homens de aquella terra uzavam andar nus e tinham pés de cabrito, o que era grande maravilha aos olhos ingenuos dos peregrinos.

A um Principe que se achegou, curiozo, á beira d'elles, perguntaram:

— «O' senhor Principe, é por aqui que se vai para o Cabo-do-Mundo?...» —

E o Principe olhou para as bandas do poente; e, n'uma linguagem que muito se parecia com o balido das suas ovelhas, disse-lhes que caminhassem sempre em frente.

Entretanto a linha do Ceu ia-se abaixando de tal maneira sobre elles, que por pouco as espumas das ondas, quando o olhar se embevecia, chegava a atirar-lhes com os seus orvalhos. Se elles allí tivessem á mão o mastro d'uma fragata, a que pudessem trepar, talvez chegassem ao Ceu com o dedo...

Mas, adiante dos seus passos, havia ainda muito caminho para caminhar!

Iam agora encontrando creaturas de muito diversas feições, com um braço só, trez pernas, sem cabeça, e fal-

lando por uma bocca que tinham aberta a meio do peito. E, vendo á beira d'um caminho, uma arvore a curvar-se sobre a terra, assim em ar de quem trabalhava, batendo os ramos e cantando, ficaram surprehendidos de saber que essa arvore era um cavador que andava a arrotear a sua fazenda para as sementeiras.

E assim lhe perguntaram :

— «O' senhora arvore, é por aqui que se vai para o Cabo-do-Mundo ?.. »—

E um passarinho, que ella trazia na cabelleira a prender-lhe as tranças com a garra de seda do seu ninho, respondeu-lhe que fossem caminhando n'aquelle sentido, que lá iriam dar...

Passaram mais adiante por um gato preto que vinha, á maneira de grande senhor, a sair do seu castello. E o gato, mal que os viu, tirou o capacete que trazia, descalçou os seus guantes, fez trez medidas rasgadas, e veio beijar os pés dos peregrinos...

Entretanto o Ceu abaixava-se cada vez mais, a ponto de que a rama das rozeiras tocava nas estrellas e lhes sacudia o pó... E de tal maneira o Ceu se ia abaixando, que a luz dos seus cabellos confundia-se com a luz d'elle parecendo tudo uma grande labareda de oiro a destrançar-se. Se tivessem alli á mão um tapete de seda, onde pudessem poizar, decerto que os seus labios chegariam á Via-Lactea e provariam de seu leite...

A uma certa altura da jornada, porém, quedaram-se de repente, captivos d'uma linda musica que lhes fazia o andar mais leve. Diante das suas passadas abria-se agora, de subito, uma garganta de fogo, como a bocca d'um vulcão, d'onde vinham lavas aromaticas e, ao mesmo tempo, uma tal frescura de crvalhos, que parecia ser aquillo uma fogueira a arder n'um rio d'incenso...

Extasiados de tão grande maravilha, e vendo que a estrada se cortava alli inesperadamente, os dois pastoreiros pregararam os seus cajados no chão e deixaram-se ficar a ouvir a musica que os acariciava...

Comeram as ultimas migalhas do seu farnel, que eram dois beijos quebrados e a semente d'uma flor; e, encostando as loiras cabeças ao galho dos seus cajados, adormeceram.

A musica não cessou de orvalhar sobre elles, como se fosse uma nevada de beijos a peneirar sobre as suas frentes adormecidas. O seu cabelo, como as brisas o agitasse, topava com a face do céu. Não sei dizer de que tecido delicado seria feito o seu sonho, nem de que pedras preciosas seria construido o seu palacio de chimeras...

Só sei que, ao outro dia, uma linda morena, de manto azul, se chegou aos dois peregrinos adormecidos, trazendo ao peito um rico broche de sete diamantes. E, tocando-lhes de leve nos hombros, assim os despertou :

— «Olá, bons velhinhos ! Quem vos trouxe por estas terras ?.. »

E elles ficaram-se deslumbrados de ver aquella estatua de luz a fallar-lhes !

— «Largámos hontem da nossa Aldeia, á procura do Cabo-do-Mundo... Mas quem sois vós que nos fallais assim ?.. »

Os sete diamantes do broche fizeram-se em sete estrellas, do feitio de punhaes.

Era Nossa-Senhora.

— «Não foi hontem que partistes — lhe disse ella. — Ha já um seculo que chegastes aqui ! Reparaí nos vossos cajados... »—

E quando os dois pastoreiros se voltaram, viram atraz de si, em vez dos seus bordões, duas grandes arvores, cheias de rama e de ninhos ! Maior foi o seu espanto ainda, quando, sobre o espelho d'uma corrente de agua que alli corria, viram retratadas as suas figuras, corcovadas e encanecidas, que ambos por um momento julgaram estar vendo o retrato do Prior da sua Aldeia... A agazalhar-lhes os pés, havia um basto frouxel de flores, que uma semente esquecida do seu farnel alli fizera nascer...

— «Ouvis aquella muzica ?.. »— perguntou-lhes Nossa-Senhora. —

— «Foi ao som d'ella que adormecemos... »—

— «Pois é lá o Ceu... »—

E, quando iam a narrar-lhe as coisas da sua jornada, as suas fallas principiaram a cazar-se á muzica do Ceu, de maneira que, de alli até lá, as suas palavras foram um roزاریo de harmonias, a desfiar-se, a desfiar-se aos beijos...

ADOLPHO PORTELLA.



EM ALPIARÇA

## NO CAMPO

PELOS calores que cahem, como brazas, do céu, é grato ao corpo estirar-se á beira d'agua, ouvil-a correr em cristallinos fios, acompanhando a muzica festiva da passarada no arvoredado. Em Lisboa, poucas leguas em redor, tirante Cintra, nada ha de fresca sombra, como lá p'ra cima, logo ao sahir do Porto para qualquer banda. Aqui, esta payagem arida do Ribatejo, onde o sol calcina as terras, é aspera e seca como um deserto — em que peze aos lisboetas, *bons amigos* lá d'esse Norte decantado como um paraíso terreal. Porque a verdade deve estar acima de tudo, não é assim ?

O que não quer dizer que não haja por ahi, em recantos ignorados, pequeninos tuffos d'arvores que são lindos, mas tão rachiticos — meu Deus ! — tão minusculos ! Esse pedaço d'Alpiarça, arredores de Santarem, onde as oliveiras põem uma grande mancha de tristeza ás horas do crepusculo, — é de veras encantador, com o seu filete d'agua, onde as lavadeiras batem a roupa cantando.

Ha ainda essa tira d'estrada que se estende por todo o encantado valle de Santarem, onde morava a *menina dos olhos verdes* de Garrett. Bella, em verdade.

Mas a larga e uberrima natureza do norte, que se expande a um sol de brilho mais claro e acariciante, é mais grandiosa, mais poetica; vae mais direita á alma dos sonhadores.

Todo esse concelho da Maia, ahi logo ás portas do Porto, que bellos panoramas não desenrola aos olhos dos turistas ! E vejam esse troço d'atalho, por onde e de volta do rio, veem as mulheres com as bilhas á cabeça e de trouxas de roupa fresca sob o braço.



EM VALLADARES (photographia de E. Biel)

faz aspirar as emanações doentias d'este ambiente môrno. Vamos vêr, pelas veigas, mugir o leite ás vaccas; ouvir a eterna harmonia das coisas na calada da noite, soluçar a grande melancolia da saudade. A solidão é duplamente a amiga das tristezas e das alegrias; os que choram e os que noivam encontram sob a fronde das arvores vastas horas de quieta recordação ou de delicioso enlevo.

Ao campo! ao campo!

Oh, caros amigos, por estes calores que sopram como da bocca de um forno, como é grato ao corpo estirar-se n'um sitio que eu cá sei, entre a Trofa e Santo Thyrso, com o Ave a correr manso, entre salgueiros.

Mas, campo, seja onde fôr, melhor é sempre qua a cidade. Toca a raspar pois para o arvoredo, toca a safar d'estes barulhos ensurdecedores das officinas, dos pregões, do rodar das carruagens, para os sitios ermos, onde, n'estas noites brancas de luar, cantam os grillos e perfuma o ar o aroma dos laranjaes.

E pois que os perfumes d'estas noites çalmas se encontram a jorros no pleno ar dos campos, pu-ros e lavados, as familias vão aprestando as suas malas, e tudo foge d'esta poeira das cidades que sécca as guellas e, em redemoinhos pelo ar, nos

## THEATROS

D. AMELIA — A COMPANHIA ROSSI — EMANUEL

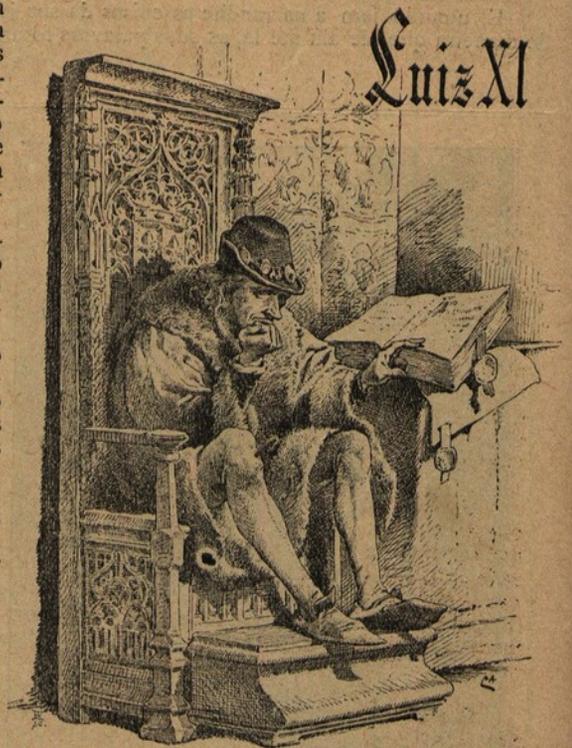
**B**ASTAS noites a linda sala de espectaculos, toda florida d'ouro, tem estado quasi erma. O publico que deveria galgar em ondas dos cerros em que se alcandoram os bairros altos da cidade e do coração das ruas e praças centraes refluir em turba a sagrar com votivos applausos e offegantes ovações, n'um paroxismatico delirio de entusiasmo, o trabalho assombroso, os stellares rasgos de genio do grande tragico, conserva se pouco menos que indifferente e não ha ironia por corrosiva e mordaz que logre despertal-o d'essa hibernação em que vive.

Decerto que a precoce temporada vernal que atravessamos em que, por quentes já as noites, appetece a fresquidão balsamica dos jardins e avenidas onde um filete de luar azula e treme, rouba uma certa vida aos theatros, mas isto é principalmente devido á descerebração completa, á falta de cultura artistica, á esthetica primitiva do maior numero que no theatro quer ter um museu do nú e lá poisa apenas para alegrar a digestão, ou cultivar o banal *flirt*, incapaz de gosar o fino regalo de uma sensação artistica, e guardando a flôr dos entusiasmos em que as suas almas asperas como calhaus e os seus cerebros leves como estopa, porventura se abrem para algumas coplas novas do Brasileiro Pancracio.

A companhia deu-nos já, depois do *Rei Lear*, a cujos cumes olympicos a critica mais audaz sente vertigens se tenta acompanhar Emanuel, *Hamlet*, *Patria*, *Nero*, *Mercador de Venesa*, *Mercadet*, *Kean*, *Rantzau* e *Luiç XI* além dos dois actos truncados do *Alcibiades* e da *Morte d'Arduino*.

Nos dois actos do *Hamlet*, no 2.º e 3.º, Emanuel é supremo.

Certo, Irwing, cujo trabalho no acto do cemiterio, particularmente na scena dos coveiros e monologo de Iorik, raia pela obra prima, não consegue elevar-se á maravilhosa interpretação dos dois actos de Emanuel. A alma philosophica do *Hamlet* incarnou-se n'este Os nevoeiros de fingida loucura, a constante indecisão, o sarcasmo que se estorce n'um soluço, a duvida amarga, a ironia cambiante de doçura, a inquieta delirida imaginação, as visões doentias, é tudo dado com um poder impressivo inultrapassavel e com uma simplicidade humana e commovedora. Já a sua caracterisação é como que um retrato psychico em que a propria pallidez da face

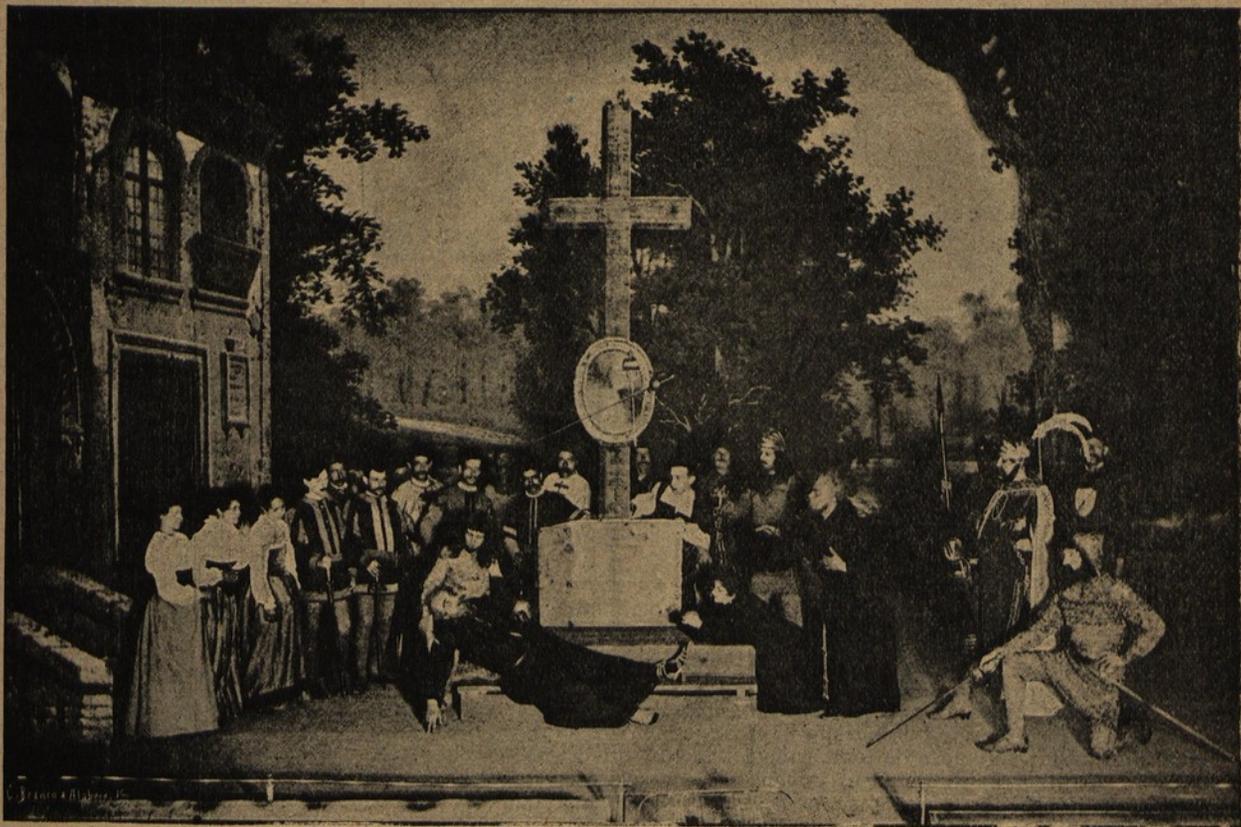


Rossi no *Luiç XI*

estampa a morbida sensibilidade e o olhar trahé a vaga allucinação. Como foi que Emanuel conseguiu este effeito? Estar-se-ha em frente d'um resultado obtido apenas por uma intuição genial ou acaso será o actor tambem um critico sagaz da obra de William? Certo o é quem esboçou de tal sorte o monologo e o dialogo com Ophelia e a scena com os comediantes, pois sobre *advinh. d. o, o comprehendeu.*

Schylloc synthetisa com os monomanos de Balzac, Gobsek, Grandet e Mercadet a paixão da avareza, o amor do dinheiro, ponto nodal de toda a tragedia moderna.

Por isso Emanuel na modalidade com que reveste a interpretação do mercador veneziano e do negociante parisiense mostra que comprehendeu a differença que, comquanto da mesma raça, existe entre elles, mais deformados pela marca indelevel d'uma velha civilisação os ultimos, respirando um ar viciado já por muitas gerações humanas.



Emanuel na scena de morte, final do *Arduino*

Na *Patria*, a melhor peça de Sardou, cuja intensidade dramatica é só comparavel na dramaturgia d'este seculo ao *Torquemada* de Hugo, deu nos Emanuel o aristocratico e altivo La Tremouille, ao par e passo que humanisava ainda mais do que Novelli o *Kean*, vestindo o fato da epocha e fazendo admiravelmente a scena da taberna e aquella em que á candida e ingenua rapariga descobre toda a miseria da profissão theatral.

Nos *Rantzau*, uma deliciosa peça cheia da simplicidade do *Amigo Fritz* e onde ha, como em toda a obra dos fecundos romancistas alsacianos, um profundo conhecimento da vida de provincia, o grande actor detalhou magnificamente o combate psychologico travado entre o seu orgulho e o seu odio, que por fim se sacrifica ante o amor pela filha; no *Alcibiades* recortou o pagão amoroso e deu-nos na scena final da morte de *Arduino*, um trabalho de primeira ordem. E' esta magnifica situação que representa a photogravura que damos, copia d'uma photographia que, para o *Branco e Negro*, expressamente tirou á luz intensa d'um relampago de magnésio, o sr. João Coutinho. A Emanuel consigno aqui o meu agradecimento pelas palavras especiaes que me dirigiu no convite para a recita dedicada á imprensa e pela amabilidade em pousar para o cliché.

No *Luiz XI*, a velha tragedia de Delavigne tive occasião de vislumbrar melhor os recursos dramaticos de Rossi que é um actor consummado, d'uma naturalidade que encanta e tem muito de commum com o nosso Taborda. A sua cara um pouco á Luiz XI dá perfeitamente o typo que, d'*après Cummines*, tinha o implacavel inimigo da nobreza, o monarcha que, com D. João II de Portugal vibrou mais fundo golpe ao feudalismo, o vencedor d'esse sanguinario Guilherme de Borgonha, cuja revindicação de origem portugueza não é muito de molde para envaidecer-nos. Inteiramente deturpado por Delavigne o character do grande francez, do ins'gne politico, arguto e sagaz é melhormente dado por Rossi que o apresenta mais traiçoeiro e velhaco, mais dissimulado e poltrão, ao passo que Novelli carregando menos as tintas no seu desenho nol-o dava mais muito colerico mas muito menos hypocrita.

O sublime interprete do *Rei Lear*, que nos deu o extasiante gozo d'uma arte sem mistura despede-se hoje de nós. Essa força de emoção, de pathetico, de naturalidade prodigiosa e intensa espalhar-se ha por outros logares, irá acordar vibrações intensas n'outros systemas nervosos e emquanto Emanuel percorrerá as estações da Europa e da America, seccarão em nossas faces, ao riso idiota do *vaudeville*, á mesquinhez da comedia burgueza, as lagrimas que elle fez correr ao sopro do barbaro e divino Sakspeare e que tremem ainda ao canto de tantos olhos.

# PASTORAL



Ai, como é interessante para nós o vel-os, aos humildes pastorinhos, lá pr'ó cair das tardes, descencionando os cerros com as grandes rebanhadas adeante. Porque elles teem a alma dos simples, que Jesus adora; este manda-lhes então do horizonte empalidecido, suaves beijos, nos labios violeta-desmaiada das radiações crepusculares.

Beijos de larga mancha luminosa, que se fixam nas roupagens rôtas dos pegureiros, amorosos, delicadissimos, sub-tis, como se temessem despertar esses humildes dos humildes da sua meditação pelo cerros em fóra, com as grandes rebanhadas adeante. Pastores... Raça sublime que se vem perpetuando desde a primeira hora da terra, santificada pela symphonia alegre e vibrante da Natureza livre, que constantemente envolve os seus felizes filhos desde a primeira luz da manhã á ultima

estrella da noite. Felizes, pois são elles os unicos que gastam o clarão dos dias para se absorverem em toda a belleza da solidão virginal e arrebatante dos campos e das montanhas!

\*

— Vamo-nos embora... E para a frente impelle os carneiros mais atrazados, as ovelhas mais preguiçosas. — Vamo-nos embora... E o cordeirinho branco, pequenino, mansito, o ser mais afortunado do rebanho, vae levado no colo do pastor, que gosa de toda a tepidez inebriante d'aquelle velludo branco, que parece ter as maciezas biblicas do santo cordeiro de Deus. A espaços, o cordeiro ergue para o seu amigo um penetrante olhar de irmão agradecido. E a *Tinhosa*, que é sua mãe, lá vai. coitada, marchando a par dos dois, deveras tropega na sua velhice, mas contente, feliz, porque o filhito vae ao colo...

\*

*Dlim, dlim, dlim.* A rebanhada trilha, a dois e a tres, o serpenteado branco dos carreiros. Já vem pairando pelos espaços o sentimento estrellado da eterna viuvez da Noite.—Toca lá pr'a *diênte*, diabo! Tens a mania de ficar sempre pr'a traz .. E bumba: vae logo uma cajadada a adormecer pelo costado da *Tinhosa* que, de velha e tropega, nada caminha. Então o cordeirinho branco, pequenino, mansito, ergueu para elle um novo olhar, mas d'uma expressão amarga, que parecia querer dizer-lhe:

— Olha que é minha mãe!!

Aligeira-se um pouco mais a ovelha, sacrificando a sua dôr physica á sua immensa satisfação moral. Perdoava com jubilo, porque o *Tónio* levava-lhe o filhito que não podia marchar a pé com todos, coitado...

\*

Junto á poça do tio Ignacio todo o ovelhum desviou para lá, afim de beber. E na lama se emporcalharam até volverem ao atalho, já com os bandulhos replectos de agua semi-podre, largando d'ali para logo entrarem ligeiros na aldeia, que se lhes escancarava esfumada na treva como ruinarías de empoado quadro antigo. Iam *dlim, dlim, dlim*, em grande barulheira, ao entrar no aprisco. E enquanto que os outros se aninhavam para toda a noite, o cordeirinho que tinha no seu velludo branco aquellas maciezas biblicas do cordeiro de Deus, punha-se a sugar a vida á flôr das tetas humidas e avermelhadas de sua mãe. De lado, ella muito queda e contente, offerecia-lhe com mil amores o lacteo alimento das suas glandulas. Entretanto, o cordeirito descançava aos poucos, a olhar petulante para os companheiros, deliciosamente infantil e baboso de leite...

Vizeu

A. CAMPOS.

Agora que as nesperas loirejam no mercado, vem a proposito dar aos nossos leitores a traducção de um engraçado rifão hespanhol, que resa assim:

Quem nesperas come,  
Quem bebe cerveja,  
Quem espargos chupa,  
Quem velhas beija,

Não come,  
Não bebe,  
Nem chupa,  
Nem beija.

# VELOX SPORT



Tanto é leve a bicycleta,  
Que Burromeu Vaz Bombinhas  
Conseguiu chegar á meta,  
A cavallo nas rodinhas.

Deu tão fortes pedaladas  
Que, em tres saltos, n'um momento,  
Chegou ás aguas furtadas  
Do celeste firmamento.

E entrou tão lesto e lampeiro  
No mundo desconhecido,  
Que até São Pedro, o porteiro,  
Ficou, ao vê-o, entupido.

A Eterna Paternidade  
Gritou então, vindo ás boas :  
— A Santissima Trindade  
Ficou com quatro pessoas !

ESCULAPIO.

# O CASO DA AVENIDA



Constancio Roque da Costa



Capitão Gomes da Costa

É conhecido já, pela minuciosa narração dos jornaes diários da capital este caso sensacional que, na vida pacata de Lisboa, acordou uma grande emoção.

Nós, que não estamos filiados n'uma ou outra facção n'esta triste e lamentavel circumstancia, damos, com os retratos dos dois contendores, as versoes d'ambos os campos contrarios.

Um jornalista entrevistou o sr. Constancio Roque da Costa que lhe deu a seguinte explicação do caso:

«Hontem, pelas 5 horas da tarde, desci a calçada da Gloria no elevador. Atravessei para o talhão fronteiro a esta rua encontrei ao dar os primeiros passos sob as acacias da Avenida o sr. dr. Evaristo Brandão, que convidei a acompanhar-me para passeiarmos e conversarmos.

E foi n'esse momento...

— Pouquissimos minutos depois ouvi estas palavras: «Cá está o Roque da Costa». Voltei-me. Vi o sr. Raphael de Andrade e o sr. Gomes da Costa. O primeiro approximou-se e ia dirigir-me a palavra, quando o sr. Gomes da Costa se lançou sobre mim com a bengalla erguida, descarregando-me uma pancada na cabeça...

— Vejo que v. ex.\* tem uma ligeira echymose na testa...

— O chapéu aparou o golpe. Recuei para junto de uma arvore e intimei os individuos que estavam na minha frente a que não avançassem.

— E elles?...

— O sr. Gomes da Costa lançou-se de novo sobre mim. N'este momento alguem me agarrou pelos hombros desequilibrando-me. Cahi de costas. Metti então a mão na algibeira, tirei um revolver e como o sr. Gomes da Costa continuasse a agredir-me, desfechei. Vendo-o ferido e lembrando-me da grande quantidade de gente que enchia áquella hora a Avenida, desfechei para o ar os dois tiros restantes, receiando tambem que, se me arrancassem o revolver das mãos, a arma se tornasse offensiva...

— Foi então que se feriu?

— Foi. Na posição forçada em que estava, uma das balas alojou-se-me na mão. Comprehende-se: de costas, nervoso, segurei mal a arma e tapei, talvez, com a palma da mão, a bocca do cano.

— Admira que a bala não lh'a varrasse...

— O revolver era velho e gasto.

— V. ex.\* conhece a pessoa que o agarrou?

— Não, senhor. Nem as testemunhas presencias a conhecem. Devo dizer-lhe de passagem, que não tenciono publicar no *Universal*, de que sou director, uma unica palavra sobre o assumpto.»

As *Novidades*, por seu lado, contam assim as causas determinantes do encontro e a scena que se lhe seguiu:

«Hontem de tarde, por volta das cinco horas e meia, deu-se na Avenida um conflicto sangrento, que parece ter tido como causa determinante, immediata, um lastimoso equivoco, embora o mesmo equivoco tenha sido previsto e calculado por um dos protagonistas, que prudentemente o devia ter evitado.

A versão, que damos, corrige algumas inexactidões e omissões dos jornaes da manhã, e procurámos apural-a com o maximo rigor de verdade e imparcialidade.

O sr. conselheiro Raphael de Andrade tinha ido visitar seu primo, o sr. Antonio de Andrade, e saído de casa d'elle, áquella hora, desceu a Avenida, dirigindo-se para o elevador da Gloria. Acompanhava-o o sr. capitão Gomes da Costa, que com elle regressou da India ha tres dias.

Estavam esperando a partida do elevador, e conversavam com duas pessoas do seu conhecimento, quando no passeio proximo appareceu o sr. Constancio Roque da Costa, redactor do *Universal*, e que n'essa folha tem agredido os srs. Raphael d'Andrade e Gomes da Costa, na sua honra de funcionarios e na sua vida de particular, com uma violencia que é desnecessario accentuar.

O sr. Gomes da Costa, que não conhecia bem o redactor do *Universal*, chamou a attenção do sr. Raphael de Andrade, dizendo-lhe: «parece-me que é este o Constancio.» O sr. Raphael de Andrade affirmou-se na pessoa indicada, e verificando ser a propria, dirigiu-se ao sr. Constancio Roque da Costa, e disse-lhe:

— O sr. Constancio, preciso dizer-lhe duas palavras.

O sr. Constancio voltou se, e prevenindo uma aggressão provavel do sr. Raphael de Andrade, recuou um passo puxou por um revolver, que trazia no bolso do peito, e apontando-o sobre o sr. Raphael de Andrade, gritou-lhe: se avança, mato-o. O sr. Constancio ia acompanhado pelo sr. dr. Evaristo Brandão, que com um braço procurava evitar o conflicto, desviando o sr. Raphael de Andrade.

O sr. Gomes da Costa, que nada dissera nem fizera, quando viu o sr. Constancio de revolver aperrado, precipitou-se sobre elle, derrubou-o n'um momento, só com as mãos, e pondo-lhe um pé sobre o ventre, contam alguns que lhe dissera: eu devia esmagal-o, seu canarim de m...

O sr. Constancio, então, derrubado, fez fogo com o revolver, indo a bala cravar-se na parte superior da côxa direita do sr. Gomes da Costa, que, sentindo o tiro, tratou então de descarregar algumas bengaladas sobre o sr. Constancio; este, levantando o braço esquerdo para aparar as pancadas, disparou segundo tiro, indo a bala atravessar a sua propria mão esquerda; disparando ainda um terceiro tiro, que se perdeu.

Com a affluencia de gente que aos domingos, e áquella hora, ha na Avenida, esta scena passou-se muito mais rapidamente do que nós gastamos a contal a. Os circumstantes, que acudiram, separaram os combatentes. O sr. Gomes da Costa conservava-se de pé; mas a bala parece que lhe offendeu algum vaso importante, porque o sangue saia-lhe em jorros. Ainda se sentou n'um banco, respondendo com serenidade, que não era nada, mas foi logo particular. Foi acompanhado pelo sr. Raphael de Andrade, que lhe tomou o quarto, e por um policia. Com a perda do sangue, desfalleceu durante o trajecto.

O sr. Constancio foi desarmado e preso pelo aspirante de marinha, o sr. Telles de Vasconcellos, e pelo sr. Alferes Carvalhal, de caçadores 5. Um policia apanhou-lhe o chapéu e a bengala, que estavam no chão, e com mais dois guardas conduziu-o á estação policial da Avenida. D'ali foi mandado n'um trem para o hospital de S. José, a fim de lhe fazerem curativo, e lá ficou tambem em quarto particular, porque o respectivo medico se oppôz a que fosse transferido para a enfermaria do Limoeiro.

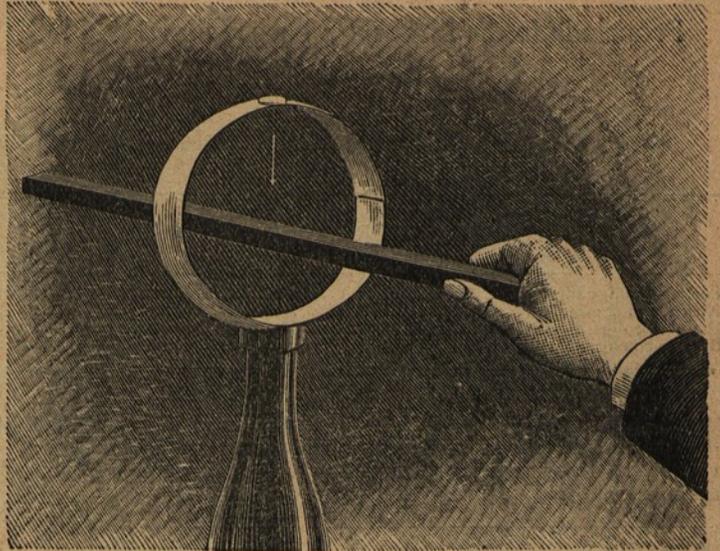
Taes são os pormenores do conflicto em si, como escrupulosamente procurámos averigual-os.»

Eis as duas versões sobre este triste acontecimento que, felizmente, parece não ter trazido as graves consequencias que a principio se receiavam.

# SECÇÃO RECREATIVA

## EXPERIENCIA

Corta-se uma tira de papel-cartão de 12 a 15 centímetros, e unem-se os extremos, de modo a formar um cylindro, que se põe em equilibrio na bocca d'uma garrafa; na parte superior do cylindro colloca-se uma moeda, que lhe caiba pela bocca. Trata-se então de deslocar a tira de papel e de fazer entrar na garrafa a moeda, sem se lhe tocar. Para isso basta dar ao cylindro um impulso violento, em sentido horisontal, de dentro para fóra, como a gravura está indicando.



(Extrahido da obra em publicação, *A Chave da Sciencia*, de Travassos Lopes)

## PELO MUNDO

Para repousar o cerebro. Ha um processo muito simples para repousar a vista e a cabeça, fatigadas pela applicação a um trabalho assiduo. Todos os que se entregam a occupaões intellectuaes ou artisticas sentem, ao fim de um certo tempo, uma especie de cansaço physico, que perturba momentaneamente o pensamento e a vista.

Para prevenir este mal estar deve interromper-se o trabalho de hora em hora, pelo menos. Depois, colloca-se a mão sobre a linha das sobrancelhas, apoiando o pollegar e os dedos estendidos sobre as fontes, que se apertam levemente. Os olhos não se devem fechar.

Ao fim de alguns minutos de silencio e de immobildade, a vista está mais repousada e o espirito recuperou toda a sua elasticidade.

×Duello de locomotivas. A locomotiva representa um grande papel na imaginação dos americanos. Os partidarios das locomotivas electricas e a vapor discutiam furiosamente em Chicago quando lhes veio á ideia intentar um duello entre as duas machinas representativas de cada typo. Ligaram-se as duas machinas e, a um signal dado, fizeram-as partir em sentido contrario. A locomotiva electrica foi vergonhosamente arrastada pela sua rival a vapor. Perderam-se e ganharam-se n'este desafio apostas fabulosas.

## NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

RAMALHO ORTIGÃO

## O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

## COISAS UTEIS

### O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.ºs 2, 3, e 4 do nosso Jornal)

DOMINGO. — Purée de grão. Filetes de pescada com molho de tomate. Costeletas de porco com purée de batata. Vitella estufada com cebolinhas e cenouras. Espargos com molho branco. Doce — Puding economico.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de talharim. Pescada cosida com batatas. Frango com ervilhas. Bifes panados com macarrão. Esperregado d'espinafres com ovos cosidos. Doce — Pasteis de nata.

TERÇA FEIRA. — Sopa de pão á portugueza, com hortaliça. Frituras de gallinha. Linguado cosido com molho branco. Assado: alcatra, com salada de chicoria. Ervilhas á ingleza. Doce — Puding de pão.

QUARTA FEIRA. — Sopa de cevadinha. Pastelinhos de batata com recheio de carne. Goraz cosido com batatas. Costeletas de vitella grelhadas com esperregado de azedas. Nabos cosidos com molho branco. — Doce de morangos.

QUINTA FEIRA. — Sopa de hortaliça com substancia de carne. Ruivo de caldeirada. Chispe de porco com nabos. Peito de vitella recheiado, com purée de ervilhas. Salada de batatas com ovos cosidos. Doce — Sonhos de maçan.

SEXTA FEIRA. — Purée de feijão encarnado com azedas. Pasteis de bacalhau. Eirozes com ervilhas. Peixe espada frito com salada de alface. Pastelão de ostras. Doce — Arroz doce.

SABBADO. — Sopa de arroz. Pasteis de massa folhada com recheio de camarão. Carneiro guizado com batatas. Borracho assado com agriões. Feijão verde com manteiga. Doce — Leite crême com palitos de la Reine.

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

**B**ARBOSA DE MAGALHAES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1\$000 réis. Enc. 1\$200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

**R**OMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmento, 1 vol. de pag., 100 réis.

**A**LVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje proferido por este grande orador, 300 réis.

**N**ESTE VALLE DE LAGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br, 500 réis.

**C**OLLECÇÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

**O**BRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amator, em papel de linho, a 1\$000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

**E**SGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000.

**N**A AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

**E**PILEPSIAS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$200 réis.

**G**YMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1\$000 réis.

**R**OMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECÇÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

**O** DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

## ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE



Por OCTAVIO FEUILLET, traducção de CAMILLO CASTELLO BRANCO, 1 volume, edição de grande luxo, ricamente illustrada. PREÇO 3\$200 RÉIS.

A' venda na Livraria PEREIRA — Rua Augusta, 50 a 54 LISBOA.

# BRANCO E NEGRO



AMOR E PSYCHÉ, quadro de J. V. SALGADO  
(premiado no *Salon* de Paris)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 6

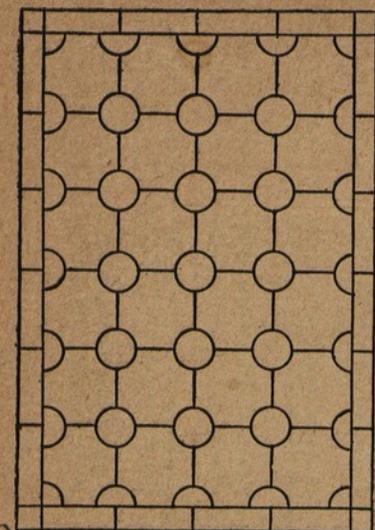
# VITRAES

P.A.P.A

Egrejas e Capellas. — Figuras e Emblemas Religiosos

*PINTURA A FOGO INALTERAVEL*

Imitações dos vitraes em *grisaille* dos seculos XII e XVI



Aos Ex.<sup>mos</sup> srs. parochos e proprietarios de capellas, recommendamos este bello genero de decoração de edificios religiosos, tão adoptado nas egrejas de França, Italia, etc., não só pela sua elegancia e recolhimento que dão aos templos, mas pelas condições especiaes de pagamento em que fabricamos os vitraes religiosos.

Preços por metro quadrado.

## VIDROS GRANULADOS E LISOS

VITRAES em todos os generos para *chalets*, palacetes, villas, casas, theatros, etc.

Dá todas as informações precisas — *JOÃO CABRAL* — Arco do Bandeira, 86, 5.º, E.

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paises da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

**B**ARBOSA DE MAGALHAES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1\$000 réis. Enc. 1\$200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

**R**OMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmento, 1 vol. de pag., 100 réis.

**A**LVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje proferido por este grande orador, 300 réis.

**N**ESTE VALLE DE LAGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br. 500 réis.

**C**OLLECÇÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

**O**BRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amator, em papel de linho, a 1\$000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

**E**SGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000.

**N**A AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

**E**PILEPSIAS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$200 réis.

**G**YMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1\$000 réis.

**R**OMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECÇÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

**O**DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 6

LISBOA, 10 DE MAIO DE 1896

1.º ANNO

## ARRABALDES DE COIMBRA



Logo ao sahir da cidade dos estudantes, p'ra qualquer banda que se vá, a paisagem é sempre deliciosa. Ali mesmo no centro, esse encantado Choupal, correndo por uma beira do rio, com grandes arvores que dão uma fresca sombra e ruas aromadas; atravessando o rio, mesmo n'aquelle ponto, um pouco para cima da *Memoria* fica-nos do lado de lá, a dois minutos, a Bemcanta, S. Martinho, Corujeira; e mais para diante, Taveiro, onde ha cada anno uma alegre romaria ao sol. P'ra outro lado, Cellas, Santo Antonio dos Olivaes, onde se vendem pela festa annual, as campainhas de barro vermelho de todos os tamanhos e os moringues para creanças.

Depois, os costumes d'aquella região, e os usos, são diversos. Typicas, as festas ao S. João, com *jogueiras* enfeitadas de buxo onde se dança, até altas horas, ao som de violas e de cantigas expressamente feitas para a occasião por bardos populares e por estudantes. Já morreu um dos principaes interpretes dos sentimentos do povo, — o Adelinho Veiga, que teve aura nos ultimos dez annos. Esse tinha dedo especial para estas coisas; os seus cantares corriam mundo e muitas vezes passavam por ser a musa anonyma do povo, tão caracteristicos eram e tão simples.

Que noite serena!  
Que lindo luar!  
Que linda barquinha  
Eu vejo no mar!...

E ao som gemente da viola, os pares torvelinham, estudantes com tricanas, artistas, toda a mocidade radiosa e despreocupada.

Ao raiar d'alva é da praxe ir beber á Fonte dos Castanheiros a agua milagrosa, que traz noivo ás raparigas. Estrada da Beira acima, passando ainda alem da Arregaça, os bandos vão, quando o dia já clareia no céu, cantando e rindo, n'uma folia desordenada e doida.

Com a penna e a prata se mata,  
Sem o oiro se pode passar,  
Com o cõbre se come e se bebe...  
Vivam as moças que sabem valsar!

Passada a folgança d'estes dias, volta Coimbra aos seus habitos costumados, que são ainda dignos de nota, e curiosos. As mulheres usam o chale traçado sob o braço e nunca o largam; com elle vão á fonte, com os cantaros de lata, de forma original, e com elles vão ao rio, lavar roupa. Pelo caes adiante, desde a Portagem até ao Choupal, quem se debruce nas grades vê essa comprida fila de mulheres, curvadas na areia, batendo a roupa. E quando chega o verão, e que o rio vae secco, — só uma fita d'agua do lado de lá, muito rente aos choupos, — começam de levantar-se as barracas n'agua, para os banhos, e os trapezios e as baiucas de comidas, no meio d'areia.

# SALÕES ARTISTICOS

—REY COLLAÇO—



Foi n'uma tarde de domingo, em que havia sol e toiros, que eu fui surprehender a meio d'uma serena religiosidade de sonho, esse grupo de beneditinos, que, vae para tres lustros, remam contra as más márs do publico, n'uma ancia de requintada arte, para apurar o sentimento esthetic d'esta dessorada turba que prefere aos altos vôos da divina musica, os estafados sons de um piano da Baixa, erguendo para o céu das illusões e dos devaneios pelintras, o guinchar rachado do *Vorrei morire* de Tosti e a melancolica e piegas *Prière d'une vierge*.

Risonha e recatada, a casa de Rey Collaço, n'uma rua erma d'esse bairro da Pampulha, tão rumoroso á semana e tão parado n'esse domingo luminoso, appareceu-me por entre as arvores de um jardinsinho, com alguma coisa de perfumado como um riso de noivos. Logo da porta, muito enterrado no fundo, afogado por tapetes, o som da musica chegava-me aos ouvidos, como perdido n'um alto côro de igreja; e essa intraduzivel sensação de saudade por alguma coisa ida que se experimenta sempre ao ouvir a arcada de um violino tirar das cordas a plangencia dolorosa de todas as maguas, silvava-me nos nervos com uma tensão cruciante e torturada. Desejaria ter ficado alli, a soffrer a delicia d'esse minuto de extase, e chorar á vontade, livre da avida curiosidade d'outros olhos, distraido da vida, recolhido, como um cenobita, á minha propria alma. Mas a porta abriu-se e a musica então sahiu em ondas mais sonoras, irradiou por toda a alacridade do ar, mais esparrinhada e leve, com um pouco menos de religiosidade, profana quasi, ante o altar da grande natureza. Estava finalmente no ninho dos sonhos musicaes que vinham da alma lyrica de Beethoven e do coração ebrio de Mendelssohn. Logo á minha entrada, fui

recebido por garrulas creanças, loiras como nuvens da manhã, que me saudaram com um claro riso, adolescente e simples. Eram as filhas de Rey Collaço, Jane, Mariquita e Alice, as tres pequeninas graças, cuja alegria em flôr abre paraísos d'ouro nos mais intimos recantos da nossa alma.



SALA DE MUSICA

A musica continuou dentro por um instante, mais recolhida agora, n'um doce halo de mysterio; depois parou, brusca, e o grande artista veio ao cimo da escada receber-me com o seu sorriso amavel de sempre.

Topámo-nos na casa de entrada, chamada a *sala arabe*. E' decorada á oriental, suggerindo immediatamente o interior de uma casa rica de Tanger-a-branca, n'esse mysterioso paiz d'além-estreito onde os fructos são côr d'ouro e onde, sob o véu, se vêem fuzilar os olhos negros e ardentes das mulheres.

Os tapetes e os pannos que cobrem as paredes, são de cores estridentes, em que predomina o escarlate e o laranja vivo. Uma fresca esteira cobre o chão; não faltam os divans e os tamboretos que convidam á preguiça e ao sonho, e das paredes pendem, em tropeus, *yatagans* e armas de todos os feitios, usadas pelos arabes; não escas-



### SALA DE RECEPÇÃO

seando sequer, para fazer reviver este interior em toda a sua feição mourisca, tão bizarra, nem o *haiti* nem a *chachia*, aquella mesma que fazia o espanto dos provençaes de Tarascon, quando a viam, por entre as arvores, agitar-se com a sua borla azul na cabeça cheia d'illusões fanfarronescas do immortal Tartarin.

E' n'esta sala que se pôde admirar a magnifica e grande tela de Jorge Collaço, sobrinho do eminente pianista e, como elle, um raro temperamento de artista-nato. Representa uma *fantasia* arabe,—os cavalleiros fugindo n'uma vertigem de allucinação, pela planicie coruscante, que se estende fóra das muralhas de Tanger, com os amplos albornozes brancos fluctuando aos ventos perfumados que vem dos laranjaes, scena de cavallhada tão característica e tão pittoresca que, com a magia quente de seu estylo oriental, Loti evoca e do qual o pincel ardente de Jorge Collaço dá o febril *élan* na massa dos ginetes e dos cavalleiros que n'uma doida abalada, em vortilhão, perpassa faiscante ante os nossos olhos deslumbrados.

Passemos agora á sala de recepção, onde madame Alice Rey Collaço nos vem receber com a sua suprema distincção e a graça captivante e affavel das suas maneiras. E' d'esta sala, decorada com um requintado bom gosto e um luxo opulento, que damos uma photogravura, onde se vêem Rey Collaço, sua esposa, *as tres pequeninas graças*, *mademoiselle* Mariquita Rey Collaço, gentil sobrinha do illustre artista e o laureado academico Collaço, seu sobrinho.

Rey Collaço nasceu em Marrocos, d'onde toda a sua familia é oriunda. O seu trisavô foi, em Tanger, o primeiro representante de Portugal. E de então para cá, ha cerca de dois seculos, que esta representação está na familia do pianista. E' verdadeiramente uma dynastia de embaixadores, dos quaes o actual é José Daniel Collaço.

Temos agora a chamada *sala de musica*.

E' aqui que todos os domingos, mal vem a primavera, se reúnem na mesma communhão de arte, para ensaiarem as peças do programma que depois, todos os annos, em concertos publicos, executam, Rey Collaço, Victor Hussla, Alfredo Gazul e Cunha e Silva, que constituem um luminoso quartetto chamado *Sociedade de musica de camara*, o qual com a collaboração do distincto violinista Augusto Guerschey, inicia amanhã no Salão de S. Carlos, a serie dos seus concertos, com o programma que damos no principio d'este artigo. N'esse domingo em que os fomos surprender, lá estavam todos quatro, — Hussla, com o seu violino, cuja voz, na super-lyrica poesia de Luiz Murat,

... parecia uma arvore frondosa  
Subindo para o céu carregada de ninhos,  
De aves, chalrando ao luar, á caricia saudosa  
Das noites de verão, cheias de passarinhos...

Cunha e Silva com o seu violoncello d'onde parecem brotar, em lamentos agonicos, todas as angustias do Rei Lear, Alfredo Gazul com a sua meiga e gorgeante violeta, e Rey Collaço, o artista sob cujos dedos feiticeiros se transfigura o piano e se resgata das maculas que sobre elle lançou toda uma geração de meninas romanticas.

Este salão é uma maravilha de bom gosto, em que destacam tres magnificos bronzes modelados pela sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella e offerecidos por esta nobre dama ao grande pianista; o retrato dos seus amigos Sarasate e Joachim, os dois maiores violinistas do seculo; a cabeça artistica do marquez de Fronteira, ess'outro poeta do piano; o retrato do conde de Daupias em agua forte, o esquisso das macieiras em flôr — quadro amavel de Silva Porto; bellas gravuras de Volpato; azulejos mosarabes; uma deliciosa cabeça de velho, de Eduardo Burnay, o indolente e requintado artista; e de Beethoven adolescente, um busto em marmore e a copia do seu bello retrato que está no museu de Munich.

A Rey Collaço, pelos momentos de encanto que em sua casa passei, todos os meus agradecimentos.

DOMINGOS GUIMARAES.



JULIO Brandão, um dos escriptores mais illustres da moderna geração litteraria, honra hoje as paginas do nosso jornal com um conto inedito de uma obra sua, que apparecerá em breves dias. Escusado se torna, parece nos, traçar aqui o perfil do auctor do *Livro d'Aglais* e das *Saudades*, pois que elle e já sobejamente conhecido do publico leitor. E elogiar-lhe a obra seria talvez descabido, agora que a sua amizade nos offerece, em primicia, esse pedaço de boa prosa, que os nossos leitores nos hão-de agradecer, estamos certos.

## ○ FERREIRO

O ferreiro era loiro e forte como Hercules. Contavam-se d'ell peripecias nas feiras, d'uma violencia de toiro bravo, quando os brigões, já avinhados, que lhe sabiam dos musculos, lhe zigzegagueavam os lódos, fanfarrões. Elle investia impavido, arrostava com tudo, como fera bruta já lanhada no flanco. Mas fóra d'isso era angelico. Todos lhe adoravam a bondade suave de creança, quando o não riscasse a navalha traíçoera.

Vivia com a mulher. Eu vi-o do largo da aldeola, ao passar lá a cavallo, uma tarde de outono. Na caverna da officina, a bigornar, cantava. Illuminava-o um fulgor de forja crepitante — e eu quedei-me a olhar o alguns minutos.

N'aquelle negrume caliginoso de furna, era de fogo e d'oiro — mas não recordava a figura do Diabo. Era mais antiga essa attitude athletica, no bater estridente dos ferros. Vinha da Grecia mythica, malhando a braza, euchromo, tal um cyclope esbelto. Chapinava estrellas.

No céo reboava uma trovoadá secca, e as folhas valsavam em redemoínhos na estrada. Piquei o cavallo — e parti.

O ferreiro vivia bem e honesto na sua pobreza. Casára cedo — e a moça de quem se enfeiticára não lhe desluzira o porvir antolhado, que era afinal ter alguém bondoso e fraco para amparar nas vertigens da terra, e que lhe ungisse a elle o coração formoso d'uma doçura que não lhe deram nunca. Não tinha no mundo ninguem. Dos paes não sabia, ou tinha ouvido lendas apagadas, em que ellés appareciam n'uma novella fosca e lacrimosa, que o mundo impõe viver a certos desgraçados. Sentia, por vezes, a alma triste, com a amargura a corvejar sobre ella, á guisa de espectro de longo manto funebre. Os outros tinham mãe, irmãs, familia, affectos. A sua alma, a espreitar-lhe pelos olhos, buscava um refugio, uma caricia amiga, quando o grande corpo, já fatigado da labuta, se estirasse dormente e resignado.

Assim viveu uns annos venturoso e pobre. A mulher era dominavel, terna, quasi infantil e amante. Mas isto de ventura é mau sonhar com ella. No ar mais lavado, no mar alto, uma pequena fumaça longinqua estruge depois n'uma tormenta negra. A redoma de vidro, sob que viviam, começou de embaciarse. A felicidade é fragil como o vidro.

Já havia tempos que o ferreiro notára as vizitas frequentes do Sylverio á forja. Era um homunculo que tinha ido ao Brazil, que de lá viera rico, e comprára solar a uma vergontea fidalga d'alli perto. Tinha posto como condição deixar-lhe o braço nobre. E a vergontea, que tinha trinta annos e jogava a batota, deixou lh'ó, antes de se ir aos micos de Lisboa — e offereceu-lhe mais dois que tinha em casa. Ao Sylverio bastava-lhe aquelle: tinha n'um dos quartos, a cruz de Nun'Alvares — e elle era Pereira por parte do paé. Convinha-lhe aquelle luxo granitico. Depois deu-se mesmo a inquirições heraldicas, e chegou não sei como nem me importa, a acceitar-se parente do santo victorioso de Valverde.

Apesar da linhagem, o Sylverio nunca perdera um resaibo de sutaque, nem a figurinha pelintra inculcava um galho tão famoso de arvore soberana. Era um Pereira immensamente pifio. Por lá desfrutavam-no, mas ao mesmo tempo respeitavam-lhe o oiros, de presumir arranjado lá fóra com a pureza com que azulára o sangue.

Com o bigodeco pingente e ralo, o olho velhacaz, amigo Sylverio sentava-se no banco de pedra, á porta da officina, quando a calma do verão apertava.

Havia pouco que fazer na forja. Tinha agora o ferreiro um filho e andava absorto, com presentimentos doloridos, uma funda tristeza ao mesmo tempo altiva.

O Sylverio, d'uma vez, disse-lhe :

— Você anda callado, seu ferreiro ?

Elle magoava-se com estas perguntas, meio desdenhosas, do homem que já odiava. A's vezes não respondia. O outro, certa tarde, voltou-lhe :

— Falta d'arame, hein ? Eu tenho lá muito, em casa — dizia com ar irritante. E terminou :

— Se tiver necessidades...

O ferreiro não o deixou acabar, respondeu, secco :

— O trabalho dá que farte, não faz mingoa.

— Está basofia, hein ? — retorquiu o Sylverio, com os olhinhos vivos e sarcasticos, mexendo no berloque espaventoso.

Aquillo melindrava o ferreiro. O canalha vinha fallar no seu oiros, offerecer-lhe dinheiro. Como as suas suspeitas se accentuavam, aquelle homem gigante sentiu um impeto de espedaçar o outro ; e logo em seguida uma oppressão no peito, que lhe embaciou ligeiramente o olhar. Poz-se, em seguida, a martellar estridentemente o ferro. O outro sahio, com desdens de troça, pequenino e empertigado, a fumar o charuto.

O artista teve uma lembrança que lhe annuviou o rosto. Sahio minutos depois na colla do Sylverio. Lobrigou-o, ao longe, parado a conversar com a mulher, que trazia o filho ao collo. Viu o ainda fazer festas á creança, e dar á mãe qualquer coisa, que a distancia impedia de vêr o que fosse.

Voltou á forja. Quando a mulher entrou, perguntou-lhe ;

— Viste o Sylverio ?

— Passou por mim na cangosta. Elle não esteve cá ?

— Esteve — respondeu elle.

A mulher relanceou-lhe os olhos, desconfiada, mas não articulou mais uma palavra. A creança começou a chorar no collo.

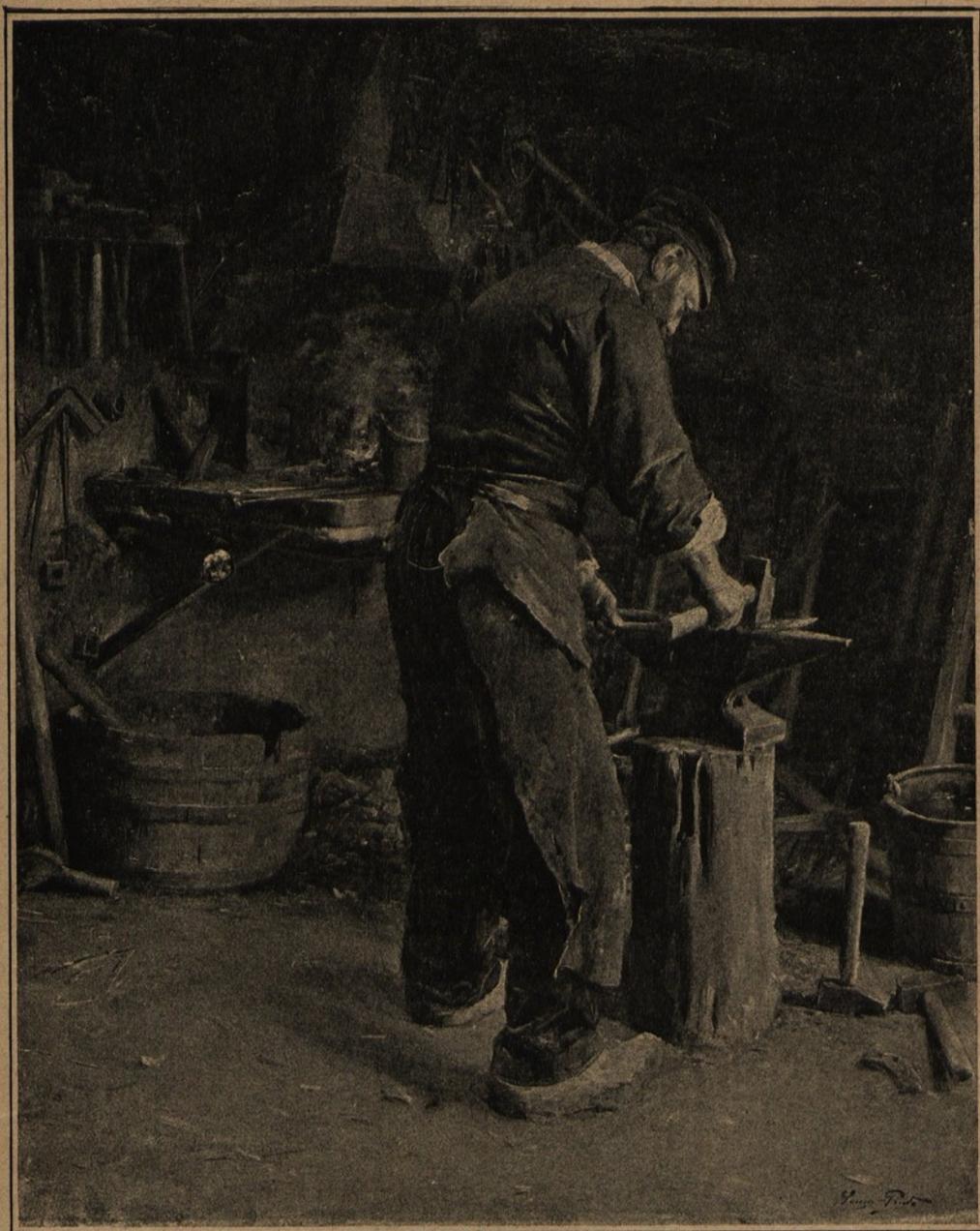
— Queres dormir ? disse ella ao pequeno. Vaes p'ra o berço, vaes, meu menino. E começou a cantar-lhe, emballando-o nos braços :

*Dorme, dorme, meu anjinho,  
Que a mãezinha logo vem...*

Chegára a noite. O ferreiro sentou-se n'um banco, a fumar um cigarro. O lume apagadiço da forja dava-lhe obliquo e esmaecente, como o das flexas do sol, quando expira. Raro fumava — um cigarro que accendeu era um documento seguro do marulhar sinistro da sua alma. Curvo sobre o peito, com o cotovello no joelho, tinha de vez em quando visagens exquisitas, contorsões cruas que o lume a extinguir-se alumiaava. Poz-se a assobiar, rispido, aos bocados. Ergueu-se, sacudido, e veio para a porta, olhar o céo.

A mulher chamou-o para a ceia. Elle foi para dentro, pausadamente.

No dia seguinte havia feira na villa proxima. Elle disse á mulher que ia lá tratar de negocios e vêr se recebia um dinheiro. Se não viesse até ao anoitecer, que ceasse e fechasse a porta, que elle só vinha de manhã.



— Não venho de lá sem o dinheiro do *Queijada* — rematou elle.

— Pois elle ainda te não pagou? — disse a mulher, como se estivesse lembrada do contrario.

— Não, mas d'esta vez ha de ser certo.

Foi realmente á villa, mas voltou de lá com noite feita. Quando chegou ao largo, viu a porta da casa fechada, um silencio infinito pairava em tudo. Não havia luar, e a noite era tepida, com estrellas tremulas e vivas no ar veludoso e manso. Encostou-se a um sobro, fumando um cigarro, com os olhos cravados na porta da officina. Alli esteve, sobresaltado ao mais leve ruido, chupando a fumaça, a cocar d'entre as arvores. O seu olhar tinha por vezes a fixidez sinistra de quem evoca horrores — e cravava-se na porta da sua casa, como duas laminas que procuram um peito p'ra o matar. Longe, as onze horas cahiram soluçantes como adeuses. Ao largo ouviu-se a guizalhada d'um carro que vinha da villa. Elle arredou-se mais da estrada, a occultar-se. O carro passou com um grande ruido n'aquella serenidade.

(Conclue no proximo numero)-

JULIO BRANDAO.



F. Branco & Albrino

SOCIOS DO REAL CLUB VELOCIPEDISTA DE PORTUGAL

O REAL CLUB VELOCIPEDISTA DE PORTUGAL

N<sup>o</sup> nosso n.º 4 publicámos a photogravura de um grupo de socios do Velo-Club de Lisboa, por occasião do passeio official d'aquella aggremação. Inserimos hoje a photogravura de um grupo de socios do Real Club Velocipedista de Portugal, tirada por occasião do passeio official que este Club effectuou em 26 do mez findo, e ao qual concorreram 96 socios, dos quaes 85 montados em bicycletas e tandems.

Apezar de ser este o passeio official a que concorreu maior numero de cyclistas, reuniram-se ainda assim menos da sexta parte dos socios do Real Club, que conta mais de seiscentos.

O rapido desenvolvimento d'esta associação, e o logar proeminente que tomou á frente das suas congeneres, provam bem, não só os progressos que o cyclismo tem feito entre nós, como quanto podem a força de vontade, a energia e a dedicação do grupo de individuos que, desde a sua fundação, em fins de 1891, até ao presente, tem corajosamente trabalhado no seu engrandecimento.

Nascido da secção velocipedica do Real Gymnasio Club Portuguez, do qual aquella secção acabou por separar-se, realisaram-se as reuniões preparatorias para a constituição definitiva do Club, no conhecido Café Aurea.

A primeira séde do Club foi n'um segundo andar da rua dos Douradores, e por cuja escada ingreme e tortuosa, os socios tinham que carregar com as machinas.

D'aqui passou o Club Velocipedista de Portugal para uma loja mais que modesta da rua do Crucifixo, de onde se mudou para a Avenida da Liberdade, onde se conservou tres annos.

Foi em principios do anno corrente que o Real Club Velocipedista de Portugal se installou no magnifico palacio que hoje occupa, na Praça da Alegria.

Ainda longe, contudo, de atingir o maximo do seu desenvolvimento, o Real Club tem merecido os elogios dos estrangeiros que o tem visitado, pela boa disposição das suas vastas salas e magnifica accomodação das machinas. D'elle, emfim, teem sahido os corredores portuguezes que mais nomeada teem logrado alcançar.

D. MIGUEL DE ALARCÃO.



« N A D A »

VERSOS DE JULIO DANTAS

P<sup>ERANTE</sup> o admiravel livro de Julio Dantas, esse forte e nocturno *Nada*, a critica de hoje não se encontra no mesmo pé da de Sainte Beuve aquando, n'um artigo sobre os poetas e a proposito de Baudelaire, que accusava de se ter construido um kiosque extranho, um pavilhão chinez no extremo da litteratura commum, teve de, pela primeira vez, usar a metaphora geographica do Kamtchataka, que significava a ponta mais aguda do continente intellectual, onde, pelos insurrectos litterarios do tempo, tudo, pensamento, sentimento ou acção, era dissecado e analysado, se degustava, se refinava, se subtilisava.

O termo é hoje inintelligivel, e nem pela tentativa do moço Leon Daudet que, em um artigo do *Figaro*, primeiro, e n'um volume interessante de historietas depois, o tentou ressuscitar applicando-o ao nosso tempo, elle conseguiu maior voga. O que concitava extranhezas e alarmes, casos de despolarisação sensorial e de deliquiscencia esthetica, por commum hoje não vingará provocar na alma da turba movimentos de admiracão; e o proprio *frisson* novo que, no dizer do semi deus Hugo, o *pae de todos os rios*, produziu as *Flores do Mal*, mal se apercebe já, distanciados como estamos da epocha por vinte annos de vertiginosa galopada litteraria e com a sua athmosphera estreitamente identificados.

D'ahi, n'este dia ultimo de crise, no final do mysterioso eclipse porque a humanidade vai atravessando, o buscar-se no sobrenatural o *frisson* inedito e o voltarem-se, consequentemente, as almas inquietas de todos nós, n'um vivo elan de curiosidade, para o maravilhoso e para o super sensitivo. Ainda hontem, tudo o que não fosse experimental, capaz de se contraprovar pela balança ou pelo instrumento de precisão, era repellido, e já hoje se admittem as coisas mais inverosimeis. Porisso se succedem e contrariam as gerações, porisso aos vigorosos iconoclastas, aos atheus, aos ideologos impenitentes da Revolução succedeu em França a entusiastica escola néo-christã de que Chateaubriand e Hugo foram os gloriosos archanjos.

Vinte annos de democracia ascendente, senhora dos poderes publicos, triumphando por toda a parte com as suas armas equalitarias e suas escolas redimidas de escravidões deveriam produzir esta reacção. A sciencia contribuiu muito tambem por seu lado para a ressurreição do sobrenatural e as experiencias extraordinarias dos Luys, dos Dumontpallier, dos Liégeois, dos Berheim semeiaram a duvida nos cerebros mais positivos a par e passo que as observações feitas, tendo um caracter medico indiscutivel forneciam a esta renovação mystica o ponto de appoio e de attracção que a poesia joven trouxera em 1820 ao movimento christão.

A humanidade, que é afinal o velho cavallo de retorno a que se põe e tira a cabeçada, não faz senão caminhar no mesmo sitio. Os milagres eram já bem antigos no tempo de Apollonino de Tyane e a decadencia romana conheceu as inverosimilhanças perante as quaes hoje a razão commum se apaga e a alma se sobresalta e inquieta.

Mas, apezar de assim acontecer, o livro de Julio Dantas, d'esse extranho e shakespeareano coveiro, sombrio cabouqueiro da sua dôr, que no torvelinho de uma allucinação, paredes meias da loucura não se evade para o paiz do phantastico nem nas visões extra-lucidas de avatares procura o argumento para a sua these, abriu em muitas almas, com as afiladas e venenosas garras da sua nevrose, sulcos profundos.

O crepusculo que a alma humana atravessa, faz com que, principalmente, o poeta se recolha magoado a dentro de si, sentindo em si e para si apenas. D'ahi esse intransigente subjectivismo que é a nota caracteristica da poesia de hoje e que em spasmos de hysteria se contorce, em musicas negras ondula, em veladas meias tintas se dilue, em symbolos brumosos se fixa, ou em amargos desesperos reage, e em resignadas confissões se aniquila. Quatro livros ultimos, que, pela ordem chronologica porque vieram, agora cito, principalmente condensam e reflectem de uma maneira intensa e com um poderoso relevo synthetico a crise de pessimismo é de dôr em que o velho mundo se purifica, como n'um filtro, para a fecunda e esplendida primavera d'amanhã.

No *Só* de Antonio Nobre, uma aromal evaporação lyrica dulcifica, as crispções de amargo desencanto; no

*Interlunio* de Eugénio de Castro, parece que todo o glaciado travor do allemão tragicamente congelou; na *Corôa de Espinhos* o admiravel e bem amado livro, ha alguma coisa de profunda resignação epica de Job, e no *Nada* n'uma terrificante atmosphera de catastrophe se exprime a inanidade da voluptua e do amor, a enervadora monotonia dos prazeres, o terrivel aborrecimento das almas desordenadas, a tortura de viver:

*Lê-me de joiz, e vê, que ró, que nada,  
Toda está dôr, toda esta desventura!*

Elle é, pois, o commentario falado á terrivel allegoria do grande pintor andaluz. O Nihil de Goya e esse outro extranho carvão do *Juízo Final* do nosso querido Domingos Sequeira transmittem com o este livro uma impressão de desapego. O pessimismo de Arthur Schopenhauer chegava a consolar da morte; Julio Dantas faz do cadaver um poema encantador de côr. Temperamento sensual, poeta-artista, ou melhor, artista-poeta, por assim dizer material lyrico, faz da decomposição uma epopeia. Tanto o interessa uma especulação philosophica como a parte artistica da circulação do sangue no cerebro, e a uma theoria espirital prefere, mesmo, o requinte de materia que ha na actividade cerebral. Contra as preferencias do seu espirito, contra a indole natural do seu ser, que um convívio com logares sombrios, cemiterios, bosquedos de cyprestes, ribas do mar, e uma leitura de neurasthenicos e de tristes, mais avivaram o negror, reage, recalitrando com os direitos originarios, de atavismo de logar e de sangue, o seu temperamento sensual e amoroso de algarvio que a côr extasia e enamora. Decerto, que atravez do seu livro não se acendem auroras boreaes, não flamejam arco iris, nem reluzem relampagos, mas tambem não é menos verdade que na sua payzagem interna, antes de ser noite, foi longamente poente e dos incandescentes fundos d'esses *remembers* que nos seus olhos diluidos esvaeem ainda se projecta na treva do seu desalento, um clarão illuminante como o das fálhas d'ouro d'uma labareda. Se Julio Dantas não tivesse optado pela carreira litteraria teria sido um grande pintor, como Delacroix e Columbano, amando as côres que correspondem á ultima hora das civilizações, aos periodos de decadencia, os tons lividos e spectraes, os verdes venenosos, de reflexos metalicos e duros, terra Sienne, as brumas sujas, os negros betumosos, ou talvez melhor ainda, fôra um caricaturista como Hogarth, que preferia o dramatico insolito das scenas d'embriaguez e de lucta nos cabarets ou como essa raça estanque dos Guys que á primeira vista, n'um instante, em dois traços do seu lapis prodigioso, faziam viver um typo em toda a plenitude do seu comico. N'uma pequenina plancha a oleo que o poeta me offereceu e creio ser a primeira e unica que pintou, entreveem-se qualidades intensas de colorista.

Como todos os da litteratura de *tout-à-l'heure* plethorica do eu, de cerrada e minudente auto-analyse, Julio Dantas manifesta-se um egotista tambem:

*Mergulhado em meu ser n'este momento,  
A mim mesmo reduzo o mundo inteiro.*

No emtanto não é que a trama essencial da sua alma, como a dos outros poetas da decadencia a si mesmo se chamando poetas malditos, se corrôa de um acre scepticismo, que um torpe cynismo a deprave; pelo contrario, ellas soffrem e choram debatendo-se n'um amargo e descaroavel desalento feito de inolvidaveis derrotas e de irremediaveis fatalidades. Para a viagem dos seus olhos circumcerram-se os horisontes do amanhã, fechados na bruma e no mysterio, e a sua fé nem sequer ousa, a sua esperanza não se atreve a lorigar para a distancia dias resplandecentes de sol nos corações de todos e uma alacre primavera de felicidade renascente, enchendo de florações e de perfumes o mundo.

Da vasta revolução philosophica de que Emmanuel Kant foi o iniciador e cujos effeitos o grande philosopho da *Critica da Razão Pura* comparava á confusão que o systema de Copernico trouxe á astronomia, sahiu a affirmação de que, se outr'ora a alma humana se regulava pelas coisas, são hoje as coisas que se regulam pela alma humana. D'ahi, d'essa concepção que Fichte, Malebranche e Berkeley ampliaram, sahiu a doutrina da «cultura do eu», do subtil psychologo Barrès, que nos seus livros nol-o mostra vivendo, sentindo, reagindo á frente de um mundo inimigo e d'esse conflicto sabe arrancar imagens harmoniosas e emoções fortes.

Julio Dantas faz no *Nada*, pelo contraste, a poesia da podridão e a apothese do cadaver. Não é como Jacobo Ortiz, como Leopardi, como o nosso immenso Anthero, poetas da morte que consideravam na sua expressão, permitta-se-nos o termo, subjectiva e por ella anceiavam como a paz final.

Julio, como Baudelaire na *Charogne*, canta-a na sua natureza mais directa, immediata, exterior. E perante o cadaver exclama:

*Defuncto roxo nós somos irmãos os dois  
Vós tendes pôdre o corpo eu pôdre o sentimento.*

E' a parte do livro d'onde são arrancados estes versos que, com a *Ruiva*, serie de poesias em que mais se accentua o conceito ironico do poeta, a meu ver melhor dá a individualidade de Julio Dantas, na sua forma interior e exterior. Nos *Sonetos d'amor*, ao contrario de Heredia que nos *Trofeus*, fez do soneto a camara escura d'um panorama do passado onde as coisas e os seres desaparecidos se vieram fixar com uma inalteravel pureza, Dantas arreioi dos brocados quinhentistas e do fino lyrisimo camoneano, a alma de hoje, cheia de torturas e agônias. Mas é atravez dos *Cadaveres* que, n'uma paysagem psychica, verde, côr dos ventres dos mortos e das ramarias dos cyprestes, se desenrola esse admiravel monologo em que o poeta falla a corpos que breve as larvas devorarão. Para as peças *Pôdre*, os *Desconhecidos*, *Dança Macabra* e os *Dois* reflue pois, n'uma onda de cavos soluços, a nossa emoção. Essas peças abrem na structura do livro uma pareaia de terror como se em lufadas tragicas, pelo alto dos cyprestes e por noite sinistra o vento andasse a rugir o requiem das suas coleras sombrias.

Os *Dois* principalmente dão a agua-tinta d'esse negror tragico que, certo, revestia Poë ao compor a elegial sonata do seu extranho *Corvo*.

A forma é ampla, marmorea por vezes, e sobre elle nos repousamos como os ascetas que sobre as pedras das cellas gozavam as frescuras do tumulo: o verso largo, estylisado por sabias combinações rythmicas, os tercetos de um corte fundo, mantendo a forma tradicional dantesca e lembrando um tanto os bronzeos tercetos de Leconte. Mas apesar d'isto seriamos parciaes se não confessassemos que atravez do seu livro nem sempre Julio Dantas conseguiu vasar n'uma forma sua as suas concepções e é assim que os seus versos algumas vezes nos recordam involuntariamente Baudelaire e accusam uma leitura muito attenta de Rollinat, principalmente no seu volume *Dans les brandes*.

Este é um ligeiro senão, pois de resto a sua poesia será duradoira, visto que ella corresponde a um estado d'alma, a um modo de pensar, a uma ordem de inquietação physica, a um tormento de complicação moral que são muito do nosso tempo.

DOMINGOS GUIMARÃES.

# HISTORIA DOS SETE DIAS



(CHRONICA)

**P**RECISAMENTE á hora a que escrevo anda no ar uma alegria de feriado, um sorriso de beatifica mandria entreabre os labios d'essa gente que faz as quatro horas, rua do Oiro acima. Bello tempo de passeiata, este. Claro sol, calor p'ra fatos leves e pr'a frescos vestidos de madamas.

Procissão de penitencia, a pedir agua... E por ahi fóra, n'uma triste perspectiva de fome, as terras que já não dão o pão, vinhas a murchar, tudo secco, calcinado, mirrado como cardo. Oh! a linda fome dos pobres!

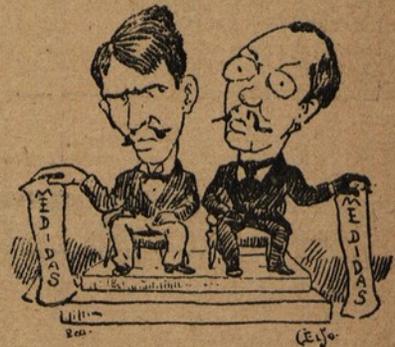
Pela Avenida, as acacias e as olaias enchem o ar de perfumes deliciosos; passeia-se, já não ha que fazer, tudo caminha em mar de rosas. Trabalhar pr'a quê? Lá está o Franco, lá está o Hintze; descansemos. Os sinos não teem o ar de clamoroso dobre funebre; tinem para a festa, para a folia, para o noivado.

Este festival de cada hora é mais um symptoma de que vamos de vento em pôpa. E' singrar! é singrar! Radioso, o horisonte é côr de laranja e oiro. Olha-se ao passado: victorias d'África, prisão de potentados. Durmamos. O futuro é nosso, não vale a pena pensar n'elle.

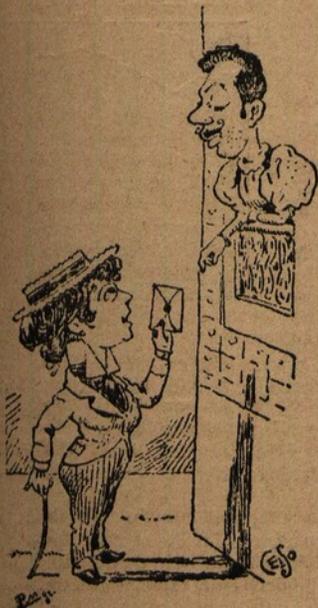
Quem é que morre ahi de fome? Ninguém, é claro. Isso é uma invenção mexeriqueira d'aquelles que querem chegar mais depressa a braza á sua sardinha: — politiquinha de soalheiro. Já o dizia o Belde-monio, em replica a um que lhe assegurava que ninguem morria de fome: «*Sim, ninguem morre de fome, mas morre muita gente com ella, o que é mil vezes peor.*»

A :postar que não. Lá porque o sol anda a crestar desapiedadamente as terras, não se segue que não haja de comer. Pr'a que temos governo? Pois os senhores cuidam que não se anda já a armazenar trigo e mais trigo, para as falhas? Má indole teem. E' até n'essa triste previsão que os deputados pedem um imposto triplicado sobre o lavrador que plantar vinha nos terrenos baixos, mais adequados aos cereaes: — pr'a que se não morra de fome. Altas capacidades teem a nossa vida nas mãos. Folguemos, cantemos debaixo das janellas os epithalamios da ventura, ás namoradas, como trovadores ingenuos e despreoccupados.

E o mais... cantigas.



\* \* \*



Foi de festa para os operarios o fim da semana passada. Elles lá foram, em alegre romaria, p'ros Prazeres, botar discurso sobre os tumulos dos que foram em vida os maiores propulsores da sua ideia. Muitas mulheres acompanharam as manifestações, dizem as gazetas. Houve uma até, que disse: «estes mortos vivem sempre» — pouco mais ou menos. Esta phrase profunda, dita assim á laia de sentença, parece que fez sensação no auditorio. E assim devia ser — pela transformação soffrida pelo sexo fragil n'este ultimo quartel do seculo.

D'antes, a mulher era unicamente destinada ao amor e ás alegrias do lar; enxugava lagrimas, suavizava feridas abertas pelo egoismo da humanidade, tratava dos filhos, se os tinha, e remendava a roupa. Agora — vão lá fallar-lhe d'essas coisas! Faz comicios, adhire a manifestações hostis aos systemas que nos regem, grita, barafusta, — e faz, muitas vezes, prevalecer a sua opinião. Já ha tempos, n'uma terra que não cito — e para que? — appareceu no tribunal um pobre diabo de um marido, com um cesto cheio de roupa esburacada e... de piugas. Ia pedir separação. A mulher lia romances, e elle moirejava todo o dia, o misero, para dar de comer á filharada. Não obteve a separação — não sei porque. Creio que morreu doido. Pudéra!

Isto, a continuar assim, leva-nos a esse *reino das mulheres* cantado na opereta. Eu estou já á espera d'isso, — que me venham pedir em casa-me.

A *chronica* que é madama rabujenta e de carrapitos, alcoviteira e intrometida anda já a desfiar o novello da intriga, a ver se me embarrila. Tenham os senhores cuidado com ella, que eu, cá por mim, já lhe conheço as baldas — e não caio.

José SARMENTO.

## PRIMEIRO DE MAIO



AZEDO GNECO

A commemoração annual, feita no dia 1 de maio pelos proletarios de todos os paizes, realisou-se este anno em Portugal por uma imponente manifestação aos tumulos de José Fontana e Sousa Brandão, o primeiro dos quaes, com Anthero de Quental, lançou as bases do partido socialista no nosso paiz, e o ultimo, que pela sua dedicação pelo operariado, foi um dos que mais impulso deu á ideia do egualitarismo social.

Morto Fontana, desilludido e affastado para a vida de metaphysica contemplação no seu eremiterio Anthero de Quental, gasta pela doença a actividade espirital de Sousa Brandão, vieram para o partido socialista em Portugal dias peiores. D'esse periodo de abatimento em que todavia dedicações isoladas se manifestaram, a causa do proletariado resurgiu mais vigorosa, graças á dedicação extrema e ao proselytismo tenaz e ardente de Azedo Gneco, que é, incontestavelmente, o vulto militante de mais preponderancia d'este partido, cujos adeptos já hoje se contam no nosso paiz por muitos milhares.

Ao esforço da sua vontade perseverante e da sua convicção profunda propagada pela palavra e pela penna em multiplas e insistentes conferencias, feitas, aqui e além, na doutrinação ardente dos comicios e em artigos de jornaes, é que se deve a sabia organização do partido a que

tem dedicado todas as suas energias.

Azedo Gneco é um espirito culto e illustrado e possui a par de altos dotes de organisador as mais bellas qualidades de conferente. E' o typo do orador moderno; em vez de agitar diante do publico girandolas de palavras, apresenta lhe com sobriedade, n'uma fórmula elegante e singela, com um ar de captivante bonhomia, ideias que o convencem. Por isso elle conquistou de direito o lugar que hoje occupa á frente do partido socialista portuguez, que n'estes ultimos annos tem desenvolvido uma rara energia e uma grande tenacidade, para conseguir a realisação dos seus desejos.

Inserindo hoje o retrato de Azedo Gneco, que tanto se tem evidenciado n'estes ultimos tempos pela actividade que tem desenvolvido na causa em que se empenhou, prestamos a nossa homenagem ás suas bellas qualidades de character e á sua cultivada intelligencia.

## DR. MANUEL DA SILVA FRANCO

A PESAR de um pouco tardia, por nos ter sido impossivel obter a tempo um retrato do fallecido, nem por isso é menos sincera a nossa homenagem prestada á memoria do venerando medico fallecido ha dias em Palhavã.

A sua biographia é curta mas muito honrosa; não teve na sua vida grandes feitos que lhe apregoassem a fama, porque foi sempre de uma modestia excessiva, desprezando a ostentação e a vaidade, fazendo o bem a occultas, sem que o seu nome figurasse nos jornaes em obras de caridade e actos de philantropia.

Nasceu em Lisboa a 21 de maio de 1828 e era filho de Francisco José da Silva Franco, proprietario e cavalleiro fidalgo da Casa Real.

Passou a sua mocidade em Bellas, terra que lhe foi sempre muito querida. Varios revezes de fortuna deixaram sua familia em precarias circumstancias. Então, devido á sua grande força de vontade e grandes sacrificios conseguiu formar-se em medicina em 17 de julho de 1850. Logo nos começos da sua carreira teve uma grande clinica.

Foi um trabalhador infatigavel e austero, distinguindo-se durante a febre amarella e o cholera, pelo que lhe foi conferida pela camara municipal dos Olivaes a medalha de bons serviços.

Muito esmoler, tratava todos os pobres de graça, chegando muitas vezes a pagar-lhes os remedios.

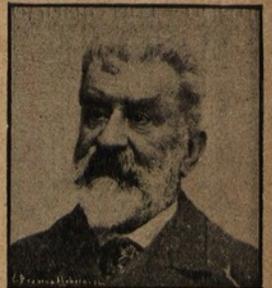
Era o prototypo do verdadeiro chefe de familia, que elle estremecia como ninguem. Foi medico do Asylo do Campo Grande desde a sua fundação, sendo ali estimado como se fosse um pae. Era tambem medico da Misericordia, do hospicio de Santa Isabel, na Alfarrobeira, do convento do Rego, etc.

A sua grande modestia nunca lhe permittiu sahir da sombra em que sempre viveu, mas com que a sua alma generosa se alimentava bem, porque a vaidade e todas as outras paixões dos homens lhe eram desconhecidas.

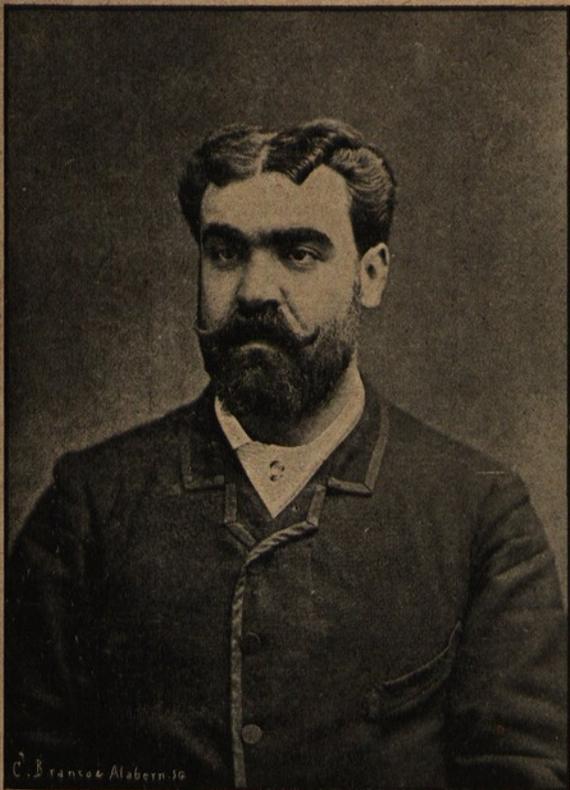
A sua vida foi uma continua labutação; nunca conheceu o egoismo, pois trabalhava pelo bem da humanidade.

Juntou avultados bens de fortuna, unicamente pelo seu trabalho infatigavel. A par d'isto, porém, era um dos homens mais desinteressados que temos conhecido, e que exercia o seu mistér com mais abnegação.

Que descanse em paz o illustre morto.



# O MEDICO JOSÉ BARAHONA



Não ha nada mais triste do que ter de falar de um companheiro que morreu. Porque a saudade que se mostra não se peja de hypocrisias, não vem inquinada de conveniencias, não mira um fim e sendo o desabafo do espirito n'um real soffrimento, acode-nos o escondel-a, não vá poluil-a a geral sciencia d'uma torpe cortezia portugueza, d'hoje, que faz de todos os pulhas mortos, heroes, genios e santos.

Um companheiro de escola é mais do que um amigo, é quasi um irmão. A sua morte causa-nos um sobre-salto estranho de dôr e de ameaça! Já? E, sentimos que começa o desfilar da lugubre procissão dos «do nosso tempo»! E, essa coisa que, no hospital, tão despreocupadamente vimos trabalhar dentro dos corpos, negra toupeira, deformando-os, torcendo-os, chagando-os, epileptizando-os em dôres, espapaçando-os em suarentos deliquios, enchendo-os de sanias e fétidos, até os esganar na agonia, immobilisar na morte, opalisando-lhes as faces e esverdeando-lhes os ventres, essa coisa maldita, triplamente maldita, — a molestia! — surge ante nós n'uma ameaça terrivel de imminencia, apunhalando, este, aquelle, os imberbes de ha dois dias, os rapazes de hontem, os que começavam a viver, hoje!

E' o tempo a repetir, pelos seculos, o «vigiai» do Horto. Simplesmente, hoje, não precisamos de precaver-nos porque para apodrecer é sempre tempo, sem ser de grande utilidade andar a matutar no dia ou na hora em que a funcção comece!

\*

O José era um bom rapaz, no sentido puro da palavra. Um fundo de bohemio amenizado pelas responsabilidades da familia, generoso, alegre, amigo do seu amigo e dedicado. Pachorrento no andar e no gesto, o corpo ligeiramente inclinado para deante — vestigios da antiga muchila de sargento — tinha um ar mais grave do que nós, e assim, sendo ainda muito manso de falas, era sempre o encarregado, ao abrir da aula, de falar com o

professor sobre coisas, duvidas. Tinhamos meia hora, por nós. Era bondoso, de grande brio, incapaz de uma falta para com um collega. A bondade e o brio levou-as depois para a sua vida clinica; qualidade que a par do zelo e da proficiencia, tornavam altamente estimada a sua individualidade medica.

Necessidades da vida levaram-n'o para a provincia, d'onde raras vezes fugia até Lisboa. Estava um provincia-no perfeito, aborrecendo a capital, o ruido, o movimento. Para lá corria, lá acabou. Foi ainda um acto de dedica-ção que o matou. Doente, levantou-se do leito por um excessivo escrupulo do dever, peorou, morreu.

\*

Meu pobre José, tão pouco tenho a dizer de ti... que eu não vou agora fazer estendal de máguas. A culpa foi tua. Não foste galopim, nem jornalista, nem deputado, não pertenceste a syndicato com geito, não foste governador civil, nem sequer administrador de concelho, limitaste-te a ser um bom e simples médico, a viver na placidez do teu lar e no cuidado dos teus doentes, tiraste-me todos os elementos de uma biographia de sensação. Vou dizer que salvaste aquelle homem da morte?! toda a gente se rirá. Que é agora salvar um homem, n'um paiz em que ha centenas de salvadores... da patria! Era humilhar a tua memoria, perante os basbaques do barulho. Não. Fiquemos n'estas coisas simples. Foste um digno medico, um amigo leal, um homem de bem. Os teus companheiros sentiram muito a tua morte, e respeitam amorosamente a tua memoria.

E' o mais que se póde conseguir, morrendo!

MARCELLINO MESQUITA.

## IDÉAS E SENSACÕES

A infelicidade do homem de genio está em que, na mesma medida em que elle parece grande e admiravel aos outros, estes lhe parecem, por sua vez, pequenos e lamentaveis. Precisa durante toda a sua vida de reprimir esta opinião, como os outros reprimem a d'elles. Por conseguinte está condemnado a viver n'uma ilha deserta, onde não encontra ninguem que se lhe assemelhe, e que não tem outros habitantes senão macacos e papagaios. E é sempre victima d'essa illusão, que lhe faz tomar de longe um macaco por um homem.

SCHOPENHAUER

Os livros nada ensinam na alçada do coração. A experiencia, sim; mas a lição vem tarde. Quem ensina tudo é a velhice.

VICTOR HUGO

São duas coisas bem differentes — o coração do homem e o coração do escriptor.

A esgrima seria a mais problematica de todas as sciencias, se não existisse a politica.

A propriedade litteraria — de todas as propriedades é a menos legal, porque é a mais legitima.

JULES DE GONGOURT.



## SONHO DE VERÃO

AQUELLA historia que elle suppunha já esquecida, enterrada nã cova do Passado, resurgia-lhe agora em todas as suas phases, viva, cheia de luz, como se tivesse sido hontem. Ao entrar para o baile, despreocupado, não pensára, decerto, que ia encontrar ali o seu remorso vivo, a continuação das suas noites de tortura, acorçado na sombra, roído de pezares, com a alma atravessada de dilacerantes angustias.

Fôra ha tanto tempo, isso! De modo que aquella apparição na varanda do terraço, vaga como um phantasma, deixára-o atterrado, mudo, mais branco ainda pelo luar que em ondas illuminava toda a paysagem que aos seus olhos se desenrolava. Estava longe, ao ir sentar-se ali, fóra do ruido e da luz estonteante da sala, de pensar que aquella rapariguinha tomada n'uma hora de loucura e abandonada n'um minuto de cansaço, lhe surgiria agora mulher feita, elegante e bella, cheia de encanto e de graça, vinda não sabia d'onde nem trazida por quem.

Ella ali estava, diante d'elle, como um ponto negro e mysterioso que em vão tentava perscrutar. Que lhe quereria? Viria atormental-o ainda mais?

Ergueu então os olhos e atreveu-se a fital-a demoradamente. Bella, em verdade, com os grandes olhos vagos e perdidos, com nuances de deliquescencia d'algas; o nariz um tudo-nada arrebicado, gaiato, a chispar ironia. E no queixo redondo e d'alabastro uma pequena cova que pedia beijos, muitos beijos, arripiando a pelle setinea n'um enlanguescimento de prazer.

Ella parou um momento junto d'elle, com a cabeça um pouco curvada, espelhando-se nas suas pupillas dilatadas. Dir-se-hia procurar lá dentro, bem no fundo, uns restos d'esse passado amoroso, migalhas das horas demoradas do goso. Depois, como quem toma uma resolução subita, affastou-se vagarosamente, sem lhe dirigir a palavra, com a mantilha de rendas fluctuando ao vento perfumado da noite.

Elle viu-a descer a larga escadaria de pedra e enfiar pelas ruas cheias de sombra do jardim. Com quem teria ido ali? Estaria casada? E seguiu-a com o olhar, viu-a perder-se sob as grandes arvores, toucadas a essa hora de uma prata fosca veiada.

Esses dias longinquos tomavam já uns tons de melancolica saudade, indefinida como uma coisa inatingivel; sentia remorsos de a ter deixado e desejos de a possuir, assim bella como estava, elegante como uma rainha.

Sacudiu-se do torpôr em que tinha cahido; e como a visse perder-se lá adiante, ao pé do tanque que luzia como um olho vigilante e movediço por entre a rama escura das arvores, foi-se na esteira d'ella, amoroso como quando dos primeiros impetos da paixão, com o coração em sobresaltos, os labios estendidos para um prolongado beijo.

Ella colleava, como uma apparição fantastica, fugindo-lhe, parecendo roubar-se á sua perseguição, arisca e leve, mal poisando n'areia. Estava proxima do tanque: e, como n'um somnambulismo, ia direita a elle, parecendo não vê o luzir das suas aguas.

Esteve quasi a gritar-lhe que fugisse do perigo, mas teve mêdo de um escândalo, e continuou avançando, offegante, com o sangue a gelar-se nas veias.

E quando ia quasi a deitar-lhe as mãos á ondulante cauda do vestido, viu-a n'um grande clarão sumir-se nas aguas negras, sem as arripiar, sumir-se muito ao de leve, abaixar-se, abaixar-se no abysmo profundo.



Emquanto dentro, no baile, pares valsavam ao compasso de uma musica aerea, todo o jardim ardia em côres bizarras; rebentavam dos tuffos de verdura granadas verdes e amarellas, azues, vermelhas, côr de laranja

Acordou espavorido. Tinha sido tudo um sonho. E, mastigando ainda a sensação deliciosa d'esse meio minuto;  
— Ainda é a melhor coisa da vida, o sonho!

## ORAÇÃO E PENITENCIA

**U**MA desusada e prolongadíssima estiagem esterilisa no momento actual os campos e as serranias de Portugal, destruindo as messes nascentes, tolhendo novas sementeiras e paralyzando todos os trabalhos agricolas. Baixam por toda a parte os salarios. Sobre os rebanhos paira a negra ameaça da morte. Ao lavrador antolha-se como perspectiva a ruina e a miseria, e tudo presagia ao trabalhador rural o mais cruel dos invernos.

Na presença de tamanha desolação, que facilmente poderá assumir as proporções de funesta calamidade nacional, ainda mais se accentua no homem do campo, naturalmente singelo e crente, o sentimento da sua dependencia em face do Creador cuja justiça, como homem, tantas vezes offende, cujo amôr infinito nem sempre paga com gratidão e cuja lei benefica tão a miudo transgride e desattende. Instintivamente sente despertar-se-lhe no mais intimo recesso da consciencia a ideia de humilhação e de penitencia, e instintivamente a traduz tambem desde logo em actos externos de culto que a todos a patenteam. A oração em uma das suas fórmulas, a da rogativa ardente e da supplica humilde, evola-se-lhe da mente, ascende da creatura para o Creador, liga a terra ao ceu, banha-lhe a alma de luz, retemperando n'ella com o justo temor de Deus a esperanza na sua misericordia.

Se o instincto religioso é inseparavel do homem, como o demonstra a inteira historia da humanidade, a prece é por seu lado a expres-

são a um tempo suprema e elementar, mas sempre necessaria, d'esse instincto. E' ella a aspiração para a celeste claridade, a poesia da alma, e a consoladora philosophia do povo, philosophia firme, altissima nos seus ideaes, assente sobre alicerces de solidez tal, que não tem bastado, para sequer os alluir, a incredulidade e a negação sob todos os aspectos variadissimos que uma e outra tem assumido atravez dos seculos.

E é por isso que dos sanctuarios os mais venerandos, bem como das mais humildes egrejas de aldeias serranejas, sahem n'este momento, como ha pouco todos o presenteamos em Lisboa do templo de Nossa Senhora da Graça, as imagens mais queridas do povo, aquellas a que de preferencia elle se achega em periodos de angustia e de afflicção. O Salvador arrastando a pesada cruz; a Virgem misericordiosa, consoladora suprema dos afflictos; os Santos Padroeiros das localidades, todos esses centros de uma devoção tradicional e secular percorrem n'este momento as ruas dos povoados e os proprios campos resequidos, aguardando os povos, da piedade infinita de Jesus, e da potente intervenção de sua Mãe e dos bemaventurados, ou o deferimento ás supplicas instantemente repetidas, ou a conformidade com os Decretos Divinos, quando em final resolução a justiça do Senhor tenha de predominar sobre a sua misericordia, mas sempre em bem, se não temporal, espirital, do que impetra, com o coração conctrico e trasbordando de crença, o auxilio celestial e supremo.

Desdenhosamente sorri por vezes a impiedade em face d'esses actos de fé espontanea e vivaz, querendo vêr apenas uma rude simplicidade, desconhecadora de leis physicas inflexiveis, n'essas manifestações onde aliás existe, ou pôde existir, a mais alta noção consciente da existencia de uma vontade providencial e a melhor affirmação do principio religioso e da efficacia da prece.

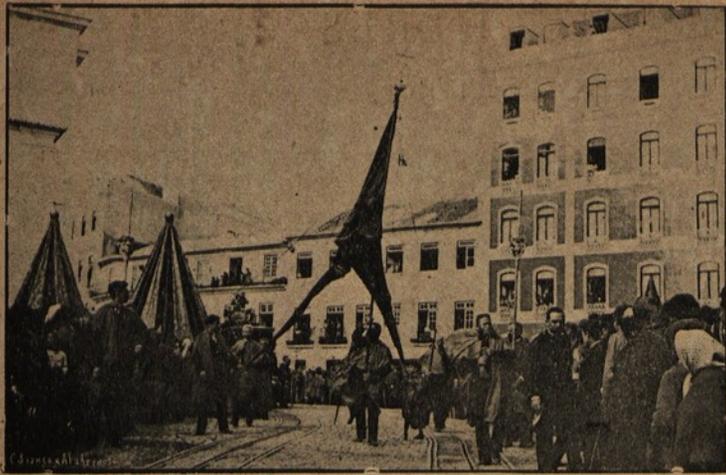
Limitadissima, como o é, mal tem podido a intelligencia humana abranger, a não ser em respeito a certos problemas astronomicos, a ordem e a successão dos phenomenos. Infinita, por seu lado, a intelligencia divina abrangeu, porém, de todo sempre, a acção e a complexidade de todas as forças, a natureza e situação relativa da universalidade dos seres e dos phenomenos. E' pois dado a esta ultima integrando a totalidade d'esses elementos, obter com elles o inteiro conhecimento da successão dos tempos, confundidos, no presente, o passado e o futuro. Pôde assim comprehender-se que, na contingencia dos phenomenos produzidos por effeito de leis geraes mas variaveis no entanto segundo o estado inicial das condições em que se produzem ou sobre que operam, não influam aos olhos de Deus e segundo o plano divino, unicamente o mundo physico ou atomico, mas sim tambem, e até em larga escala, o mundo moral e os actos do homem, ou d'outro qualquer agente livre e consciente. N'esses termos a prece livremente formulada, cabe tambem, como tudo o restante, na previsão divina, que pôde ter feito dispôr pela sua providencia, o estado inicial de todos os elementos componentes do facto, de modo e fórmula tal que, em um dado momento, se produza, até sem violação das leis naturaes, um phenomeno determi-



A Procissão de Penitencia do dia 30 de Abril



Na calçada da Graça



No Largo da Graça

forma que o seu deferimento podesse tornar-se consequencia unica do curso natural dos acontecimentos.»

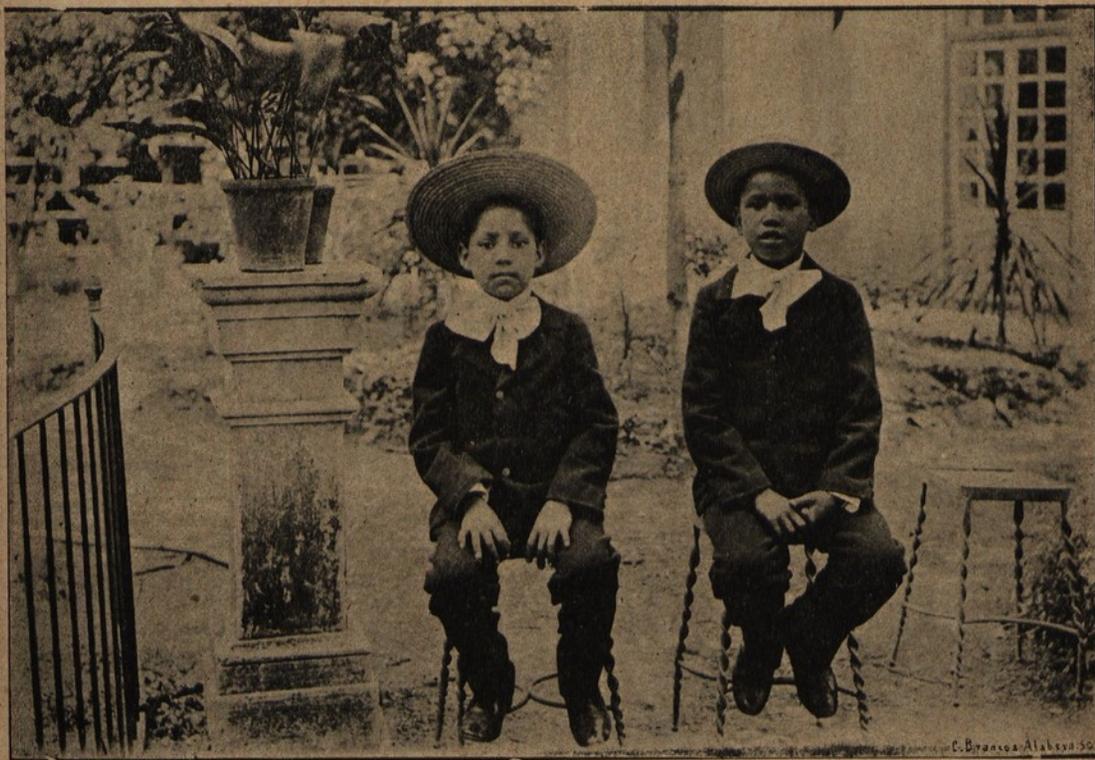
Não se encontrará, por ventura, n'esta concepção da Providencia a expressão mais elevada que humanamente possa formular-se da sua omnisciencia transcendente e do seu amor supremo pelo homem?

Quem terá pois uma intelligencia philosophica mais sublime acerca da Divindade e do mysterio do Universo, o penitente que se humilha e segue piedosamente a imagem do seu Deus feito homem e ainda a propria Pessoa Divina no Sacramento, ou o pretendido espirito forte que d'aquelle se ri com desdem, condemnando-se por si a ser, no seio d'esse mesmo Universo, o joguete apenas de um determinismo cego e fatal, que nem lhe explica o problema da propria existencia, nem lhe conserva a sombra sequer de uma esperanza para o alentar durante os curtos e atribulados momentos de uma vida sem dignidade e sem futuro?

Não parece possível a hesitação.

Continuemos por isso a erguer confiadamente as vistas para o céu, e, ensinados pelo Mestre Divino que não engana, prosigamos pedindo confiadamente «o pão nosso de cada dia» até que a misericórdia de Jesus nos conceda, porque d'ella nos tornámos dignos, o beneficio, que impetramos, humilde e penitentemente prostrados ante a sua imagem, ou acompanhando-a e seguindo a em piedosa romaria.

H. DE BARROS GOMES.



**D**ISSERAM os jornaes ha dias que a sr.<sup>a</sup> marquesa de Rio Maior tinha tomado conta de dois netos da rainha dos Amatongas e os ia fazer educar. Esta noticia é inexacta. Os dois pequenos são netos, pela mãe, do Rei de Maputo, e filhos de um allemão, já fallecido, que dirigia os trabalhos do caminho de ferr.<sup>o</sup> de Lourenço Marques a Pretoria.

Chamam-se Fernando e Guilherme Brukeine. Vieram d'Africa no mesmo vapor em que veio o Gungunhana, para serem internados no *Instituto Ultramarino*, uma bella instituição de caridade devida a Sua Magestade a Rainha D. Amelia que aggregou a si os elementos mais valiosos da aristocracia e da politica. Como a sr.<sup>a</sup> marquesa de Rio Maior seja a vogal do *Instituto* encarregada de tomar conta das creanças que chegam da Africa, desprotegidas pela sorte, para lhes dar depois destino conveniente, os dois pequenos foram para o seu palacete das Portas de Santo Antão até serem internados na Officina de S. José onde se acham actualmente. Pela sua grande affabilidade e amor aos pequeninos, a sr.<sup>a</sup> marquesa de Rio Maior, uma das senhoras mais virtuosas da aristocracia portugueza, foi a escolhida por Sua Magestade a Rainha para este benemerito cargo.

Os dois pequenos, de quem damos os retratos, são intelligentissimos e expressam-se magnificamente em portuguez. Têm já um principio de educação e fallam com uma grande vivacidade e espezteza.

# TYPOS DE MULHERES

(ARREDORES DO PORTO)



FAMALICÃO



GUINFÃES (Maia)



MAGDALENA (Gaya)



AVINTES (Gaya)

No Norte, onde a natureza é mais exuberante e onde trasborda a vida n'uma luxúria de seiva forte, é onde os typos de mulheres mais destacam, por mais bellas e sadias. Damos hoje esses quatro typos de belleza, cada um de sua terra, diferentes, portanto, nas suas linhas particulares, apesar de homogeneas no seu todo.

Quem tenha percorrido os arredores do Porto deve ter conservado uma grata recordação d'esses logares, ao passo que se lembrará também com saudade dos minutos passados em ameno cavaco com as mulheres d'aquelles sitios. São ellas as que mais animam essa pittoresca festa do Senhor de Mattosinhos, com os peitos cheios d'ouro, namoriscando em verso de pé quebrado. N'esses dias, vestem todas extravagantemente, de sédas vistosas e berrantes; e quem caía pela primeira vez ali, longe dos costumes d'aquellas regiões, tem bastos motivos para notas curiosas na sua carreira de *touriste* e passa alegres horas n'aquella deliciosa romaria, uma das mais typicas que conhecemos.

O typo de mulher de Famalicão que damos em primeiro lugar é perfeitissimo. Pena é que se não veja na reprodução a cabelleira, que é farta e luzente, com ligeiras, cambiantes de setim.

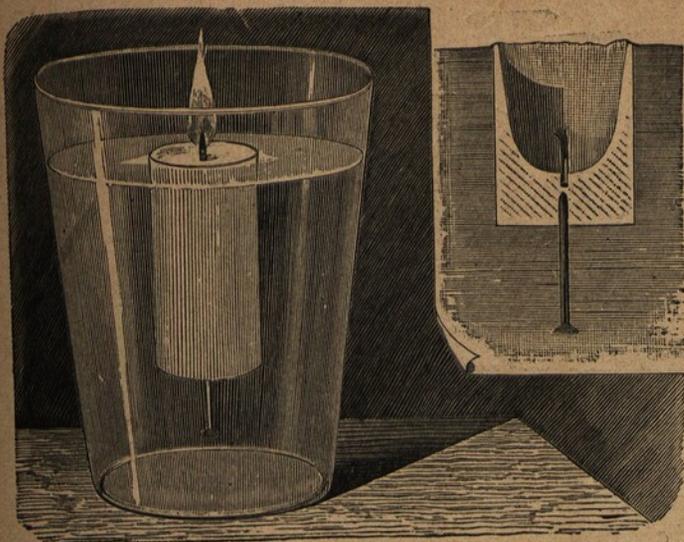
A mulher de Guifães (Maia) é um typo de belleza um pouco menos forte, mais langoroso, mais dado, talvez, ao devaneio.

Em Magdalena (Gaya) é onde ha as mais formosas *lavradeiras*, que abastecem de hortaliças, morangos e outros fructos os mercados do Porto.

A mulher d'Avintes, freguezia ribeirinha, é a mais forte organização d'aquellas bandas. Rema nos barcos, supplantando os homens e e rija como aço.

## SECÇÃO RECREATIVA

EXPERIENCIA



ainda a arder, vae abrindo uma especie de poço, como a gravura mostra.

(Extrahido da obra em publicação, *A Chave da Sciencia*, de Travassos Lopes)

Fazer arder até ao fim um coto de vela n'um copo de agua. — Lastra-se o coto com um prego, ou com outro qualquer peso, de modo que mergulhe na agua até a parte superior estar horizontal com a superficie do liquido, mas que o liquido não molhe a torcida. Accende-se esta, e ver-se-á que arde até ao fim.

Explicação. — Se por um lado a combustão torna menor a vela, e parece querer pôr em contacto a torcida com a agua, por outro lado o seu peso vae gradualmente diminuindo, o que a faz subir pouco a pouco.

Além d'isso, a materia estearica da circumferencia superior, arrefecida pelo liquido, derrete-se mais lentamente do que ao ar; essa superficie torna-se cada vez maior, e a torcida, que tende

### MANUAL

DE

## ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch, 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

### NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

### MANUAL

DE

## GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

RAMALHO ORTIGÃO

## O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

ED.TOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

### COISAS UTEIS

#### O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.ºs 2, 3, 4 e 5 do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa crécy. Lingua cosida com molho d'azedas. Costelletas de vitella á bordeleza. Rosbife com batatas à la duchesse. Dôce. — Soufflé de maizena com baunilha.

SEGUNDA FEIRA. — Purée de grão. Pargo cosido com molho de manteiga. Lingua de vacca ou de vitella de fricassé com champignons. Frango assado com salada. Couve flôr au gratin. Doce. — Croquenbouche de gommos de laranja.

TERÇA FEIRA. — Sopa de tapioca. Carne cosida com guarnição de hortaliças. Costelletas de carneiro salteadas com arroz de substancia. Esperregado de espinafres com ovos. Dôce. — Pasteis de nata.

QUARTA FEIRA. — Sopa de purée de ervilhas. Rissolles de vitella. Gallinha estufada com alcachofras. Perna de carneiro assada com guarnição de feijão branco. Espargos com molho de manteiga e limão. Dôce. — Puding de laranja.

QUINTA FEIRA. — Sopa printanière. Linguado au gratin. Carne estufada com macarroni. Perúa assada com agriões. Ervilhas á franceza. — Dôce. Torta de amendoas.

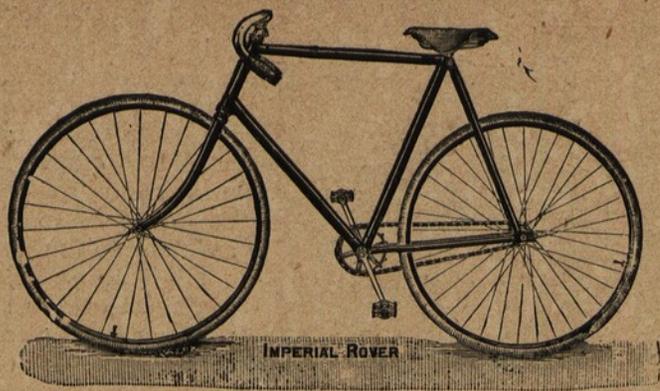
SEXTA FEIRA. — Sopa de camarão. Fritura de azedas. Eiroz guizada com ervilhas. Pargo assado. Feijão branco à la maitre d'hotel. Dôce. — Fatias dôces.

SABBADO. — Sopa de pão. Filetes de linguado. Presunto estufado. Vitella assada com espinafres. Creme de café.

Na proxima semana daremos a receita do *Soufflé de maizena com baunilha* e do *crème de café*.

# IMPERIAL ROVER

Pecam catalogos illustra-  
dos das "Rovers"



Fortaleza, elegancia,  
ligeiriza

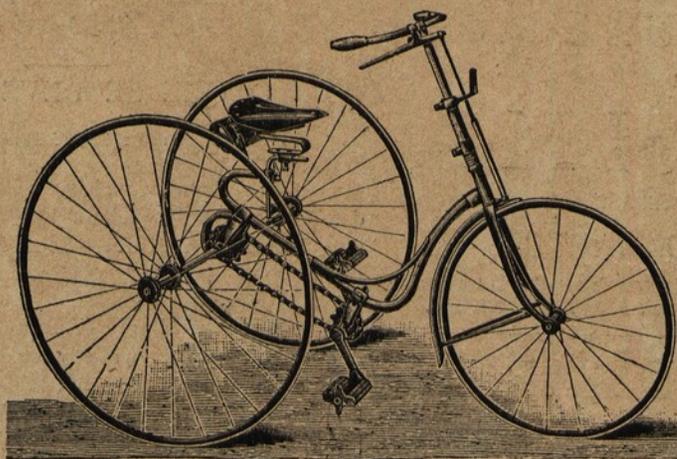
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem equal.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são ni-  
ckelados em parte, e têm  
travão e rodas com caute-  
chut.



Ha tricycles para adul-  
tos bem assim para se-  
nhoras, em grande sorti-  
mento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Pecam catalogos a esta casa



Velocipedes  
para rapazés de 4  
a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — [CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

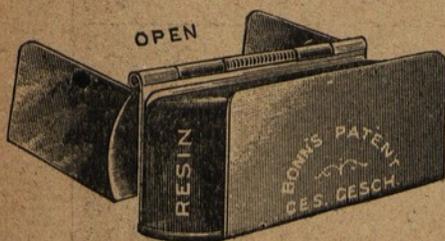
# BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

DOIS DEDOS DE PALESTRA

N.º 7



## RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

— ❧ ULTIMA NOVIDADE ❧ —

O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO

DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE

Preço de cada caixa completa — 240 réis

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á

— ❧ ARTE MUSICAL ❧ —



## BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portugueza.....	650 " "	1 \$300 " "	2 \$600 " "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 7

LISBOA, 17 DE MAIO DE 1896

1.º ANNO

## ASPECTOS DO PORTO



EGREJAS DOS TERCEIROS E CARMO E PRAÇA DOS VOLUNTARIOS DA RAINHA

(Photographia de E. BIEL)

No Porto, onde ha tantos aspectos pittorescos a notar, deliciosos recantos que prendem a nossa contemplação, os monumentos e obras d'arte são dignos de serem vistos para quem não tenha ainda o sentido artistico embotado e ame do coração estas coisas que nos fallam á alma como evocação de outras eras mais doiradas e menos prosaicas que esta que vamos atravessando. Já Ramalho Ortigão, o poderoso e scintillante escriptor da *Hollanda*, no seu ultimo livro o *Culto da Arte em Portugal*, chama a nossa attenção para este desmazelo em que nos vamos indo pelas coisas artisticas, — desmazelo que, se em parte, provem muito dos poderes publicos, não é menos verdade que se deve tambem á nossa indifferença pelas raras obras primas de architectura que ainda nos restam por esse paiz fóra.

As egrejas dos Terceiros e do Carmo, que hoje damos, é uma das que merecem ser visitadas. Fica n'um ponto delicioso, na praça dos Voluntarios da Rainha, á entrada da praça de Carlos Alberto e ao cimo da rampa que desce para o hospital da Misericordia.

A sua architectura interior é do mais simples estylo; no entanto, apesar de não ter a grande magestade architectonica de outros templos do paiz, é elegante, espaçosa, alta. A sua nave compõe-se de seis altares lateraes e um altar-mór.

A fachada tem um grande valor como obra d'arte digna de vêr-se. E' toda em granito lavrado, encimada por quatro esculpturas tambem de granito representando os Evangelistas — S. Lucas, S. João, S. Marcos e S. Matheus.

# AS SOCIEDADES PORTUGUEZAS PARA EDUCAÇÃO PHYSICA

IV

## PASSEIO DE ANDARILHOS A QUELUZ

**C**ONTINUANDO a seguir com o maximo interesse os varios exercicios para educação physica que vão tomando um grande incremento no nosso paiz, damos hoje a photogravura de um grupo de andarilhos que no dia 5 de maio partiram de Lisboa ás 6 e meia da manhã em direcção a Queluz. Este passeio tinha sido anunciado como uma digressão combinada entre varios clubs; no emtanto, appareceram apenas 36 rapazes, pertencentes a aggremações diversas, entre os quaes dois cyclistas.



Apezar d'isso, não desistiram do passeio; e, vestidos de fatos apropriados e leves e alpercatas brancas de sola de cortiça, eil os valentemente a caminho, fazendo o trajecto n'um curto espaço de tempo e chegando a Queluz na melhor disposição de espirito e de corpo.

O passeio decorreu na melhor ordem e todos os rapazes voltaram esplendidamente impressionados e com boas disposições — parece — de continuar esse agradável e salutar exercicio physico.

## A TUNA ACADEMICA DE LISBOA

**N**A festa dos estudantes, realisada sabbado passado no theatro de S. Carlos, sobresahiu a *Tuna Academica*, distinctamente dirigida pelo sr. Illidio Amado, estudante de medicina.

A *Tuna*, de que damos uma reproducção em photogravura, é composta de estudantes das differentes escolas de Lisboa e tem prestado relevantes serviços em festas de caridade, abrilhantando-as e chamando, por esse facto, basta concorrência aos theatros em cujos palcos apparece.

O seu director é um musico distincto que tem coöperado nas peças que os estudantes levam todos os annos á scena em beneficio da *Caixa de soccorros a estudantes pobres*. Na que se representou no theatro de D. Maria, em *première*, e na ultima festa de S. Carlos. *Sejamos castos*... Illidio Amado revelou-se um compositor ligeiro, original, creando motivos portuguezes e revelando notaveis aptidões para esta arte tão delicada e tão difficil.

Os outros membros da *Tuna*, bem ensaiados e dirigidos, constituem um *ensemble* digno de nota, que se apresenta com toda a galhardia e toda a vivacidade radiante da juventude.



A TUNA ACADEMICA DE LISBOA

# ANTHERO DE QUENTAL



É SEMPRE cabida, n'uma publicação do genero da nossa, a homenagem a um grande vulto desaparecido. Abre hoje esta illustre ala o retrato do extraordinario poeta Anthero de Quental, acompanhado de dois esplendidos excerptos da obra inedita *In Memoriam*, que o brilhante escriptor Luiz de Magalhães vae publicar por occasião do anniversario da morte do auctor dos *Sonetos*.

A Luiz de Magalhães todos os nossos agradecimentos por podermos dar em *primeur* aos nossos leitores esses bellos pedaços de prosa do maior romancista e do maior poeta portuguezes.

## UM GENIO QUE ERA UM SANTO

Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas *Sebentas* na algeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que n'esses tempos ainda era romantica, um homem, de pé, que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loira com lampejos fulvos, a barba d'um ruivo mais escuro, frisada e aguda á maneira syriaca, reluziam aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por traz, largamente, negra nas lages brancas, em pregas d'imagem. E sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras immoveis sobre as cantarias claras, escutavam em silencio e enlevo, como discipulos.

Parei, seduzido, com a impressão que não era aquelle um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquissimo seculo xvii — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, annunciando verdades. O homem com effeito cantava o Ceu, o Infinito, os mundos que rolam carregados d'humanidades, a luz suprema habitada pela idea pura, e

... os transcendentis recantos  
Aonde o bom Deus se mette,  
Sem fazer caso dos Santos,  
A conversar com Garrett!

Deslumbrado, toquei o cotovello d'um camarada, que murmurou, por entre os labios abertos de gosto e pasmo:

— E' o Anthero!...

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem me lembro, conversava com Platão e com Marco Aurelio. Todo o ceu era uma radiante Academia. Os Santos mais illustres, os Agostinhos, os Ambrosios, os Jeronymos, permaneciam fóra, pelos pateos divinos, sumidos n'uma nevoa subalterna, como plebe impropria a penetrar no concilio dos Philosophos e dos Poetas. Mas o escravo Epicteto apparecia ainda coberto das cicatrizes do latego e dos ferros — e Deus estendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, d'onde se esfarellava o barro com que elle fabrica os astros...

Epicteto, meu amigo,  
Quero ouvir o teu dictame  
E aconselhar-me comtigo...

Então, perante este ceu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracerei a capa, tambem me sentei n'um degrau, quasi aos pés de Anthero que improvisava, a escutar, n'um enlevo, como um discipulo. E para sempre assim me conservei na vida.

Intimidade, porém, com aquelle que eu depois chamava «Santo Anthero» só verdadeiramente começou na manhã em que o visitei, com muita curiosidade e muita timidez, na sua casa do Largo de S. João. Era o hereditario quarto da velha Coimbra, com as portas rudemente besuptadas de azul, o tecto alto de madeira fusca, e a cal das paredes riscada por todas as cabeças de lumes-promptos que em cincoenta annos allí se tinham raspado, com preguica, para acender a torcida d'azeite, á hora triste em que toca a «cabra». A um canto um leito de ferro, n'um alinhio rigido. Deante da janella a banca de Coimbra dos meus tempos, taboa de pinho sobre quatro pés toscos, onde uma Biblia, um Virgilio, o caderno de papel, o maço de cigarros, poisavam n'uma ordem curta e arida. E no meio d'esta quietação das coisas, e de todo o oiro da manhã de Maio que entravam pelas janellas, Anthero, batendo com grossos sapatos o soalho mal aplainado, parecia um leão, cheio de desordem interior e de sanha. O «olá!» que me atirou foi perfeitamente rugindo. Que dór ou que affronta lhe erriçavam assim a juba loira? Abria um gavetão, e tirava de dentro cartas, papeis, ferozmente, como se arrancasse entranhas. N'um arremesso empurrou para a mesa uma pobre cadeira caduca onde se abateu com amargura — e começou então a destruir as cartas e os papeis d'um modo estranho, que me maravilhou. Dobrava cada folha ao meio, esmeradamente: depois, violento e certo, ainda a dobrava em *quarto*; depois, com uma attenção sombria, ainda a dobrava em *oitavo*. Sob a unha raivosa achatava as dobras: — e, empunhando uma faca como um ferro de vingança e morte, cortava os papeis finamente, fazendo com dois golpes pequenos massos bem esquadrados, que ia amontoando n'uma resma nitida e fofa. E todo este lento, paciente trabalho de precisão e symetria, o continuava com um modo revoltado e tragico. Fascinado, surdi do vão da janella onde me refugiára, e parando á borda da mesa:

— Oh Anthero, quanta ordem você tem na destruição!

Elle dardejou sobre mim dois olhares devoradores. Depois considerou, ainda enrugado, a pilha acertada dos papeis cortados, e, um sorriso, aquelle sorriso d'Anthero que era como um sol nascente, illuminou, fez toda clara e rosea a sua boa face onde havia um não sei quê de philosopho de Alexandria e de piloto do Baltico:

— O ritmo, murmurou, é necessario mesmo no delirio.

E com effeito, n'aquella alma esthetica, sempre as angustias mais desordenadas se moldaram em formas feitas.

## O DRAMA DA SUA VIDA

Houve, em germen, em Anthero de Quental um santo, um filosofo e um heroe.

*Heroe*, isto é o idealista batalhador, o visionario homem d'acção, o revolucionario ardente e generoso, cuja figura impavida se destaca com um relevo belico de atleta e uma fulgurancia juvenil de aventureiro iluminado. E' o Anthero da mocidade. Conheci-o ainda. Mostraram-me ha dias um retrato d'essa época. Era elle, lá estava a mesma cabeça resplandecente e vigorosa : a juba d'oiro leonina, a testa curta d'Hercules Farnesio, o olhar azul, cheio de intrepidez e de candura, e o labio virgem, d'uma pureza hellenica, d'uma frescura silvestre e matinal. Esse Anthero, impetuoso e combatente, alegre figura indomita de paladino, morreu novo.

*Filosofo*, isto é o espirito abstracto e metafisico, vivendo, não a vida efemera e relativa das apparencias e dos fenomenos, mas a vida invisivel e intima do universo, interrogando não o *como*, mas o *porque* da existencia, li-brando-se, impalpavel molecula consciente, avida de infinito, no Tempo e no Espaço, a contemplar até á morte o enigma eterno, com a certeza absoluta de nunca jámais o decifrar.

Nas almas mediocres e superficiaes actua sobretudo a realidade transitoria das linhas e dos sons, das fórmãs e das côres. As naturas elevadas, ao contrario, são sempre subjectivas e metafisicas.

Explicar a existencia, atingir o infinito, eis para ellas o martirio cruciante, a necessidade inexoravel. E, á medida que os anos decorrem, que os appetites se extenuam, que a animalidade se adelgaça, mais o espirito idealista se vae libertando das exterioridades enganadoras do mundo tangivel e material.

Em Anthero foi inato e precoze, irresistivel e organico esse dom de filosofia, de curiosidade transcendente. Desde moço ao fim da vida cravou os olhos hipnotisados no misterio supremo do *au delà*.

As theorias duravam-lhe mezes ou semanas, mas, aniquilada uma, architectava outra, porque o seu pensamento superior não podia exilar-se do infinito incomensuravel para a mesquinhez anecdotica da estreita vida dos sentidos.

Em quanto novo e combatente, a acção equilibrou n'elle a contemplação, e a pletoia de saude e o movimento da lucta não lhe deixavam derivar todas as energias animicas para as regiões vertiginosas e perigosas da eternidade e do absoluto. Era um balão captivo. A doença partiu o cabo, e lá foi o aerostato levado pelos ares, atravez de nuvens, atravez de raios, atravez d'estrelas, n'um vôo d'agua halucinada e fabulosa, até desaparecer e engolfar-se para sempre no abismo desconhecido e inenarravel, onde as miriades infinitas de nebulosas e de mundos são argueiros invisiveis e fogos fatuos instantaneos.

O *santo*, isto é a alma para quem a virtude é o fim unico da vida, o motivo soberano da existencia. Anthero aliou, caso raro, á grandesa intelectual a grandesa moral. Ao talento correspondia o character. Rasão luminosa, consciencia limpida. Ha moralistas imoralissimos. Em Anthero concordancia plena, identificação ininterrupta do escriptor com o homem. Mais bela ainda que os seus livros, a sua vida.

Mas nem o heroismo, nem a filosofia, nem a virtude criariam, de per si só, o grande, o imorredoiro poeta dos dois ultimos livros dos Sonetos. O poeta anterior era de segunda ordem. Quem operou então a maravilha? O sofrimento. A doença, aniquilando-o, imortalizou-o.

GUERRA JUNQUEIRO

## O FERREIRO

(Conclusão)

**I**MMEDIATAMENTE, a porta da officina abriu-se e o Sylverio sahio a espreitar. O ferreiro ficou como petrificado. O outro, que o não vira atraz do sobro, accendeu um charuto e lá se foi gingando. Correu pelo ferreiro um calafrio glacido — e cortou pelo caminho opposto, com fito á ponte que o outro tinha de passar.

Os dois encontraram se de rosto, na ponte. Era um sitio ermo, com pinheiraees funereos. O Sylverio sentiu que as mãos lhe regelayam; empallideceu como um cadaver quando o vira a distancia. Não acreditava bem na audacia d'um conflicto, dada a sua riqueza, o seu valor politico; mas cada vez se sentia mais tremulo. Entretanto comprava-se — era a sua philosophia em casos concludentes. Ganhou animo :

— Olá, seu ferreiro, por estes sitios ?

O outro não respondeu. Estas palavras cahiram frouxas n'um calamento absoluto. Apenas a agua do riacho chofrava n'uns pedregulhos, murmurando.

O ferreiro approximou-se em silencio, e lançou-lhe as mãos ao casaco, violentamente :

— Você que quer ?! disse o Sylverio, meio engasgado, e confuso da audacia d'aquelle homem fruste.

Nem uma palavra de resposta. O ferreiro sacudiu-o no ar, e arremessou-o como um trapo, ao chão.

— Está bebedo, hein ? Está bebedo !

O ferreiro agarrou-o pelo peito e encostou-o ao varal da ponte. O outro, sob aquelles músculos de ferro, succumbiu. Ninguém passava. Dobrado pela espinha sobre o riacho, gemia, livido :

— Eu o faço feliz, me deixe ! Hein, eu o faço feliz !...

Então correu um calafrio n'aquelle homem herculeo. Todo elle vibrou, como se sentisse a escaldar-lhe no rosto o oiro infame do canalha. Queria compral-o como um cão, depois de o espezinhar, a elle !

Deitou-lhe as mãos ás guelãs. O Sylverio tentava debater-se, gritar. Impossivel, o outro era d'aço. O chapéu rolou-lhe á agua. Elle esperneava, a ganhar tempo, a vêr se vinha alguém, se podia fugir. Afinal, exasperado, arrasado, ganiu :

— Cor... !

Não pôde concluir a palavra. As garras do ferreiro asphyxiaram-no. Quando cahiu á agua ia morto. No silencio cryptico da noite o cadaver fez o *chap* de grandes rãs, que a um tempo pinchassem para um charco.

Não houve no ferreiro um enternecimento. Andou até ao alvorar por atalhos, sentou-se a magiar n'um recanto afastado, onde o não vissem noctambulo e perdido. E se chorou, depois, as suas lagrimas carpiam sonhos mortos.

Ao primeiro lampear do alvôr, batia á porta. A mulher estremunhada veiu abrir :

— Já vens, que horas são ?

Tinha vindo n'um carro — que passava no instante, com estalidos de chicotadas seccas.

Elle começou a mexer no escaninho d'uma arca :

— Que queres d'ahi, eu dou-te...

Elle não respondeu, continuava a mexer. E a mulher :

— Valha-me Nossa Senhora ! Diz o que queres.

— Que é isto ? perguntou elle naturalmente.

A mulher fez-se pallida :

— Era um trancelim d'oiro, que o Sylverio lhe tinha dado na vespõra. Passára por lá, e deixara-lhe aquella prenda... E rematou, mudando de tom :

— Assim elle trouxesse muitos, pôdre de rico ! — E depois :

— Olha que ainda pesa um par de c'rôas !

O ferreiro amarfanhou na mão o trancelim. Depois, n'um impeto que não poude reprimir, arremessou-o furiosamente ao chão.

— Uma mulher séria não aceita prendas, assim!...

— Então, parecia mal?... Nem elle deu tempo... Entregou-m'o e foi-se embora; mas se queres, dá-se-lhe outra vez.

Elle fixou-a, d'um modo intraduzível e sinistro. Ella quedou-se, como se sentisse o seu crime a esbofeteal-a, pavoroso; vieram-lhe lagrimas aos olhos, sentiu-se rastejar como uma folha d'arvore, levada por um vento de desgraça. Era humilde e suave: mais bonita n'aquella humildade de sacrificada, emanando uma innocencia limpida, apedrejada de calumnias...

Elle voltou-lhe as costas, ringindo os dentes. Desceu á forja. A mulher, d'ahi a pouco, disse-lhe que tinha d'ir ao moinho, buscar o taleigo:

— Olha pela creança, que fica no berço.

Elle abaixou a cabeça, taciturno, e poz-se a embrulhar um cigarro. Mau signal.

Quando ella sahiu, o ferreiro veio vê-la da porta. Deixou-a dobrar o caminho, e sorriu-se demoniacamente, e ao mesmo tempo com uma tristeza tal, que não era mais funebre o dobrar de sinos n'um descampado alpestre, por uma tarde lugubre de inverno.

Emquanto fumava, alheadamente, elle vira o afundar-se triste d'uma galera cheia de sol, que avistára n'um longinquo mar. Era aquelle navio de «Paulo e Virginia» que quasi todos nós temos visto ir ao fundo.

Na vertigem dolorosa do seu espirito, a mulher que o trahira tinha ainda vagos perdões da sua alma. Era fraca — subjugava-a o oiro, a astucia cynica, a covardia insinuante do outro. Tel-a-ia estorcegado, torcido como um vime, se o seu odio não se sentisse apagado por um outro maior e mais potente. Ao vê-la — o seu coração sentia agora uma dôr aguda, ao mesmo tempo voluptuaria e saudosa. Muito tempo dentro d'elle, ao arrancar a para atirar ao lodo que buscára, ficava lá o espaço que só lagrimas enchem muitas vezes, quando a dôr o não rasga em farrapos miseraveis.

Voltou para dentro, mas não pôde trabalhar. Eil-o que se punha a architectar tragedias. A sua alma sentia-se chicoteada. Vinha um homem cheio de oiro e deshonorava-o; a mulher, que elle amava, trahia-o... Porquê seria que ninguem no mundo realisava a sua aspiração, ainda a mais simples? Porquê?

Dentro, a creança começou a chorar. Elle foi lá vêr se a calava. Aquelles gritos agitaram-no immenso.

No berço, o pequenito chorava, a agitar os bracitos, a olhar p'ra a porta. O ferreiro estacou. Cravou os olhos no pequeno — e ficou pallido como um enterrado. Deixou-o a chorar, voltou, passando a mão fria na testa: veio para o largo, limpando os olhos, como se elles estivessem ennevoados. Ao entrar de novo na loja, como azorotado de vertigens, ouviu que o pequeno berrava mais. Não quiz lá ir; mas o pequeno não se calava. Aproximou-se do berço; aquelles gritos irritavam-no, sacudiam-no. Fixou-o de novo, aterrado. Quem era que estava no berço? Olhou em roda... Era o Sylverio, era o Sylverio que estava no berço! Era a cara d'elle, pequenina, cynica, nas contorsões do choro e dos gritos. Quiz fugir d'aquella impressão infernal. Não podia — aquella cara era do outro, tal qual, com o mesmo franzido dos labios, o mesmo bigodeco ralo!... O ferreiro tremia, crispava-se, ringia os dentes; a creança gritava, a olhar para aquelle homem enorme, com os olhos de lume a fital-o. Mas o ferreiro não ouvia chorar: via-o rir, mofando, com os olhinhos piscos. Era elle que lhe dizia ainda, esverdinhado de colera e vaidade, aquella ultima palavra da sua vida!

O pequeno gritava mais. Elle, allucinado, fez-lhe — schiu! — e n'uma tontura, apertou lhe o pescoço, que guinchava. Mas na illusão pavorosa do seu espirito, n'aquelle odio revoltado e espumante de raivas, não viu que era uma creancita inculpada, e deixou o sem vida.

O moinho era longe. Além d'isso demorara-se entre a gente que rodeava o cadaver do Sylverio, que apparecera n'uma margem do riacho, entre dois grandes calhaos musgosos. Aquillo tinha sido uma congestão cerebral; cahira da ponte. Esta opinião do medico, reforçada com as bebedeiras nocturnas do afogado, convenceram os mais incredulos.

Quando chegou a casa, a mulher não encontrou o marido. Vinha esbofada, afflicta, com o taleigo á cabeça. Foi vêr o filho, encontrou-o morto.

Não se lembrou de que o homem fugisse. Pensou que a andaria a procurar, para lhe communicar aquella desgraça. Esperou, chorando, sentada na arca, depois de ter beijado o menino. Alli, á espera, entre aquella nuvem de desventura horrivel, ao fitar a creança morta, tambem estremeceu. Passou o avental nos olhos, e começou aos gritos adoidados. A officina vasia e apagada, negra e lutulenta, era um tumulo. Na meia inconsciencia da sua alma, errava agora um clarão de tochas funerarias, fazia-se uma vasta planicie paludosa e fatidica, sobre que cahia uma noite maldita. Depois não sei o que aconteceu — nem mesmo me consta o que foi feito d'ella, nem me vale a pena investigar-lhe o poiso. O ferreiro dizem no no Brazil, rico e feliz; sobre elle correram versões ambigvas, e a respeitavel auctoridade do concelho, sempre lucida, andou vendo se lhe lançava o gancho da justiça. Deixou-se d'isso quando o soube no Brazil — rico, feliz, opiparo.

Entretanto eu ia apostar que o vi hontem, magro e encovado, com umas guedelhas tristes, n'um grupo de socialistas rotos, ahí para um bairro obscuro. Fixei-o, e ia apostar, repito, que era o mesmo que eu enxerguei, ha annos, bigornando e cantando na aldeola. Ia magro, caveirente, e parece ainda maior do que d'antes, com as barbas ruivas de homem do norte, que mendiga. O seu olhar pareceu-me secco — talvez de ter fitado muito uma chamma erradia!

Seguia lento, entre os outros, de certo sem os ouvir. O dia de hontem, como os senhores sabem, estava brusco: aquelle homem fez-me uma tristeza profunda, em meio do bairro pobre, a uma hora parda de crepusculo, batido por um vento morno, que se julga vir d'um paiz de pestes. Não tinha gestos, como alguns dos companheiros. Caminhava como uma grande sombra.

JULIO BRANDÃO.

## IDÉAS E SENSACÕES

Quando virdes á vossa noiva faces rosadas e olhos candidos, não tireis a conclusão de que ella é um anjo, mas sim de que a deitam ás 9 horas e de que ella come muitas costelletas.

Para ter uma idéa do homem e da vida, é preciso ter estado em pessoa á borda do suicidio, ou ter chegado á fronteira da loucura, pelo menos uma vez.

Conceder a uma mulher razão, idéas, espirito, é metter um punhal na mão d'uma creança.



## Batalha das Flores

N'AVENIDA, esta ultima quinta-feira, teve a alta aristocracia e a burguezia endinheirada o seu dia da espiga. Emquanto o povo, campos fóra, n'uma communhão do mesmo prazer simples, folgava e ria, ao ar da grande natureza, entretinham-se no coração da cidade, atirando flôres e saccos de *confetti* os que nasceram em doirado berço.

Carros lindamente enfeitados. Alegrias serenas de estio.

Sob as olaias, cujas flôres roxas cahiam em chuva das arvores, as filas de carruagens matizadas de côres vivas, frescas e orvalhadas, produziam, vistas de cima, um aspecto deslumbrante.

Os trens de Suas Magestades as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, puxados por seis vigorosos cavallos, estavam decorados com um supremo gosto artistico e original, destacando entre os outros pela superior escolha na combinação das côres.

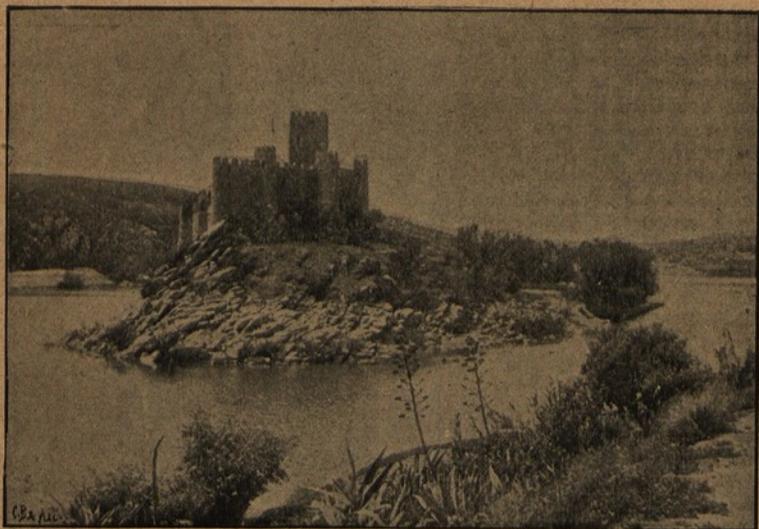
Apresentaram floridos carros as sr.<sup>as</sup> Condessas de Burnay, de Valenças e do Paço do Lumiar e os srs. José Eugenio d'Almeida, conde de Font'Alva, João Barral, Collares, Franco de Castro, Adolpho Silva, etc.

Entre os que eram tirados por dois cavallos, sobresahiam os das sr.<sup>as</sup> Condessas das Galveias, da Anadia, da Guarda, duqueza de Palmella, viscondessa de Alferrarede, marqueza do Fayal, D. Maria Izabel de Siqueira (S. Martinho), D. Izabel O'Neill, madame Laxman de Almeida, D. Maria do Patrocinio Barros Lima e os dos srs. Henry Burnay, José Ribeiro da Silva, Manuel de Castro Guimarães, José do Amaral, etc.

Notados ainda, n'aquelle torvelinho, as *charrettes* dos srs. Jorge de Mendonça, Francisco Silva, Marianno Cardoso, conde de Sabugosa, D. Antonio de Avillez de Mello e Castro e João Eugenio d'Almeida.

Fóra do recinto, o povo acotovelava-se n'uma ancia de gosar esse espectáculo, que é muito recente nos nossos costumes, e que não é dos que mais falam ao nosso temperamento que pede sensações mais fortes como a morte de um toiro e desdenha esse torneio sereno e de, um alto requinte de elegancia.

# A VIAGEM DE SUAS MAGESTADES A TANCOS



O castello de Almourol, (defrente de Tancos)

**N**A tarde do dia 7, Suas Magestades, acompanhadas pelos camaristas de serviço e pelo secretario particular de El-rei, o sr. conde d'Arnos, partiram para Tancos, em comboio especial, que chegou áquella povoação ás 9 horas da noite.

Os officiaes da escola pratica de engenharia e o povo d'aquellas cercanias prepararam aos regios visitantes uma recepção festiva, com illuminação a tijellinhas que produzia, na noite, um aspecto phantastico, principalmente a do castello d'Almourol, no meio do rio.

N'essa mesma noite Suas Magestades assistiram ainda a alguns exercicios feitos pelos officiaes em tirocinio no polygono.

A's 9 horas da manhã do dia seguinte sahiram Suas Magestades do quartel general acompanhadas pelos ajudantes, commandante da escola e officiaes, tudo montado.

Atravez de toda a arida charneça, semeiada de pinhaes escassos e cam-

pos de rosmaninho, a cavalgada seguiu para o sitio de Nossa Senhora da Conceição, onde ha uma ermida arruinada e d'onde se descobre, pr'a lá de um valle fundo, a linda povoação de Villa Nova de Constancia.

N'este ponto, que fica n'um alto, fez-se uma curta paragem, para se poder admirar á vontade o vasto e esplendente panorama. Suas Magestades ficaram magnificamente impressionadas pelo aspecto da paysagem que se desenrolava n'uma grande extensão.

D'ali, seguiram todos para Villa Nova de Constancia onde se fez o embarque n'um trem de navegação de 16 remos — um estrado de pranchas entre dois batelões de ferro — (fluctuador, que os pontoneiros armam rapidamente para travessia de rios). N'um dos trens tomaram lugar El-rei e a Rainha (em poltronas estofadas) e sequito de officiaes. No outro trem, ia a charanga de engenharia.

Os dois trens deslisaram pelo rio abaixo, emquanto a musica tocava um motivo alegre. O rio estava calmo como



Suas Magestades e o seu sequito



O embarque no trem de navegação

um lago e o céu leitoso; e as margens, que iam perdendo os seus contornos, esfumavam-se n'uma tinta tenuissima, como uma gaze leve que fluctuasse.

O desembarque effectuou-se defrente do castello d'Almourol. Suas Magestades, seguidas de toda a comitiva, visitaram o campo, indo em seguida almoçar para o quartel general.

A's duas horas da tarde estava outra vez tudo a postos, em cima dos cavallos. Os trens, que a principio eram só dois ou tres, triplicaram; e da Gollegã veio muita gente a cavallo assistir á passagem da luzida cavalgada.

Em seguida, fez-se a visita ao posto de Incanine, uma surpresa que os officiaes de engenharia tinham preparado a Suas Magestades, erguendo um fortim de typo igual ao tomado pelas nossas tropas na ultima campanha d'Africa. (1)

El-rei ficou agradavelmente impressionado com esta gentil lembrança e lou-

(1) Esta photographia, bem como muitas outras que Arnaldo da Fonseca nos trouxe d'este passeio, sahirão no proximo numero do nosso jornal.



Exercícios de tiro com a pólvora sem fumo

res : explosão de 9 minas e abatizes (árvores cortadas e dispostas sobre uma mina, de fôrma a fazerem ir o inimigo pelos ares.)

Acabado este exercício, que é um dos mais curiosos de vêr, Suas Magestades deram os parabens aos officiaes de engenharia que dirigiram os trabalhos.

Passaram depois, d'ali, para a carreira de tiro, onde varios officiaes, deitados, fizeram fogo. Depois o mesmo exercicio, mas de pé. El-rei tambem disparou alguns tiros, com magnifico resultado.

Seguiram-se os tiros com alça (côm a arma em cavallette) sobre um alvo de dynamite.

Sua Magestade a Rainha sentiu n'este momento muito frio e retirou-se no trem do ajudante d'E-Rei, que era o distincto official de marinha Vellez Caldeira.

Sua Magestade El-Rei ainda ficou mais alguns minutos, apontando ao alvo com mais alguns officiaes.

A's 11 horas e meia da noite de sexta-feira Suas Magestades regressaram a Lisboa.

\* \* \*

As photographias de que são tiradas as reproducções que damos em photogravura, foram feitas pelo distincto photographo Arnaldo da Fonseca, que acompanhou Suas Magestades na sua viagem a Tancos, em missão especial do *Branco e Negro*. São primorossimas, de uma nitidez admiravel, como nunca se tem feito em Portugal, depois de Carlos Relvas.



A charanga de engenharia

## A UNS NOIVOS

Parabens, no dia de hoje.  
Faz hoje um mez que se uniram :  
Como á luz a noite foge,  
Nuvens, tormentos... fugiram.

O amor é fogo sagrado,  
O amor é sol, é guarida,  
E' o pão do desventurado,  
O amor é força e é vida.

O amor é sonho que abraça  
As nuvens, de quando em quando...  
O amor é nuvem que passa...  
Sejam felizes, amando.

LUIZ OSORIO.





## O DIA DA ESPIGA

(EM QUINTA-FEIRA DE ASCENSÃO)

**R**ADIOSO dia de namorados... Pelos campos, n'um alegre esvoaçar de risos, os ranchos vão, em debandada, colher as primeiras espigas e merendar á sombra das grandes arvores. Ficam os cuidados em casa; e cada qual, sentindo refflorir no coração a seiva forte da alegria, arranja o seu farnel e vae procurar na paz serena dos arvoredos a consolação de peiores dias.

Viceja a terra com as ultimas chuvas; esmeraldinos, os prados pespontam-se das flores de primavera que desabrocharam esta ultima noite; e Nossa Senhora, nossa amiga sempre, toalha d'azul todo este céu que é um perpetuo riso e que parece aromado por fiôres de laranjeira.

\*

\* \*

Vae-se n'uma prece, para o Alto, o desejo dos moços e donzellas, ebrios do gozo ao pleno ar, ao quente sol, á luminosidade radiante do dia. E no silencio da vasta natureza, recantos ignorados animam-se com o chalar amoroso dos noivos que commungam a grande hostia do sol, com labios humidos, vermelhos de prazer, titillando á delicia de um *tête-à-tête* perfumado pelos trevos.

Quantos sonhos ditos n'este dia, na lingua quente e entusiasta que o amor empresta aos que se sentem cheios de illusões, de dôce esperança n'uma vida cariciosa e deslizando serena como um rio de leite!

\*

\* \*

Vão as estradas cobertas de um formigueiro de gente que ri e folga, n'uma sarabanda de prazer, com os chapéus p'r'á nuca, os labios abertos n'um grande riso hilare. A' direita e á esquerda, em todos esses caminhos que vão dar ás hortas, fóra da cidade, os campos onde os trigos estão da altura de dedos, estendem-se n'uma preguiça de indolentes *fakires*, convidando á sésta, sob alguma arvore mais copada. E emquanto ranchos passam, buziando a alegria aos quatro ventos, furtam-se beijos por traz da rama das sebes, risinhos satisfeitos entre abrem n'uma bocca côr de rosa uma grande aurora de gozo luminoso como este sol de maio ..

# À ESPERA

A fonte é uma pedra sobre que os senhores podem bem ajoelhar, estender o bico e — que frescura! — regalar a arida guella, secca d'este sol e d'este pó que anda a turvar o ar. Não é raro, pela fresca, ver namoradas por ali, á sombra dos salgueiros dedilhar na lyra as eternas canções do deus — Amor. E se quizerem ir mais longe, por curiosos, talvez que ouçam beijos, espreitando bem por entre as silvas, para o lado dos campos. Beijos d'alliança, sellos de promessas, está de ver. Que nem outra coisa eu consentia, eu que ando por'li sempre á espera de uns amores que hão de vir, sei lá d'onde, com um cantarinho á cabeça e um fresco collete de baetilha a alçar os seios tumidos. Hão-de vir, hão-de vir! Eu espero.

Samaritana, quando virás tu offerecer aos meus labios a borda da tua bilha, Samaritana de doce olhar! Eu



sou um desherdado d' affectos n'este mundo. Ninguem me quer, Samaritana. E eu espero por ti para, sob a umbrela azul do teu sorriso, esgarçar o doce sonho que ha muito me anda preso á alma, presto rebentando sob a caricia de um brando olhar que ha de vir, sei lá d'onde...

E enquanto nuvens passam, brancas como pombas, no ar leve, Samaritana que eu espero, ando com sêde á borda mesmo da fonte, ando com sêde da tua agua que ha-de ser mais fresca que todas as que correm a dentro dos montes, no coração mesmo das pedras. Não tardes, não tardes. Eu morro por te esperar e esperar sem esperança é morrer lento.

Se quando vieres, de cantarinho á cabeça e seios tumidos, achares o meu logar já vago, Samaritana que não vieste, entorna a tua agua sobre as flores, que talvez eu seja alguma d'ellas, virgem inda d'affagos, porque tanto te esperei e, de esperar, morri.

DOMINGOS GUIMARÃES.

## FLÔRES NO QUARTO

Quarto sem luz, d'um ar viuvo e frio.  
Tenho a cabeça, enfebreçada, a arder.  
O somno hoje não desce a apasiguar-me.  
Pelo silencio, a espaços, dando alarme  
Anda um estranho som de entontecer.

Procuo companhia com que esqueça  
Esta vida de só, de abandonado.  
Lembro um corpo florido, crepitante,  
De carne moça e viva, de bacchante,  
Sem tunica, n'um sonho depravado.

Mas tarda... oh sonhos vãos!... porém, teimando,  
O sonho não me larga, a enfebrecer.  
O corpo que eu criei e me apetece  
Grita no escuro... o aroma me enlouquece...  
— Vermelho ramilhete, ao fundo, a arder...

Penso que me abre a porta lentamente,  
Impondo-me em silencio amplos assombros,  
E que nervoso se dirige ao leito  
— Como um ramo gentil todo desfeito  
Os seus cabellos soltos pelos hombros.

E chega todo tremulo, medroso,  
N'uma graça aromatica e ligeira.  
Toda a alcova estremece e se perfuma  
Do olôr que embriaga, e me envenena em summa,  
Come um bouquet bizarro á travesseira.

(Inedito)

PAULINO DE OLIVEIRA.

# TYPOS DE MULHERES

(VIANNA DO CASTELLO)



Pertence às *Farjas* este luminoso pedaço de prôsa sobre os costumes e usos das mulheres de Vianna do Castello, que Ramalho Ortigão descreve com todo o colorido e toda a masculinidade do seu estylo.

A mulher do campo não está sujeita a nenhuma d'essas influencias deprimentes da normalidade da expressão no rosto humano. Além d'isso, no campo de Vianna, a educação geral das mulheres corresponde, pelos elementos estheticos que n'ella decorrem, pelas faculdades que desenvolve e pelos habitos que determina, a uma verdadeira *eschola de belleza*.

A aldeã do districto de Vianna é, por via de regra, tecedeira. E' preciso não se confundir o que no Minho se chama *tecedeira* com o que geralmente se entende por *tecelôa*. A tecedeira de Vianna não se emprega n'uma fabrica nem tem propriamente uma officina. Sabe simplesmente tecer como a menina de Lisboa sabe fazer crochet; e junto da janella engrinaldada por um pé de videira o seu pequenino tear caseiro como o da casta Penelope, tem o aspecto decorativo de um puro attributo familiar, como um cavallete de pintura ou um orgão de pedaes no recanto de um salão. A tecedeira trabalha mais para si do que para os outros n'esse velho tear herdado e transmitido de geração em geração, e não tece servilmente e automaticamente como nas fabricas sobre um padrão imposto pelo mestre da officina, mas livremente, como artista, ao solto capricho da sua phantasia e do seu gosto, combinando as côres segundo os retalhos de lã de que dispõe, contrastando os tons e variando os desenhos ao seu arbitrio. Tecer em taes condições é educar a vista e o gosto para a selecção das formas n'um exercicio infinitamente mais util que o de todas as prendas de mãos com que nos collegios se atrophia a intelligencia e se perverte a imaginação das meninas de estimação ensinando-lhes ao mesmo tempo como se abastarda o trabalho e como se deshonra a arte.

Além de tecedeira, toda a rapariga de Vianna é tambem uma fiandeira, sabe cardar, sabe espadelar, e ella mesma se occupa com uma notavel variedade de conhecimentos e de aptidões de todos os processos por que passa a lã e o linho desde a tosquia do carneiro e desde a ceifa do linhal até á confecção completa da sua linda saia e da sua admiravel camisa. Sabe ainda manejar os bilros e fazer as rendas, e sobra lhe tempo de todas estas occupações tão variadas e tão completas para deitar gallinhas e para fabricar manteiga tão fina como a da Normandia.

Não é rara a rapariga que na feira de Vianna vende simultaneamente todos esses productos da sua industria: as gallinhas, os ovos, a manteiga, o panno de linho, o panno de lã, a sirguilha, os bordados e a renda. Além do que está dos pes á cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ella só executou, desde a primeira manipulação das substancias primas tomadas á materia bruta, até ao ultimo ponto da costura e á ultima malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ella extrae pela sua aptidão e pelo seu talento todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua familia. Extrae ainda alguma coisa mais preciosa que tudo isso, e é o respeito dos outros e a dignidade de si mesma.

Toda a especie de trabalho determina o desenvolvimento de uma faculdade correspondente e de uma virtude correlativa. Das occupações habituaes da mulher das margens do Lima procede a cultura das qualidades que a educação mais deve desenvolver no espirito e no character da mulher. Da multiplicidade das aptidões applicadas a tarefas diferentes resulta a necessidade de uma justa divisão do tempo por um espirito de reflexão e de ordem. O movimento do tear contrabalança para a coordenação gymnastica dos musculos o movimento dos bilros. A applicação do desenho e das cores aos tecidos e aos bordados cria o sentimento esthetico, exerce a vista, e desenvolve a attenção, a paciencia, a contenção intellectual, a perseverança do espirito, a pacificação dos nervos. A variedade no trabalho, repartido por obras tão diversas como aquellas em que se emprega a mulher de Vianna, aliçeira o canção, corrige a preguiça do cerebro, mantem a alegria com a frescura da vontade, obsta aos enervados desfallecimentos e ao tenebroso desanimo que a inacção provoca, e livra de impallidecer indo ao luar colher o zimbro ou a herva moliana, e de parar pelas devezas na volta da feira a interrogar os cucos: — *Cuco da ramalheira quantos annos me dás de solteira?*

O trabalho das rendas basta, por elle só, para crear os habitos de symetrisação, de alinhamento, de acieo e de esmero, que necessariamente se communicam da nitidez da operaria a tudo que a rodeia,—os seus vestidos, a sua casa.

## A CONSCIENCIA COM A EDADE

**S**E o sr. cirurgião-mór do regimento \*\*\* se confessasse, vamos com Deus, que alguma cousa de grave tinha a descarregar da consciencia. E a Margarida, da Torre d'Eita, lá está ainda viva na freguezia, para o confirmar.

Elle, filho d'um lavradorote das proximidades de Vizeu, fez o seu curso medico em Coimbra. N'uma das ferias começou, sem saber como nem em que hora, a sentir, que a Margarida, inconscientemente, coitada, lhe prendia a attenção, e até o deixava como enlevado. Ella, trabalhando, ora na monda dos trigos, depois na sacha dos milhos, mais tarde na cava das vinhas, nas ceifas, nas vindimas, era uma das jornaleiras certas de todo o anno nas terras que o pae do estudante trazia de renda.

A Margarida, como mulher, não era formosura d'espantar; mas tambem, sem favor nenhum, era o que se podia chamar uma boa cachopa.

Quando o filho do lavrador vinha a ferias e encarava com a moçoila, puro typo beirão, ancha de carnes e triqueira, os seios alteados e trementes cobertos por um largo lenço de ramagens vivas cruzado a meio do peito, tamanca e perna nua, o rosto illuminado por dois olhos fulgurantes e emoldurado por um lenço de lã franjado, que

torneando o cabello por detraz das orelhas ia atar no alto da cabeça, deixando o rosto inteiro a descoberto (atado, que por esta mesma circumstancia é muito mais airoso do que o usado pelas saloias, á ponta do queixo), o rapaz sentia invadir-lhe o peito o que quer que era de estranho e affavel, que o dominava.

Ella, naturalmente, não tardaria em perceber isto, com aquelle sexto sentido das mulheres, já determinado pelos romancistas psycho-physiologistas; mas de convencer-se da affeição d'elle a deixal-o approximar, ia grande distancia, porque a Margarida era arredia, e mesmo entre as suas companheiras conceituada de bisonha, de pouco tratavel, pouco communicativa.

— Ha-des ser sempre um bicho do matto, minha tonta — terminou assim pesarosa, certa vez, uma resinga com ella, a Maria d'Assumpção, sua verdadeira amiga, desde pequenitas, ambas.

Mas os bichos do matto não obstante serem bravios, obedecem ás leis communs e procriam, tal como os animaes domesticos. E animado por este raciocinio, simples verdade tirada da vida da Natureza, o filho do lavrador não recuou.

O que se passava entre ambos, nas ferias que sobrevieram e se intervallaram até final do curso,

não sei, nem elle me narrou. Promessas, na forma do costume, não faltariam. Ora!... O que sei sómente, e é bastante de saber-se, para o que lhes vou contando, é que a Margarida, ahi pelas alturas do estudante se bacharelar em medicina, dava ao mundo um rapazelho «como um bezerro» — comparava um irmão d'ella.

\*

São passados 20 annos O sr. cirurgião-mór do regimento \*\*\* é nomeado para tomar parte na junta de inspecção dos recrutas do districto de recrutamento de S.<sup>ta</sup> Comba-Dão. N'uma das sessões, o sargento secretario chamava em voz alta: *Freguezia da Torre d'Eita, Luiz, filho de Margarida de Jesus e de pae incognito*. Ao ouvir isto, a consciencia do dr. deu-lhe um rebate, que elle sentiu como uma punhalada. Livido e sentindo apertar-se-lhe a garganta, viu entrar na sala da inspecção um rapaz forte como um athleta, encaminhar-se boçalmente para os membros da junta, e perguntar:

- Qual de vocemecês é o sr. doitor Luiz Augusto!
- Sou eu; que deseja?
- Trago-lhe aqui este papel (e mostrou uma carta).



— Ponha-o aqui na meza, e vá despir-se.

O sr. cirurgião-mór, recto e justo como se deve ser no exercicio d'aquelle serviço, que envolve pobres e ricos, tinha adoptado o uso de ler as cartas em que suspeitava pedido de favoritismo, sómente depois de terminado o apuramento de cada sessão.

O recruta Luiz, um modelo esculptural, depois d'observado pelo sr. cirurgião ajudante, foi interrogado na forma do costume :

— Queixa-se d'alguma cousa ?

— Eu não tenho nada de que me queixe.

— Apurado para artilheria, disse alto, com voz clara e firme o sr. cirurgião-mór.

E quando o recruta retirava, mandou avisal-o, pela ordenança, que o esperasse á sahida.

\*

O sr. cirurgião-mór, fóra do uso estabelecido, sahio d'esta vez sem esperar a companhia dos seus collegas da junta. Ia sorumbático. Seguiu-o a distancia o recruta.

Foi quando recolhido e concentrado no seu quarto da hospedaria, que leu o *papel*. Dizia : «Sr. Dr. Luiz Augusto, dizem que o sr. está ahi, em Santa-Comba, para examinar os recrutas; se assim é, foi talvez Deus Nosso Senhor que o trouxe.

O sr. nunca mais quiz saber de mim nem de seu filho Luiz. Dei-lhe no baptismo o nome do pae, por isso se chama tambem Luiz. Elle ahi vai agora para o sr. o examinar para soldado. E' a minha familia e o meu amparo. Se m'o levam para a tropa provavelmente morrerei de fome.

Sua amiga antiga

Margarida.

O dr. sentiu se acommettido d'uma angustia, que o immobilisou por momentos n'um estado d'idiota. Quando reentrou na posse da sua consciencia, viu de prompto que o homem justo d'hoje devia atenuar quanto podesse as leviandades do rapaz de ha 20 annos. Occorreu lhe uma ideia, que realisou immediatamente, sem sombras d'hésitação, custasse o que custasse, embora perdesse assim o ensejo de resolver algumas difficuldades, proprias de chefe de basta familia, cujos haveres provinham exclusivamente da clinica.

Preparou um pequeno embrulho, escreveu-lhe poucas palavras, e mandou entrar o recruta. O rapaz foi entrando vagarosamente, muito embaraçado e muito estranho a tudo aquillo.

— Quem foi seu pae ? perguntou lhe o doutor.

— Eu não tive pae.

— Não teve pae ! Não comprehendo.

— Eu sou filho de pegadiço.

— Pegadiço !...

— Sim senhor. E'. como o outro que diz, que meu pae era assim como um cão para as cadellas.

— Bem, bem. Dê isto a sua mãe. Cuidado, não perca (e poisou lhe na mão o pequeno embrulho, que continha 150,000 réis em notas). Ahi vai, dizendo que é para vocemecê ser remido do serviço militar.

— Sim senhor, (exprimindo no rosto, que não tinha percebido nada) O sr. dr. quer mais alguma coisa ?

— Diga-me, já agora : Dá-se bem com sua mãe ?

— Então nã haverá de dar !... Aquillo é uma santa.

— E os paes e irmãos d'ella ?

— O que ! vocemecê conhece-os ?

— Não. E' uma pergunta como outra qualquer...

— D'essa gente, uns morreram, outros foram para o Brazil. Já ha annos que vivemos sósinhos, ella a mais com-migo.

— Bem, bem. Adeus.

— E eu sempre vou para soldado ?

— Não vai, não.

— Então fique-se com Deus (e sahio aos pulos).

O sr. cirurgião-mór, desoprimido agora o coração, foi rapidamente á janella para ver ainda o seu filho.

E viu o, atravez das lagrimas que lhe alagavam os olhos.

HENRIQUE DAS NEVES.

## O ACTOR PORTUGAL



**P**OBRE artista ! Ao partir para o Brazil, na hora do embarque, elle tivera esse terrivel presentimento da morte ao vêr passar, no seu ultimo minuto de pisar a terra portugueza, um homem com um caixão ás costas. E já no navio, prestes a largar para longes terras, deixando a familia, os amigos, tudo o que lhe era caro e tudo o que lhe sorria de cá, elle chorou como uma creança, sentindo, talvez, o adejar da mysteriosa sombra em que d'ahi a pouco havia de mergulhar.

O actor Portugal era um recatado e um tímido. N'essa vida falsa de bastidores em que se afundam tantos caracteres, em que se aviltam tantos sentimentos, elle passou, sem a sombra de uma mácula, simples e bom, lastimando os infortunios, não tendo nunca uma palavra de amarga troça pelas angustias dos outros. Na familia, de que fizera todo o santuario das suas mais ternas affeições, elle reposava das luctas em que precisava entrar para ganhar honradamente o pão de cada dia.

Além de ser um bom actor d'opereta, Portugal era um musico distincto e um bello cantor. Entrára, por concurso, para cantor da Sé, a que pertencia ainda hoje. E não foi a ganancia avida do dinheiro ou a frivola apothose de uma gloria que desdenhava, que o levaram ao Brazil. Se lá foi, se lá morreu, labutando na ardua lucta pela vida, foi para tentar trazer aos filhos, por quem era extremosissimo, algum conforto mais, a mediania de um bem estar relativo e a tranquillidade de outros dias melhores.

Morreu bastante novo, mas a sua alma deve a est' hora achar-se compensada com a saudade que deixou em todos os que o conheciam.



Uma esmolinha, por amor de Deus! Desde a ultima vez que comi que não me entra nada na bocca...



Pobre homem!... Coma esta sopinha... bem quente...



Oh que mixórdia! parece agua de lavar a louça! Isto vae-me estragar o appetite...

Ah! vou deital-o ali!...

—Minha senhora, não lhe digo a Deus...



GODETROY



MULLART sc.

...mas até á vista...



## HISTORIAS PARA CRENÇAS

**E**RA uma vez uma mulher que tinha duas filhas: A mais velha; feia e tola, era o *ai Jesus* da mãe. A outra, linda e ingenua, era a creada, e tão maltratada era que tinha o corpo cheio de vergões e de nodoas roxas.

Ora, d'uma vez que a pequenita estava a encher a bilha n'uma fonte, acercou-se d'ella uma pobre velha, que lhe disse:

—Tenho tanta sêde! Se a menina me desse uma gotinha d'agua!...

A creança respondeu:

—Pois não, avósinha, beba, beba á sua vontade.

A velha depois de se saciar, bebendo pelo cantarinho, despediu-se, dizendo:

—E' tão boa como formosa. Oxalá que quando falle as palavras lhe saiam transformadas em pedras preciosas.

A pequena riu e foi para casa.

Mal abriu a bocca começaram a cair no chão topasios, perolas, rubis, diamantes, esmeraldas.

A mãe ficou admirada e perguntou-lhe o que lhe tinha acontecido. A filha contou-lhe o seu encontro com a velha. Então a desnaturada chamou a filha mais velha e mandou-a á fonte com um jarro de prata.

A presumida foi de mau humor. Quando encheu o jarro appareceu uma senhora ricamente vestida que lhe disse:

—Menina, dá licença que eu beba pelo seu jarro?

—Pois não! respondeu ella. Eu vim mesmo á fonte para lhe matar a sede!... Vá beber a sua casa!

—E' tão feia como má, disse-lhe a senhora ricamente vestida. Oxalá que quando falle as palavras lhe saiam transformadas em bichos peçonhentos.

A delambida fez um gesto de desprezo e foi-se a caminho de casa. A mãe, da janella gritou-lhe:

—Então, minha filha, então?...

—Então, o quê?...

E mal dissera isto quando lhe começaram a sahir da bocca cobras, serpentes e lagartos. A mãe, que tal viu, chamou impostora á mais nova, bateu-lhe muito e atirou-a para um bosque.

Aconteceu que pelo bosque passou um gentil cavalleiro, que era um principe, e que ao ver aquella menina tão bonita se apaixonou por ella e a levou. A outra, tanto bicho venenoso deitava pela bocca, que a mãe não teve remedio senão mandal-a matar.

D'onde se conclue que, praticando o bem, ha sempre recompensa.

## MANUAL DE GYMNASTICA

POR  
D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs.  
Enc. 1\$000 rs.

16

## NADA (POEMAS E VILANCETES)

POR  
JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

# SECÇÃO RECREATIVA

TROVÕES BEM IMITADOS



(Extrahido da obra em publicação, *A Chave da Sciencia*, de Travassos Lopes)

O individuo que os quer ouvir... põe as mãos nos ouvidos, e outro passa-lhes por cima um fio; aperta-o entre os dois dedos e dirige assim a mão em direcção á outra que sustem as extremidades do fio. O individuo que se submete á experiencia sentirá nos ouvidos a illusão perfeita e ininteressante do ruido do trovão, ruido que póde ser secco ou prolongado, segundo a corda fôr percutida ou friccionada com habilidade.

A impressão do ruido é assás forte para as pessoas que têm o ouvido sensível.

## PELO MUNDO

As maiores fortunas nos Estados-Unidos. — Os Estados-Unidos da America são o paiz das maiores fortunas. O americano mais rico é William Waldorf Astor que possui 168,000.000:000 réis.

Veêm depois: John D. Rockefeller, cuja fortuna é avaliada em 152,000.000:000 réis, e Russell Sage que possui 90,000.000:000 réis. William Rockefeller e Henry M. Flager, chamados os *reis do petroleo*, tem cada um 60,000.000:000 réis. Os *reis do assucar*, os irmãos Havineyer, possuem 50,000.000:000 réis. Singer, o bem conhecido fabricante das machinas de costura, deixou á viuva e aos filhos 30,000.000:000 réis.

A americana mais rica é, sem contestação a sr.<sup>a</sup> Hetty Green que possui uma fortuna de 60,000.000:000 réis. Ainda a citar, entre as jovens herdeiras d'além-mar, miss Helen Butler, que levará em dote ao feliz mortal que a possuir, a modesta somma de 3,400.000:000 réis. ... Que até nos treme a penna ao escrever isto.

× Viuvos e viovas. — Ha em França dois milhões de viuvos e um milhão de viuvos: duas viovas, portanto, para um viuvo. Em Paris ha tres vezes mais viovas que viuvos.

A acreditar que nem todos os de lá cahem na segunda apontamos esta curiosidade de estatistica, aos amadores do genero, de cá.

× Os candieiros de petroleo. — Em vista dos numerosos accidentes que se teem produzido ultimamente em Inglaterra pelo emprego dos candieiros de petroleo de má fabricação, abandonados a mãos inhabeis, o sr. Spencer redigiu um manual composto de treze artigos, indicando as condições que se devem exigir nos candieiros, e as precauções que devem tomar todos os que d'elles se servem.

Aconselha um recipiente de metal, e condemna o vidro e a faiança, como sendo frageis; e o recipiente não deve apresentar nenhum orificio por onde o petroleo possa escoar-se se o candieiro cahir. O auctor acrescenta que não se deve encher o candieiro quando esteja accezo. Aconselha mais que se não dê uma luz pequena; os perigos de explosão são então mais consideraveis do que em caso de chamma normal. Para apagar, abaixe-se a torcida e sobre-se, não pelo vidro, de cima para baixo, mas atravez do orificio, perpendicularmente ao circo do vidro.

## COISAS UTEIS

### O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidê n.<sup>os</sup> 2, 3, 4, 5 e 6 do nosso Jornal)

DOMINGO. — Canja de Gallinha. Pasteis de massa folhada com recheio de presunto. Linguado á hollandeza. Mão-sinhas de vitella á Minut (com molho de tomate). Gallinha córada com salada de agriões. Dôce — Sopa dourada.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de purée de ervilha verde. Peixe cosido com batatas. Salchichas com couve lombarda. Rosbife com pastellinhos de batata. Grêlos de nabos com azeite e vinagre. Dôce — aletria.

TERÇA FEIRA. — Sopa de massa. Croquettes de vitella. Salmonetes grelhados com molho de manteiga. Perna de carneiro assado, com batatas. Alcochofras recheiadas. Dôce — Pudim gelado.

QUARTA FEIRA. — Sopa de cabeça de vitella. Pargo cosido com batatas. Vol-an-vent de frango. Costelletas de vitella panadas, com molho de azedas. Espargos com molho branco. Dôce — Pudim d'arroz.

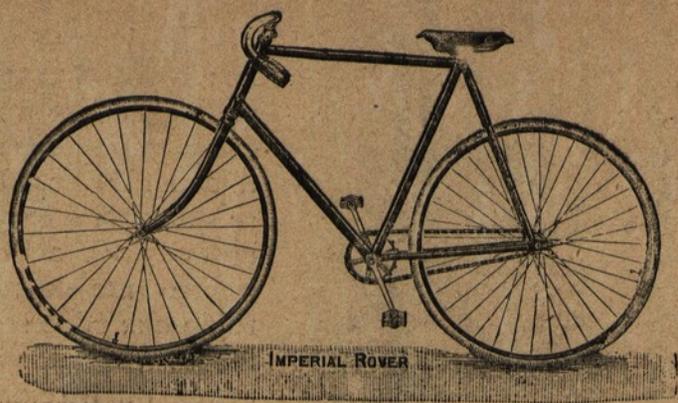
QUINTA FEIRA. — Sopa julianna. Carne cosida á portugueza, com hortaliça e arroz de substancia. Lulas de caldeirada. Vitella estufada com macarrão. Ervilhas com manteiga. Dôce — Gelado de tangerina.

SEXTA FEIRA. — Sopa de camarão. Pastellinhos de peixe. Pescada cosida com arroz secco. Eiroz grelhadas com molho de manteiga. Espinafres com ovos cosidos. Dôce — Pudim de sêbo á ingleza.

SABBADO. — Sopa de massa. Linguado frito. Salada de rabanetes. Ervilhas com paio. Pato assado com molho de azeitonas. Feijão verde com azeite e vinagre. Dôce — Croquettes de arroz dôce.

# IMPERIAL ROVER

Peçam catalogos illustrados das "Rovers"



Fortaleza, elegancia, ligeireza

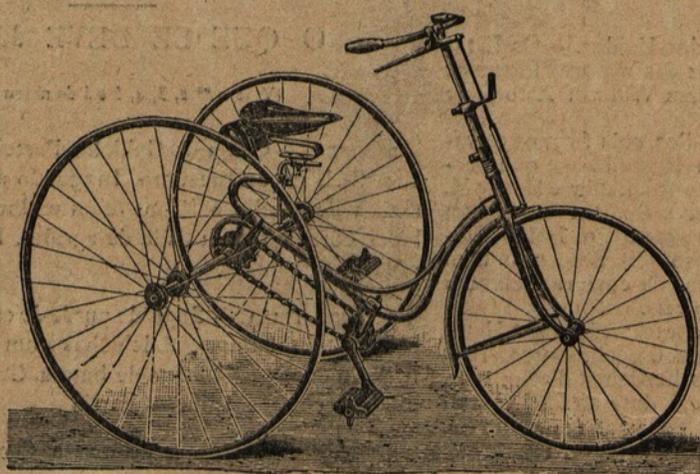
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são nickelados em parte, e têm travão e rodas com cautuchut.



Ha tricycles para adultos bem assim para senhoras, em grande sortimento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Peçam catalogos a esta casa



Velocipedes para rapazes de 4 a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

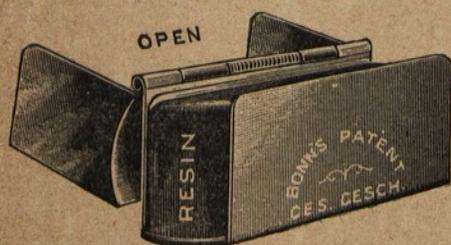
# BRANCO E NEGRO



DEPOIS DA FESTA, (aguarella de A. Moraes)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 8



## RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

—\* ULTIMA NOVIDADE \*—

O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO

DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE

Preço de cada caixa completa — 240 réis

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á

—\* ARTE MUSICAL \*—



## BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1 \$300 »	2 \$500 »
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

# BRANCO E NEGRO

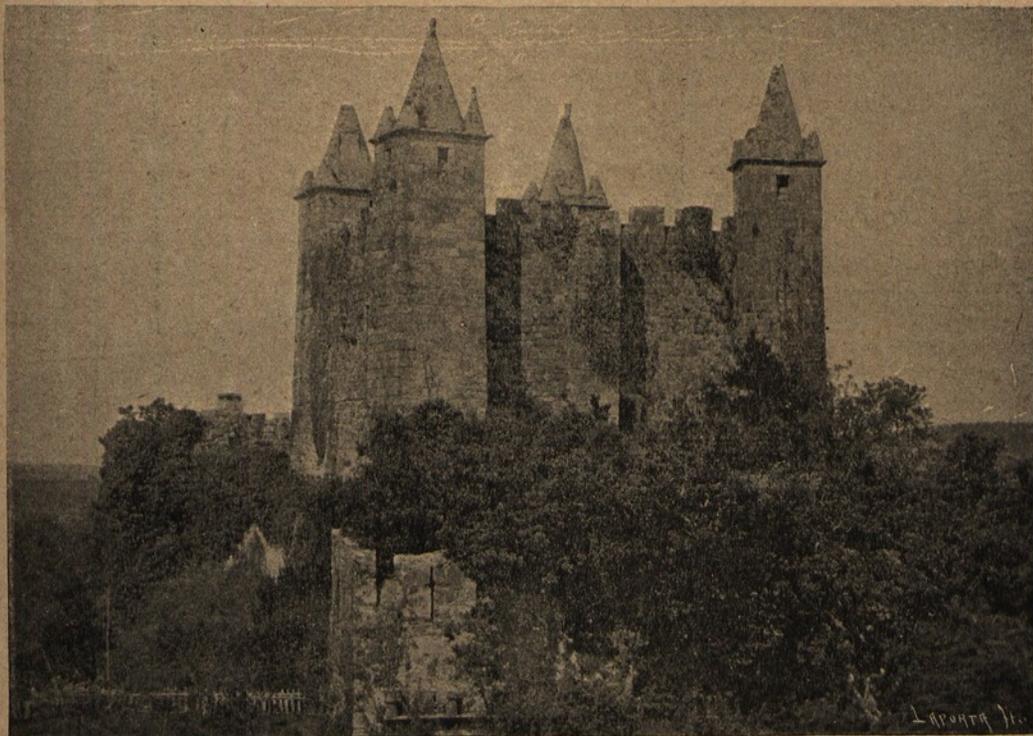
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 8

LISBOA, 24 DE MAIO DE 1896

1.º ANNO

## VIAGENS NO PAIZ



O CASTELLO DA FEIRA (photographia de E. Biel & C.ª)

**A** GORA que o verão aperta e que se fazem as malas para a fugida a estes torridos calores, parece-nos ter cabida no nosso jornal a reprodução dos pontos mais pittorescos do paiz, aquelles mais dignos de visita e de uma paragem mais demorada na contemplação da deliciosa paysagem que, logo para diante de Coimbra, indo para cima, se começa a desenrolar.

Está n'estes casos esse lindo recanto de Portugal, a Feira, nas imediações d'Aveiro, muito perto de Oliveira d'Azemeis, uma das villas mais bonitas da nossa terra e de S. João da Madeira, um burgo alegre, pequenino, onde ha uma industria de chapéus, que se tem desenvolvido bastante.

A Feira, mais commumente chamada lá p'r'ó norte a Villa da Feira, é uma terrinha encantadora, alegre e clara, com as cazas muito caídas reluzindo ao sol. As terras, n'aquelles arredores, são fecundissimas e muito bem cultivadas.

O castello cuja reprodução damos hoje em photogravura, é um dos monumentos mais antigos de Portugal. As torres são terminadas por corucheus ponteados, cujos cimões eram guarnecidos,—e ainda hoje o são alguns—de grandes tulipas de granito.

Até á nossa epoca ainda ninguem descobriu quem fosse o fundador do castello. Apenas nas *Chronicas portuguezas* se menciona que este castello foi tomado aos mouros por D. Affonso Henriques, quando passou á margem esquerda do Douro, d'onde dista quatro leguas e meia.

Seja como fôr, quer o antiquissimo monumento seja obra dos Godos, como alguns affirmam, quer seja obra dos Mouros, é digno de vêr-se, fazendo-se mesmo o sacrificio de trepar lá cima para gozar a paysagem que se desdobra luminosa e luxuriante em todas aquellas redondezas cultivadas.

# A PROCISSÃO DE SANTA JOANNA EM AVEIRO

(NOTAS SOBRE O JOELHO)

**D**IA alegre de sol. De todas as bandas, por estas estradas claras que desembocam na pittoresca cidade do Vouga, — a Veneza lusitana, chamada, — ranchos de aldeãos em trajos domingueiros, affluem em ondas, logo de manhãzinha, espalhando-se pelos quatro cantos da cidade, enquanto a procissão não sae p'r'a rua. Aveiro, hoje, tem um aspecto desusado de gala. Pelas janellas, rostos sorridentes inclinam se; ouve-se um chalar estridulo; anda no ar uma musica festiva, um zumbido de romaria, que parece enovelar-se n'esta atmospherã translucida e azul, fazendo-nos correr nas veias, mais apressado e fogoso, um sangue rutilo de folgança jovial.

Borda do rio abaixo, até ás *Pyramides*, quer pelo lado da *Ponte da Dobadoira* quer pelo Rocio inundado de sol, grupos passeiam, os que não couberam em Jesus, na antiquissima igreja rendilhada, e que por este calor, que parece sahir de um forno a arder, preferiram a alegre brisa que vem do mar e que refresca o corpo como um suave banho de delicia.

E' curiosissima esta cidadezinha clara, por um dia d'estes. Aproveito a occasião da festa de igreja para vêr aspectos. As marinhas de sal, em quadrados regulares, luzem ao sol, separadas da estrada que vae dar á Gafanha e d'ahi á Barra, por um renque de tramagueiras verde-escuras. Dizem que ha abundancia de sal, este anno, — o que me parece de bom augurio para este povo morno, que só é expansivo em familia, ou quando diz mal da vida alheia.

Parece um grande taboleiro de jogo, esta vasta extensão das marinhas que se desenrolam a perder de vista, com reflexos que cegam. E' preciso attender bem ás leis do equilibrio para se conseguir andar pelas linhas divisorias. Venho d'ali encantado; e, se não fosse o dever profissional, eu seguiria de bom grado estrada adiante, n'aquelle silencio do dia alto, até á Barra, que fica a uns cinco kilometros. Mas não ha remedio senão retroceder. Volto outra vez pelas *Pyramides*, que ficam como sentinellas á entrada de um lago onde a ria desemboca, espraiaando-se, ramificando-se em dois braços — um que vae desaguar ali perto, ao mar, o outro que é a continuação do Vouga lá p'ra cima, p'r'ás serranias da Beira Alta. Demoro-me ainda um pouco sobre a *Ponte da Dobadoira*, assim chamada porque a ria rorma debaixo do arco redemoinhos perigosos, por onde os barcos devem passar com o maximo cuidado, p'ra não correrem o risco de ir ao fundo. Este ponto é realmente bonito. Domina-se todo o bairro novo do Matadouro, com a capella dos Santos Martyres ao fundo, no canto de lá, encostada aos arvoredos; e na margem d'esse braço da ria, que se mette pelas terras dentro, um moinho sem velas, parado e morto, estende no ar os braços descarnados, n'uma desolação de silencio.

\*

Dou uma pequena volta á cidade, pela Corredoira acima, até Jesus. Suffoca-se. As ruas estão cheias de gente. Ha um rumor longinquo de povo que ondula, n'uma ancia de arranjar um bom lugar á frente, para vêr melhor. A procissão este anno promette ser luzida. Melhor. Não perdi o meu tempo.

Que, de resto, eu não o tinha perdido e considerava-o até já muito ganho pelo que tinha visto de pittoresco até est' hora.

Silencio. Parece que começam a sahir as irmandades porque vejo cabeças debruçadas para a frente, na rua, em todo o percurso, e pelas janellas, d'onde pendem colgaduras de damasco, ricas e lindas, em verdade. Ageito-me um pouco mais para vêr tambem; acotovélo os meus visinhos, que não se impacientem. Abro um sorriso agradecido.

Já vejo, já vejo. Effectivamente, a procissão começa a desfilar. Não posso fixar precisamente a ordem porque vae. E' imponente, é o que sei dizer. Fluctuam ao vento da tarde as opas das confrarias e abrem claros na multidão as sobrepelizes dos padres. D'algumas janellas atiram flores. E' o pallio que passa, agitando os seus doirados que reluzem. O povo ajoelha, reverente e constricto. Ergo então um pouco a cabeça e tiro para a minha vista um aspecto bizarro de toda aquella gente com a espinha dobrada e olhos no chão, como se o resplendor da nitra e da custodia a cegasse.

E' então que consigo descobrir ao longe o andor de Santa Joanna princeza, ondulando gravemente, com a grande capa de setim cahindo para traz, em longas prégas. Faz-se um movimento. Vae longe o pallio. Ha um desabafo; começa-se a conversar em volta de mim. Falla-se muito no sr. Bispo-conde que veio de Coimbra de proposito assistir aos festejos.

— Aquillo é que é um pedaço d'um homem! diz ao meu lado uma mulhersinha, com um ar unctuosos de quem lambe os beiços.

E é. Vejo-o lá adiante, dominando toda aquella maré cheia de cabeças.

Mas a palestra continua, animada, como se estivessemos em familia, á meza, depois de comido o primeiro prato regado pelo primeiro copo de bom vinho. A festa de igreja foi uma coisa nunca vista, dizem. Ainda assim, não sinto remorsos de lá não ter estado. A festa da natureza, cá fóra, tambem era bem bonita e com um leve toque religioso que descia da atmospherã, onde pareciam correr fumos de incenso.

A procissão vae já a dobrar a esquina para a rua Direita; já se não vê o andor da Santa, nem o pallio; apenas as sobrepelizes dos padres abrem claros na multidão e as opas das confrarias fluctuam.

Nas janellas, conversa-se, ri-se. O povo começa a agitar-se p'ra seguir o radiante cortejo. Deixo o meu poiso. Estou a suar em bica.

Linda coisa, palavra, esta procissão annual. Trago impressões de um grato encanto. Em verdade, penitencio-me aqui publicamente por ter suspeitado um lado peor á festa. Pois, não senhores; pittoresca e brilhante. Aveiro fica com um logar áparte no meu coração agradecido.

\*

A' noite, muito á pressa, vejo o primeiro aspecto fantastico da illuminação veneziana, que se reflecte no canal cheio de treva, como a bocca aberta de um abysmo. E' estonteante. Dá vontade de perder o comboio e ficar aqui. Ouço ao longe as primeiras notas da musica que vae começar a percorrer as ruas. Pula-me a alma.

... E metto pelo Côjo, direito á estação, sentindo ainda, muito longinqua, vibrante como uma ironia, a phylarmonica que ataca valentemente os preludios de uma marcha.

Em Aveiro, aos 17 de maio.

TOBIAS.



AVEIRO — O DESFILAR DA PROCISSÃO

# NA AZENHA

CONTOS DE MARCELLINO MESQUITA



**S**UBORDINADO a este titulo que resôa pacificamente como um echo de tregua n'um periodo agitado de combate, o ultimo livro que Marcellino Mesquita acaba de publicar é realmente, antes de tudo, como o auctor o confessa, um feixe de dispersas recordações litterarias que ao vigoroso escriptor aprouve evocar em momentos placidos da vida.

Paginas escriptas ao calor da inspiração impetuosa da mocidade ou elaboradas na sobria maturação do espirito, em todas ellas, porém, se accentua, definida e precisa, a personalidade d'um artista superior, de originalidade incisiva e masculina, — e é, na verdade, revigorante e consoladora a impressão que nos produz este forte temperamento artistico de Marcellino Mesquita que resalta, como a musculatura d'um gladiador, entre a turba de effeminados e hystericos que se deleita nos requintes sensualistas d'uma arte decadente.

Porque o sabor especial da prosa de Marcellino está precisamente n'esse vigor quasi rude, n'essa pujança que se presente indomavel com que elle assenta o joelho vencedor sobre o peito da idéa de que o seu cerebro se apoderou, vigor que o não desampara até no traço harmonioso com que desenha a eterna ondulação feminina, tanto na curva da plastica como na fluctuação da alma; pujança que sempre denuncia, ou arrancando florações do relevo da paisagem ou graduando para o desenlace a dramatisação dos factos.

\*  
\*        \*

O bello livro que acabo de ler inteiramente, com o interesse que sempre me arrasta para todas as producções do seu alto espirito, constitue para mim mais uma prova da verdade d'essas linhas que deixo escriptas. Cada um d'esses contos deixa uma funda impressão na nossa alma; não se adivinha ahí, n'uma só conclusão, uma hesitação de qualquer especie — o luctador cujo nome encima aquellas paginas nunca se teme da exposição clara e franca do seu pensamento, em qualquer campo e por qualquer fórma. Porventura poderá errar algumas vezes; mas, coherente de principio ao fim com o pensamento inicial, debalde se procurará em toda a sua obra o vestigio d'uma fraqueza que o deslustre ou d'um temor que o envergonhe. Vê-se que uma poderosa emoção, verdadeiramente sentida, conduz a sua penna, e elle deve palpitar como o mais impressionavel dos seus leitores, commovido decerto deante da sua propria obra, porque a não pôde encarar a frio quando a sentiu vibrar no coração!

\*  
\*        \*

E' que, em Marcellino Mesquita, está um poeta que pretende occultar-se, e que não perde occasião de se disfarçar, pertinazmente, da melhor maneira possivel. Mas quando a paixão rompe as cadeias do sentimento, a onda harmoniosa trasborda, a prosa torna-se n'um canto, e corre com murmurios suaves de rio ou com gemidos tempestuosos de mar! N'este seu livro, *Na Azenha*, facilmente se comprova a asserção. Tirando-se os pedaços onde domina, primordialmente, o *descriptivo*, descriptivo magnifico, d'uma simplicidade de purissima arte, sobria e minuciosa, que no conto inaugural, já publicado no *Branco e Negro*, e na *Desforra do Maioral* culminantemente se affirma, na maior parte dos outros contos a paixão do poeta prevalece e canta: — *O Segredo de Clotilde*, *A Declaração*, *A Caminho do Ceu*, *No Paraíso*, e sobretudo aquelle *Beijo de Mãe* de tão extraordinaria e funda intensidade dramatica...

\*  
\*        \*

Não me venham, com ares superiores, fallar com ironia de *sentimentalismos*, bom *chavão* para salvaguardar cynicos, quando deante dos meus olhos se levanta a imagem do soffrimento, fundamentalmente humana, na sua expressão honestamente sentida. Porque o sentimento que reçuma em lagrimas d'esse bello conto é necessario que seja muito verdadeiro para que assim nos vare a sua agonia e nos derrote a sua dôr... A nossa alma segue, atenta, a leitura repetida d'aquellas linhas de sangue; irmana-se com a alma da pobre mãe; abre com ella, receiosa e tremula, a porta da capella; contempla com ella o amado rosto do cadaver moço; cae com ella, soluçante, de bruços, sobre as lages; vê-a imprimir com os labios brancos o *ultimo beijo*, o beijo santo, na bocca do filho morto, e parece querer voar juntamente com essa alma dolorosa que a encantou, acompanhando-a com a sua admiração na viagem das estrellas!

\*  
\*        \*

Rapida e desmanchada, ahí fica a minha impressão sobre o livro de Marcellino que acaba de ser publicado pela acreditada casa editora Antonio Maria Pereira. Insignificantes, como as reconheço, de certo me envergonhariam essas palavras se ellas não traduzissem, ainda que defeituosas, a verdade da minha impressão pessoal. São, porém, sinceras, e essa justiça que rendo a mim proprio, consola-me da sua deficiencia. E além d'isso, bem o creio, a livros como este de que acabo de fallar certamente lhes deriva do seu alto valor litterario a sufficiente generosidade para abrigarem entre as suas folhas protectoras as cousas humildes a cujo numero pertence de direito o nome do auctor d'estas linhas.

MAYER GARÇÃO.

# A BICYCLETEA E A HYGIENE



Posição de corredor

Pode quebrar-se uma clavícula ou uma perna tendo cahido d'uma bicycleta, como escorregando n'um passeio ou pondo um pé em falso.

Concluir d'estes accidentes, bem pouco frequentes se attendermos ao numero de bicyclistas de todos os paizes, a necessidade de supprimir este exercicio, é uma idéa demasiadamente infantil. De resto, seria um desejo muito platonico, porque o numero de adeptos cresce de anno para anno; são os proprios medicos que dão o exemplo, e alguns d'entre elles são considerados como dos mais afamados amadores. Nenhum, que eu saiba, pensa em igualar os profissionaes que formam, pode assim dizer-se, uma casta áparte entre os adeptos d'este *sport*. E comtudo muitos d'elles podiam lá chegar, submettendo-se ao mesmo *entrainement* progressivo e continuo.

Estas discussões scientificas, a propaganda pelo facto por homens ao corrente de todas as questões da hygiene, obrigaram a calar as criticas injustas e execrandas da primeira hora. Entre os detractores á *outrance* que, é força dizel-o, nunca tentaram montar a machina e os entusiastas desenfreados, cumpre tomar um termo médio: a medida equitativa está entre os extremos. Para todos os hygienistas, a bicycleta constitue um exercicio perfeito sob o ponto de vista da sua acção sobre o conjuncto das funcções organicas, e os amadores, que foram os primeiros a apaixonar-se pela roda (*the wheel*) como dizem os inglezes, faziam hygiene, e da melhor, como M. Jourdain fazia prosa. A primeira condição, de resto commum a todos os exercicios sem restrição alguma, é evitar a sobrecarga, não exceder o limite das forças, conservar-se mesmo muito áquem d'esse limite. N'uma palavra: o uso é magnifico, o abuso é perigoso. Convenho em que o escolho é indicar esse limite; para um adulto, se elle não tem o senso sufficiente para se dominar, para evitar as corridas doidas e querer seguir os corredores mais *entrainés*, vencer subidas demasiado ingremes, nada ha que fazer. E' senhor das suas acções; se não ouve os conselhos que lhe dão, se quer correr a par de tudo, será o primeiro a ser castigado.

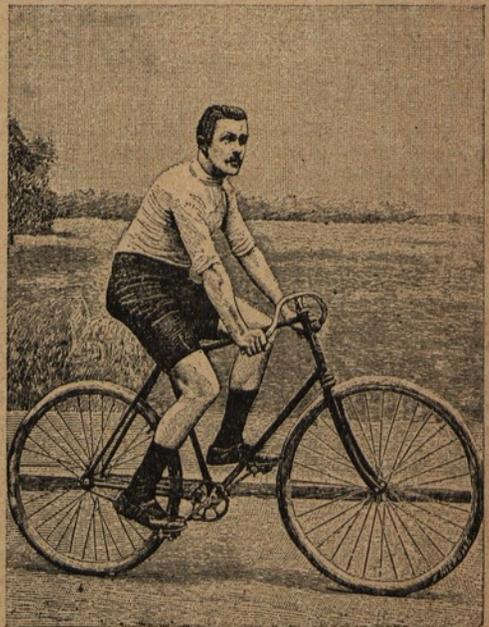
Nas creanças é natural a tendencia de querer fazer como as pessoas adultas. Aos paes compete moderar esse ardor. N'esta idade, deve o exercicio da bicycleta ser vigiado, como qualquer outro acto de educação physica e mesmo intellectual, cuja má direcção póde arrastar a graves perigos. O uso, e este uso é proporcional á idade, ao vigor, é excellent; o abuso póde ser origem de doenças sérias.

Entendido isto, vejamos rapidamente, porque não tive nunca a intuição de desenvolver muitos factos já bastante estabelecidos e bem conhecidos, vejamos de que modo a bicycleta determina uma acção favoravel sobre as grandes funcções da economia.

Ponhamos de parte o principiante que deita os bofes fóra, transpira profusamente, se esfalfa e faz n'uma curta lição mil vezes mais esforços do que os que seriam necessarios. E' uma questão de aprendizagem, e raras vezes a aprendizagem toma muito tempo. Tomemos o bicyclista que sabe montar; tomemol-o com o sufficiente juizo e sujeitando-se a um *entrainement* gradual, progressivo, não se mettendo em cavallarias altas, não procurando vencer os visinhos em velocidade, nem estabelecer um *record* seja de que fôr. Logo nas primeiras corridas ha de sentir activar-se-lhe a respiração, tornar-se-lhe mais pro-

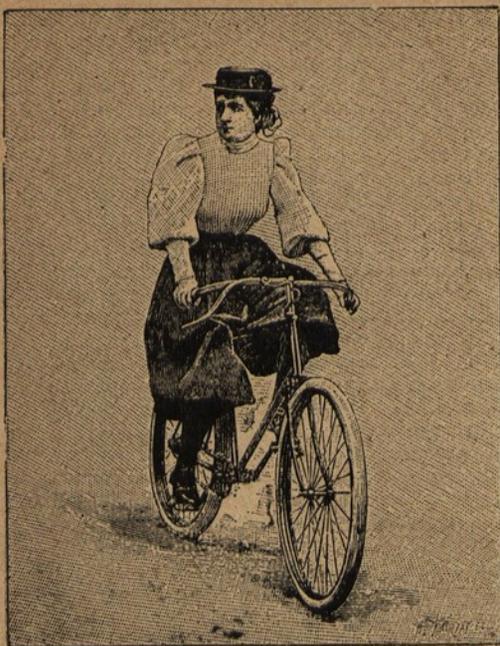
Já lá vae o tempo em que se fazia esta pergunta invariavel: «Doutor, qual é a sua opinião ácerca da bicycleta? Não é prejudicial á saude?» E de facto, havia certos prophetas da desgraça que não estavam muito longe de accusar o novo *sport*, como causa de todos os desastres, de todas as doenças, dos mais espantosos accidentes, que podem ferir a nossa pobre humanidade. Hoje está ganha a causa. A bicycleta teve a honra de circumspectas discussões nas grandes Academias, em Paris, na Sociedade Real de Londres, na Academia de Nova York. No ultimo congresso da Associação Franceza em Caen, o dr. Just Championnière, um dos mais illustres cirurgiões da França e um bicyclista emérito, demonstrou, n'uma conferencia cheia de espirito e de entusiasmo, as vantagens d'este exercicio; as secções reunidas de medicina, de ensino e de hygiene convocaram uma sessão plenaria, para discutir o relatório do Dr. Legendre ácerca dos perigos d'este genero de *sport* para as creanças, e foram as que eram de prever as conclusões adoptadas.

O bicyclismo recommenda-se com a condição de não se abusar d'elle, restringindo-o aos individuos que não apresentem tara organica. Claro está que um doente correrá o risco de agravar o seu estado doentio, tal qual como se se entregasse com ardor e sem peias ao exercicio do box, da esgrima ou do cavallo. Citaram-se casos de morte subita, em seguida a corridas de bicycleta em individuos atacados de doença de coração. Mas os infelizes tinham podido morrer tambem subitamente correndo atraz d'um carro ou subindo a escada. Do facto d'um cavalleiro ter fracturado o craneo por ter cahido d'um cavallo, não se segue que a equitação deva ser vedada a todo o homem valido.



Posição de bicyclista amador

funda, e como respira o ar puro do campo e das mattas, mais completa se faz a hematose, mais intensas são as combustões respiratorias. As pulsações do coração aceleram-se-lhe um pouco, torna-se-lhe mais rapida a circulação. Todos estes phenomenos são uniformes em quaesquer exercicios moderados, mas aqui, quanto mais facéis tanto menos custosos elles são. Com um andar vivo, a marcha pouco cansa; a corrida cansa um pouco mais; com a marcha moderada, na bicycleta, que excede a carreira mais rapida, os apparatus da circulação e da respiração funcçionam melhor e sem fadiga. E' vêr como o cansasso que se observa nos principiantes, porque fazem esforços extraordinarios, desaparece rapidamente.



Trajo de senhora bicyclista, com calças

O systema muscular é posto em acção nos seus mais pequenos pormenores; é preciso que isto fique bem entendido, nos mais pequenos. Houve quem aventasse que só os membros inferiores eram postos em acção, pelo movimento do pedal, e que, portanto, só elles aproveitavam com este accrescimento de movimento. E' um erro que a physiologia desmente, e, sem se ser medico nem physiologista, facil é alcançar-se a demonstração d'este facto. Para um cyclista se conservar equilibrado em cima de uma machina tão instavel, é preciso que haja um perfeito accordo entre o jogo dos musculos do tronco, o do pescoço e o dos membros. Os braços estendidos sobre o guiador, tomando certa rigidez nas subidas, põem em acção os musculos dos membros superiores, auxiliados por todos os musculos da caixa thoraxica; os musculos do dorso estão em acção constante para manter o equilibrio da cabeça e do tronco. Não sentem os cyclistas, quando começam a exercitar-se, ou depois de uma corrida violenta, uma ligeira sensação de cansasso na região dorso-lombar? Isto prova evidentemente que os musculos não ficaram inertes e estiveram em acção constante durante todo o passeio e de um modo synergico com os musculos dos braços e das pernas.

E a attitude, e o corpo curvado e encolhido sobre a machina, como o jockey sobre a garupa do cavallo de corridas (fig. 1)? O que se não tem dito á conta d'esta posição! Que ella devia ser a causa de todas as possiveis deformações do rachis e que as gerações actuaes e futuras, visto o numero dos bicyclistas ir augmentando progressivamente, deviam ser gerações de tortos e de corcundas. Socegum: esta attitude que, de resto, eu condemno, não consta que dêsse em resultado a menor lesão. Se algum corredor a adoptar para dar o maximum de força e de rapidez, isso é com elle. Mas o cyclista pôde e deve conservar-se direito sobre a sella (fig. 2), sem se curvar nem encolher; só quando tiver de empregar certo esforço ou subir uma ladeira, instinctiva e racionalmente tomará essa posição, que deve, porém, ser momentanea.

Todos os nossos apparatus funcçionam, pois, maravilhosamente n'esse exercicio, e sem receio algum de os prejudicarmos, se tivermos juizo. N'estas condições produz-se uma verdadeira depuração do sangue, a eliminação do acido urico nos arthriticos, movimentos repetidos das articulações, especie de massagem admiravel nos rheumaticos, falo dos que não estão tolhidos nem ankylosados. Tanto isto é verdade que, em muitos casos, a bicycleta foi aconselhada com proveito como meio therapeutico, pela mesma razão que os outros generos de *sport*, e sem occasionar tão grande fadiga. Querem uma prova das modificações que este exercicio produz nos individuos saudaveis? Vou extractar dos documentos publicados pelo dr. Hammond, professor de doenças nervosas na Faculdade de Nova York. Examinou n'um trabalho comparativo certo numero de amadores e de profissionaes; em todos elles, verificou a existencia de um desenvolvimento muscular completo, uma resistencia physica extraordinaria, uma vasta amplitude da caixa thoraxica, um augmento no volume do coração, todos os signaes de um crescimento muito ponderado de todas as partes vitaes do corpo. Nos quadros que junto publico, o termo hypertrophia (para o coração) não deve ser tomado no sentido da pathologia medica, em que a hypertrophia não incide senão sobre certas partes, e se torna d'este modo causa de doença seria e definitiva.

Para nós esse termo significa augmento do orgão por completo, como o desenvolvimento dos musculos dos braços e do terço inferior das pernas. Estes quadros indicam-nos os resultados produzidos pelo *entrainement* intensivo dos corredores; sem alvejar a taes façanhas, sem forçar as aptidões, sem exceder a resistencia normal, todos podem, por um exercicio moderado, bem conduzido, desenvolver os musculos, augmentar a resistencia physica, combater as fraquezas organicas trazidas fatalmente pela idade e pelas fadigas da lucta pela vida.

Para terminar, duas palavras ácerca da bicycleta para as senhoras. Protestou-se durante muito tempo, e ha muitos medicos que protestam ainda contra este genero de *sport* para a mulher. A maioria, porém, é de opinião contraria. O dr. Jacobs, um gynecologo belga dos mais eminentes, fez aos seus collegas uma consulta por *referendum*, e o resultado d'esta consulta é que as senhoras ou meninas podem entregar-se sem perigo a este exercicio, salvo se tiverem alguma affecção abdominal, e com a condição de não excederem, tal qual como para os homens, certo limite de velocidade ou de extensão de corridas. Foi admittida a mesma opinião na Sociedade franceza de medicina



Trajo de senhora bicyclista, com vestido

publica, e as velodamas podem acompanhar-nos sem perigo nos nossos passeios através dos campos. Não sei se deva falar do vestuário; é uma questão de gosto pessoal, e um pouco de moda. A jaqueta e o calção á zuavo (fig. 3) são talvez mais commodos; mas a saia é infinitamente mais graciosa (fig. 4). Não a deixando muito comprida, descendo-a no momento de subir para a machina, não ha que receiar que o vento, fazendo-a fluctuar, a exponha a perigos, pela prisão das rodas. Este vestuário deve comportar pela parte de baixo umas saias e calças de flanela ligeira, um collete curto, elastico, de varas flexiveis. O resto é questão de gosto.

### BICYCLISTAS AMADORES

NUMEROS	IDADE	CYCLISTAS HA ANOS	NUMERO DE MILHAS PERCORRIDAS	EXPANSÃO DO PEITO	CORAÇÃO	SYSTEMA MUSCULAR
1	37	5	22:000 <sup>1</sup>	1 $\frac{3}{4}$ <sup>2</sup>	Lev.te hypertrophiado	Muito desenvolvido
2	25	10	27:000	1 $\frac{1}{4}$	"	Pernas muito desenvolvidas, braços e tronco bem
3	36	5	8:000	2 $\frac{1}{4}$	"	Muito acima do normal
4	47	12	24:000	1 $\frac{1}{2}$	"	Muito desenvolvido
5	46	13	25:000	1 $\frac{1}{2}$	Normal	Ordinario
6	24	13	14:000	1 $\frac{7}{8}$	Um pouco hypertr.	Muito desenvolvido
7	25	10	20:000	1 $\frac{3}{4}$	Idem	Idem
8	34	7	18:000	1 $\frac{6}{8}$	Idem	Idem
9	30	8	9:000	1 $\frac{3}{8}$	Normal	Idem
10	29	7	8:000	1 $\frac{7}{8}$	Um pouco hypertr.	Idem
11	26	7	17:000	2 $\frac{7}{8}$	Idem	Muito musculado
12	24	6	7:000	1 $\frac{1}{4}$	Normal	Normal
13	39	5	6:000	1 $\frac{1}{8}$	Idem	Idem
14	24	5	5:000	1 $\frac{1}{2}$	Um pouco hypertr.	Muito desenvolvido

<sup>1</sup> A milha vale 1:609 metros. — <sup>2</sup> 1  $\frac{3}{4}$  de pollegada ingleza : 4<sup>cm</sup>,5.

### PROFISSIONAES

NOMES	IDADE	NACIONALIDADE	EXPANSÃO NORMAL	CORAÇÃO	SYSTEMA MUSCULAR
Zimmermann..	24	Americano	1 $\frac{1}{4}$	Hypertrophiado	Grande desenvolvimento dos musculos das coxas e abdomen.
Wheeler.....	25	Idem	1 $\frac{7}{8}$	Idem	Idem
Edwards.....	23	Inglez	1 $\frac{7}{8}$	Idem	Idem
Verheyen.....	20	Allemao	1 $\frac{1}{2}$	Um pouco hypertr.	Idem
Colombo.....	23	Italiano	2	Idem	Sem desenvolvimento especial.
Lesna.....	31	Francez	2	Idem	Idem
Martin.....	25	Americano	2	Hypertrophiado	Musculos da coxa mt. desenvolvidos
Albert.....	28	Idem	1 $\frac{1}{2}$	Idem	Sem musculos exaggerados, salvo os do abdomen.
Berlo.....	28	Idem	$\frac{7}{8}$	Idem	Peito um pouco cavado, musculos pouco desenvolvidos.
Knowles.....	40	Idem	$\frac{3}{4}$	Idem	Muito musculado.
Foster.....	40	Allemao	$\frac{3}{4}$	Idem	Normal
Gross.....	28	Allemao	1	Idem	Muito desenvolvido.
Murphy.....	25	Idem	$\frac{7}{8}$	Lev.te hypertrophiado	Musculosas as coxas e o abdomen.
Macdonald....	18	Idem	1 $\frac{3}{4}$	Normal	Pequeno, mas mt. desenvolvido.

## VIANNA DA MOTTA



D'ENTRE todos os nossos grandes artistas que têm aprendido no estrangeiro e que honram o paiz lá fóra, destaca a figura primacial de Vianna da Motta, o inspirado pianista que a Allemanha nos reenviou um mestre, admirado e querido.

Vianna da Motta cursou o nosso Conservatorio, onde aprendeu rudimentos e piano; aos 14 annos, concluidos os exames do curso de piano, partiu para Berlim, subvencionado por el-rei D. Fernando e pela sr.<sup>a</sup> Condessa d'Edla.

Uma vez ahi, entrou para o Conservatorio de Xavier Scharwenka, onde estudou piano e composição, com notavel aproveitamento, destacando-se dos outros pela sua extraordinaria vocação e pelo seu excepcional talento; ao mesmo tempo, dedicava-se ao estudo das linguas latina e italiana, e ao da historia da musica.

Em Weimar, para onde partiu em 85, estudou com Listz, interpretando a sua musica, a de Weber, e a de Bach.

Por esse tempo, deu o seu primeiro concerto em Berlim. Em fins de 1885, voltando a Portugal, preparava-se para dar um concerto no palacio das Necessidades, quando morreu D. Fernando.

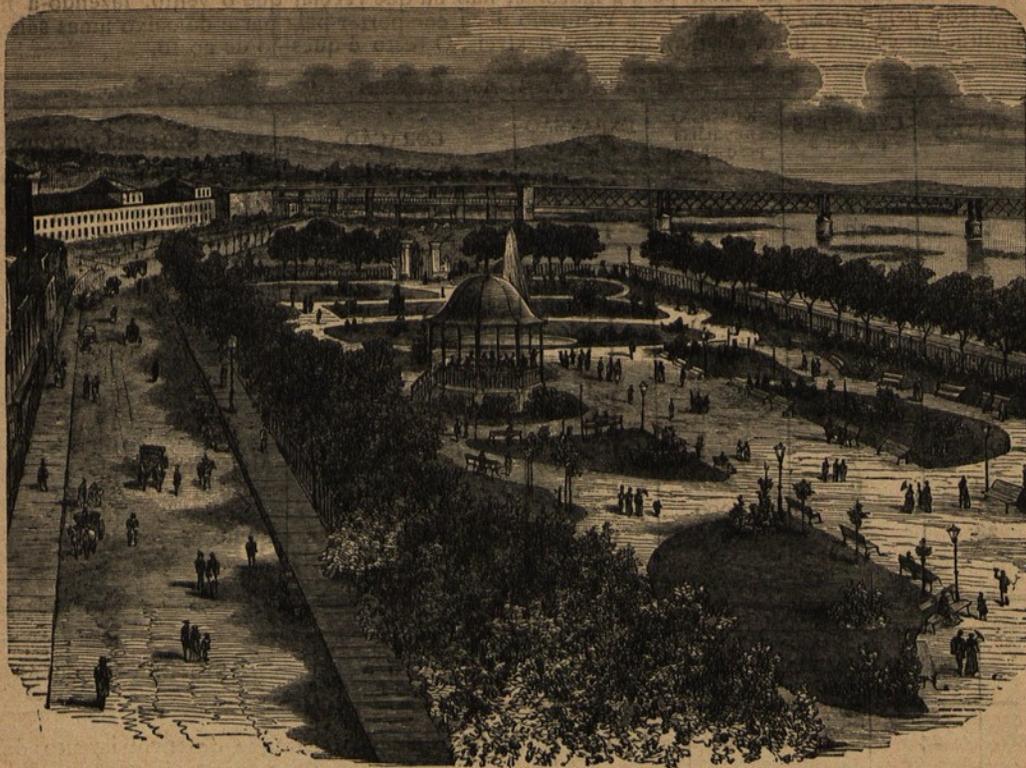
Em 1886 voltou á Allemanha, onde continuou aperfeiçoando-se no estudo do piano com os maiores mestres.

Depois d'isso, sentindo já em si uma força propria e azas para se librar nos espaços onde só chegam os eleitos, começou a sua serie de *tournees* pela Europa e America do Norte, ora só,

ora acompanhado pelo divino Sarasate e outras glorias musicas d'este seculo.

Agora que Vianna da Motta está outra vez entre nós e se prepara para, com o eximio violinista portuense Moreira de Sá, dar uma serie de concertos n'um dos theatros de Lisboa, antes de partirem para a America do Sul, aproveitamos a occasião para lhe prestarmos a nossa homenagem de sincera admiração pelo seu talento.

## VIANNA DO CASTELLO

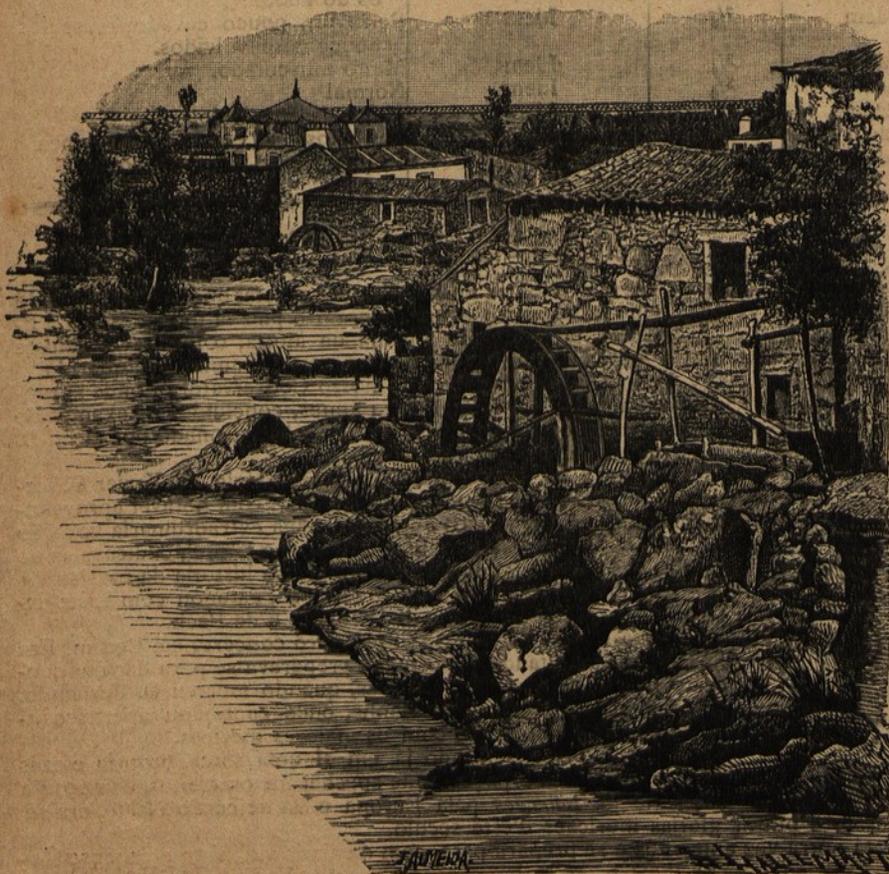


O JARDIM PUBLICO

**E**M todo o paiz pittoresco, tem fallado sempre ás imaginações esse recanto poetico do Minho, berço das aguas e das florações esmeraldinas, ninho onde cantam as aves de guella doirada, e onde o sol tem uma côr especial e unica, vibrando a grande canção da luz e tirando as flôres os seus perfumes que faz enovelar na atmosphera azul e radiosa.

Ha pontos em que o visitante se fica horas e horas, n'uma muda contemplação extatica, embebido em sonhos de ventura de que nunca desejaria acordar, tal o encantamento que dimana d'aquellas coisas abençoadas e d'aquellas terras productivas.

Vianna do Castello, a mais linda cidade portugueza da provincia, mesmo no coração d'esse paiz de chymera, é uma das que mais attractivos tem para o viajante que se põe a percorrer a nossa terra em cata de sensações. E' a cidade que reúne em si todos os elementos da delicia humana — o grande mar sem fim, ali mesmo a bater-lhe á porta, o rio manso e claro deslizando por entre campos luxuriantes, as estradas aromadas e brancas, tudo o que encanta a vista e exalta a imaginação. Depois, sahindo das suas praças e das suas ruas, largas e cheias de ar vivificante, tonificadas pelas brisas do mar, topa-se logo com esse caminho delicioso que vae dar a Ponte de Lima, e que percorrido n'uma noite de luar, em carro descoberto tem vagos clarões de feeria e faz sonhar nas mollezas do Oriente, entrevistas pelo nosso temperamento de occidentaes a quem o sol esquentta.



UMA AZENHA EM PORTOZELLO

Ao delicioso livro de viagens, ainda inedito, da elegante escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, arrancamos esse bello excerpto que abaixo damos, certos de que os nossos leitores nos agradecerão esta verdadeira *gourmandise* litteraria, finamente burlada e requintada como tudo o que sae da penna d'ouro da illustre irmã de madame de Stael.

## «PELO MUNDO FÓRA»

Nos seculos xv e xvi todos os principes, todos os poderosos da terra tiveram um distinctivo commum que os caracteriza : o seu amor entusiasta das maravilhas da arte.

Sabe-se o que foi Lourenço de Medicis, esse Mecenas da litteratura italiana, esse amante apaixonado e prodigo da erudição, da architectura, da pintura, da estatuaria. Esse homem intelligente e sagaz, poeta elle proprio, e apezar de humanista notavel, sacudindo com bastante independencia o jugo do antigo que pesava demais sobre as musas da Italia, — mereceu a gloria suprema de ficar immortal no marmore modelado pela garra de Miguel Angelo.

O *Penseroso*, das estatuas do mestre uma das mais emocionantes, uma das mais mysteriosamente e tragicamente bellas, teve por modelo o grande homem florentino, cujo tumulo havia de adornar mais tarde. Leão x, Julio II e Clemente VII, foram os papas mais doudos pela arte de que reza a historia.

Ludovico o Mouro encheu de bens e de glorias a Leonardo Da Vinci; os chefes da aristocratica Republica veneziana não hesitavam quando se tratava de pagar com prodigalidade louca aos seus soberbos pintores. Mas Francisco I, o rei da França a quem se deve a magica de Fontainebleau, esse não sómente adorava a Arte, mas era amigo apaixonado dos artistas.

Sabe-se o entusiasmo louco com que elle acolheu na sua cõrte o já octogenario Leonardo Da Vinci.

— Hei de afogar-te em ouro, dizia elle a Benevenuto. — *Faço-te conego* — exclamou deslumbrado para o italiano Rosso no dia em que este, pela primeira vez o fez penetrar n'essa galeria esplendida, ainda hoje chamada de Francisco I — em que o rei desenganado e cançado passou depois quasi todos os ultimos annos da sua accidentada existencia. E a promessa extravagante cumpriu-se tal como se fez. Rosso teve um logar de conego na collegiada da Sainte Chapelle.

O que fizera elle para merecer tão piedosa distincção ? Pintára o mais estranho e luminoso carnaval de alegria e de cõr, que ainda a imaginação febril de um artista d'aquelle tempo de febre concebera e realizára.

Uma multidão pantagruelica em que ha de tudo: o bello e o horrendo, o delicioso de graça, e o grotesco ; figuras virginaes a que talvez serviram de modelo para o pintor, e de encanto ephemero para o rei, as doces raparigas que alli perto ceifavam as tremulas cearas, ou iam buscar as amphoras cheias de agua crystallina das rochas, ás fontes de Fontainebleau que Jean Goujon e Benevenuto vão fazer idealmente bellas.

No meio da immensa turba de mulheres e de homens, uma flora e uma fauna inteiramente novas, a flora e a fauna que os navegadores e os conquistadores da peninsula iberica acabavam, no fim das suas aventurosas viagens, de revelar ao velho mundo attonito.

A delicia de Francisco I não teve limites ao entrar n'aquelle recinto encantado em que o mundo da arte lhe desvendava os seus aspectos mais bellos !

Interrogador e curioso como era, cada quadro lhe suggeria uma pergunta e uma investigação nova.

O mundo estranho de que o Rosso pintava algumas das maravilhas ineditas fazia scismar o pagão devoto que Francisco I era, como todas essas crianças grandes da Renascença. — Mas então mentia a Biblia quando contava a criação do homem ?

Essas raças, cujo segredo agora se desvendavam pela vez primeira, não eram tal, não podiam ser filhas do bublico Adão ?

E a terra movia-se em torno do Sól ? Onde ficavam n'esse caso as palavras de Josué ?...

Depois contavam-lhe as magnificencias da Turquia, a magnanimidade de Solimão, as maravilhas da civilização arabe, tão superior em certos pontos n'aquelle tempo á civilização christã, e esta idéa de que o turco não era finalmente o ante christo, o inimigo fidalgal de todo o bem e de todo o bello, produzia um espanto infantil no animo de Francisco I.

Tempo encantador este de que a galeria de Fontainebleau ouviu as conversações curiosas, mixto de tudo que ha mais ingenuo e mais subtil, mais refinado e mais credulo !...

Ao lado do fauno sensual, do satyro coroado, que foi Francisco I, — o qual para contrapor aos seus vicios innumerados teve sómente a vibrante sensibilidade para tudo que é bello ; — surge a Margarida das Margaridas, a encantadora, a diserta, a latinista, a intelligente rainha de Navarra. N'aquelle tempo saber latim não é um requinte de pedantismo, é uma exigencia da fina cultura.

Quem não soubesse latim não sabia nada, não tinha conhecimento nem da poesia no que ella tem de mais perfeito e mais bello, nem da Historia no que tem de mais suggestivo e de mais inspirador. Ora Margarida amava os poetas e a poesia, e ajudava seu irmão a fazer a Historia aconselhando-o, auxiliando-o, inspirando-o, negociando por elle com os diplomatas do tempo.

A sciencia, a erudição, a poesia enchem o espirito de Margarida; quem lhe enche completamente a alma é o irmão, esse irmão grosseiro e sensual, natureza que, a não ser o amor da arte, seria feita do barro mais vil, e que mesmo salvo por esse amor, que é no fim de contas mais uma sensualidade requintada do seu temperamento que uma aspiração espiritualista, reflecte a omnipotencia dos seus instinctos animaes no soberbo, no inolvidavel retrato que d'elle fêz Ticiano, o maior retratista do mundo, aquelle que melhor traduz a profunda expressão moral, a mobil physionomia, o character pessoal inconfundivel de cada um dos seus modelos...

Esse perfil de fauno sensual, que o Ticiano retratou, domina e absorve o coração delicado e subtil de Margarida.

Por isso eu a evocava agora, na galeria soberba, em que o sol entra a flux, ao lado do rei seu irmão, analysando com elle as bellas pinturas que fazem das paredes um kaleidoscopo tão curioso e illuminado, em que o velho e o novo mundo se confundem, discutindo — com Budé seu bibliothecario, com Duchatel seu leitor, com os dois irmãos du Bellay, os celebres humanistas da Renascença franceza, seus favoritos e commensaes, — um dialogo de Platão que tivesse acabado de lér em grego, um verso de Virgilio de que ella houvesse ha pouco saboreado o nectar subtil, servido na lingua de ouro do seculo de Augusto ; uma apostrophe de Cicero, nas suas Catilinarias, mais abrazada em rhetorica flamma ; conversando com Marot, seu poeta e seu servidor, ácerca da medição e do rythmo de um hexametro ou de um hendecassylabo ; ou perguntando a todos elles, curiosamente, avidamente, informações ácerca do novo livro extravagante que um physico e antigo tonsurado chamado Rabelais acabava de dar á estampa em Lyão, contando as mirabolantes e inverosimeis aventuras de Gargantua e Pantagruel, dois gigantes de quem ninguém até alli ouvira falar, e de Panurgio, o maior sacripante que de memoria de homem fôra celebrado em lingua vulgar...

# CARAS E CARETAS

REVISTA  
COMICA  
SEMANAL



POR CELSO Herminio

Celso Herminio, o brilhante caricaturista, começa hoje no nosso jornal a série da sua *Revista Comica da Semana*, onde conta fazer pinchar, em macabros e diabolicos sarilhos, todos os grotescos da nossa sociedade, todas as postizas convenções que abrem sorrisos amarelos de tortura n'essa Avenida hirta e espartilhada. Conta mais — o verdadeiro demonio da ironia — fazer varios contos em que faça rir os senhores até reventar — salvo seja — dialogos, philosophias da vida, typos e costumes, etc.

Seja bemvindo a nós o seu lapis faiscante.

## UM CASO TRISTE

**O** Bonifacio, um esgalgado, sapateiro de officio, agora déra n'aquillo. Quem o quizesse não tinha mais que abeirar-se da porta da taberna do Travanca e berrar lá para dentro: — Eh seu Bonifacio! eh seu homem! — que elle respondia, sempre do mesmo sitio, de ao pé do balcão. Até muita gente, em dias encobertos, quando o quadrante da egreja não servia, chegava ao Travanca e cá da porta berrava pelo Bonifacio. Ajuisava da hora pela resposta que de lá vinha. E deixára o officio de sapateiro; poucas vezes ia á fazenda; entregára o filho aos avós... Que não podia. A mulher, a Chica Regalona, com as suas carnes repolhudas, as suas faces todas cheias, todas rosadas, não se lhe tirava da lembrança.

— Oh homens! isto parece praga! Pois se até ás vezes o raio da porca da minha visinha Adelina me parece o dianho da mulher! E' que é mesmo uma doença isto que eu tenho. E eu hei-de dar cabo d'ella, olá se hei de! ou ella de mim... — e com a teimosia bruta de labrêgo metterá-se a afogar a paixão em vinho, a gastar uns restos de dinheiro que a mulher lhe mandára da cidade, p'ra onde fóra crear.

E tudo por uma conversa, á noute, ali mesmo no Travanca, entre o Bonifacio e o Manoel Rato.

Dizia o Rato que tinha visto a Francisca, mais a creança da patroa e mais a patroa a passearem de trem, na baixa. Que parecia mesmo uma fidalga, a Chica! — Isto não é por tu estares aqui, ó parente! — mas deixa-me dizer-te que tens alli uma mulheraça da gente se babar, da gente se babar, assim... Com'aquella não anda por lá outra, lá isso não anda.

O Bonifacio sorria agradecido, de olhos miudinhos, muito «tem-te-não-caias». Desabafava.

Dês'que a mulher fóra crear não passava lá muito bem, não. Então de inverno, quando o frio apertava, tinha noutes de mandar p'r'ás profundas, mais de um cento de vezes, o dia em que se lembrára de tal asneira. — Que eu mandei-a p'ra lá no fito de ajuntar umas moedas p'r'ás occasiões; mas isto — mestre fóra dia santo na loja — costumava-se a dizer, e do dinheiro da minha Chica alguns cobres escapam-se pelas malhas da bolsa e veem p'r'ó Travanca, os diab'almas.

Deitado de bôrco na carroça alemtejana do Sebastião almocreve, que rodava vagarosa, somnolenta a caminho da cidade, o Bonifacio — que ia vêr se a mulher estava de a gente se babar — lembrava os casos que se tinham dado quando a trouxera.

Tinham vindo de comboio. Uma extravagancia. Como a Francisca se estarrecêra em frente de tanta cousa, na cidade! — O' Bonifacio, tu já viste isto?! tu já deste fé d'aquillo?! E elle: — Isto é terra grande, mulher. Pois se elles até accendem os candieiros quando faz luar! E depois este luxo... Só isto regala a gente!

— Lá isso regala — confirmava a Chica.

Assim passaram o dia. A' noute recolheram á estalagem, a dormir. Cem annos tivesse elle de vida cem annos lhe havia de lembrar aquella noute, na estalagem. Parecia mesmo adivinhar que a aceitavam, o diabinho da Francisca! E a patroa?! Uma fidalga toda bem posta, bem falante, a convidal-o p'ra elle ir vêr a Chica quando lhe aprouvesse. E elle agradecêra. Desejava que a creança se fizesse um homem e ella tivesse quantos desejasse. E sempre lhe foi dizendo que a mulher tinha bom leite.

Mas fóra lhe bem triste aquella voltar á terra, só; extranhára bastante aquella primeira noute em que na larga cama de casados quasi se perdia. Se não fosse o Travanca...

A Francisca recebeu-o mal. Muito brusca, avisava-o de que não tinha tempo a perder, portanto que dissesse depressa o que o trazia.

Elle, assim com'assim, já que cá estava, não tinha pressa. Se ella agora não podia estar com conversas, elle vinha depois, á noute se ella quizesse, talvez até fosse melhor.

— Hade ser agora e já.

— Acho-te mudada, mulher! Eras tão borreguinha...

— Então que queres?! a gente muda com o tempo. Depois nós temos bonitas contas a ajustar.

— Nós?!

— Sim, nós. Olha que espanto! Então eu estou aqui a ralar-me, a mortificar-me para juntar meia duzia de moedas e no cabo tu vaes gastar-as p'r'á taberna, mais os amigos?! Tu pensas que estas coisas não se sabem?!

O Bonifacio pasmou. Por uma d'aquellas é que elle não esperava. Quem diabo a teria avisado... Esteve p'ra lhe dizer que era mentira, alguma intriga de quem lhes queria mal; mas a mulher podia azedar-se, terem questão, e lá se lhe ia, sem proveito, a noute que perdêra, deitado de bôrco, na carroça alemtejana do Sebastião almocreve. E mudou de rumo.

— Pois bem, era verdade. A's noutes ia o seu bocado até ao Travanca, p'ra espaiar-se, p'ra cavaquear com quem estava, só p'ra cavaco, que elle poucas vezes bebia e se alguma vez bebia era porque o obrigavam... Tinha saudades e a taberna ajudava-lh'as a curtir.

— Tambem eu as tenho e cá as vou curtindo, sósinha — mentia a Chica.

— E' que vocês, as mulheres, resignam-se mais a essas coisas que os homens.

Elle amuava, agitando os pés cruzados, olhando de soslaio aquella labrêgo de mãos callosas da enxada, ennegrecidas de serol. E aquellas mãos traziam-lhe á lembrança, p'ra contraste, umas outras, muito enludadas, muito acariciadoras... Elle olhava o soalho, coçando a cabeça lançada. No agitar de pés da mulher deu tento de duas chinellinhas bordadas e agachou-se. Curiosidade de officio.

— Tu está doudo?! — e a compôr as saias a Francisca deixou vêr uma nesga de meia preta, de seda.

— Viva o luxo! Meias finas, chinellinhas ricas... E dizes que não gastas.

— Se as tenho, devo-as á patroa.

Ali havia erro de genero, cousa em que o Bonifacio não era entendido.

Vieram dizer que o menino chorava.

— Olha lá, ó Francisca! tu não podias vir mais eu, logo á noute, passear p'r'ahi?!

— Não posso. Estou muito pensionada...

Berravam lá de dentro.

— E' o que vês. Não sou senhora de um momento. Adeus.

Elle, de pé, a meio do quarto, viu partir a mulher, toda repolhuda, toda regalona. Nem um abraço, nem um beijo... para o pequeno. Aquelle *adeus*, muito seco, ao sahir a porta, era a paga que ella lhe dava, de uma noute perdida e da confissão das suas extravagancias.

E então o homem, n'um supremo arranco de desprezo pela femea que se lhe escapulia:

— Olha, sabes que mais?! Vae p'r'ó diabo.

E tomando do barrete, andou para a terra.

Chegado lá...

...déra naquillo.

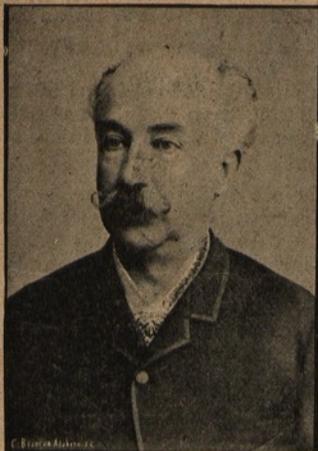
Pois se até ás vezes o raio da porca da visinha Adelina lhe parecia o dianho da Francisca!

(Inedito).

EDUARDO PEREZ.

# HISTORIAS DE ANIMAES

Por TRAVASSOS LOPES



ESCREVER para creanças é talvez um dos generos mais difíceis de litteratura, e que pouca gente tem abordado no nosso paiz. A não ser os *Contos para creanças* de Guerra Junqueiro, os dois livros de Cael, e outro escripto de collaboração pelo querido morto Gonçalves Crespo e pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, não conheço em Portugal quem, com tão amoroso carinho, os tenha continuado, a não ser Travassos Lopes que parecer uma intuição especial e uma quéda natural para esta sorte de trabalhos.

Eu não conheço pessoalmente o auctor das *Historias de animaes*, mas tendo-o encontrado muita vez no meu caminho. Sem entrar muito pela psychologia dentro, parece-me lêr nos seus olhos rasgados toda a suavidade amavel de um bom chefe de familia; e, ou seja influenciado pelo seu nome que vejo a subscrever livrinhos uteis para os queridos pequeninos, ou seja porque a alma d'elle se reflecte claramente no olhar, eu ia apostar que ha ternuras n'aquelle coração, ternuras que a gente vê subir ao rosto embrulhadas n'um sorriso placido, e que ficam a boiar, por muito tempo, nas suas pupillas claras.

Este estudo physionomico das pessoas, encontradas ao acaso, na vida, dá-nos de chofre uma sensação boa ou má, que fica sempre a prevalecer sobre a que se possa vir a ter mais p'ra diante. Com Travassos Lopes tem-me acontecido isso. A impressão que me ficou da primeira vez que m'o mostraram foi sempre tão grata ao meu espirito que nunca passo por elle na rua que não me fique a olhar o seu andar pausado, a sua figura um tudo nada militar, a sua

quasi indolencia de maneiras que lhe accentua ainda mais esse caracter brando que eu penso elle deve ter, que tenho quasi a certeza que elle tem, porque as minhas primeiras impressões não me enganaram nunca.

Depois, tem outra coisa que o torna querido ao meu coração, — a litteratura especial a que tem dedicado as horas da sua vida laboriosa. E hoje, que a litteratura de todos os paizes latinos param n'uma indecisão doentia sem se definir, sceptica e pervertida, pessimista e negra, esta que traz pendurada na sua bandeira todas as alegrias infantis, as mais claras e as mais sãs, dá um grande consolo, alluvia das maguas em que o espirito mergulha ao vêr as energias dobrarem como um vime ao sopro de um tufão de morte. Não ha ninguem que, tendo uma pagina de luto no livro da sua vida, a não venha contar n'um volume, em verso ou prosa, com coloridos que não casam com a dôr, com artificios que estão longe de ser um estado d'alma real. E como isso se não possa fazer, visto não se poder contar tal qual se sente a não correr o risco dos assobios da galeria, eu acho que esses taes vêm tambem á feira das vaidades com a sua barraca forrada toda de crepes, mas onde tremula, invisivel para o que passa, indifferente e que não pára, o flammejante pavilhão do reclame á sua pessoa e á sua obra, filha de um triste acaso que lhe deu a luz.

Estas artimanhas para chamar gente em volta da *fazenda* illudem ainda a grande massa do publico que não anda enfronhado n'estas coisas e que é por temperamento, sincero e propenso a lastimar as desgraças dos outros, mas torna-o arredio, fal-o fugir quando vê annunciado um livro novo, porque p'ra desgraça bem lhe basta aquella com que lucha n'esta subida ingreme da vida, em que tantos tropeçam e se ficam a estrebuchar no mesmo ponto, sem forças nem energia para seguirem o seu caminho.

Este livro, porém, de que estou fallando, é, na sua especialidade, o contraste absoluto d'esses outros. Ha risos nas suas paginas; é casto; é simples; é agradável e attrae. As mães podem entregal-o, sem o lêr, nas mãos de suas filhas, porque não ha uma unica palavra que possa ter um sentido mais ambiguo, menos claro, com duas faces.

Esta escolha de livros para creanças deve ser escrupulosissima, prudentemente rebuscada, p'ra que se não dê o caso estranho de uma senhora pedir Catulle Mendés como meio mais seguro e firme de conservar a virgindade d'alma na pequenina leitora, como inda ha dois dias ouvi, na livraria de um amigo meu. Ora, este desconhecimento absoluto d'autores que escrevem para a infancia, esta veneração pelo delicioso e rendilhado pornographico que escreve coisas para as mulheres lêrem na doce tepidez do banho, entre espelhos que reflectem carnações côr de rosa, é um symptoma que revela bem a incuria com que se faz a educação espirital das creanças no nosso paiz.

Contra êssé desleixo grita bem alto este livrinho singelo e despretençioso, que, se não traz arcos de triumpho ao seu auctor, nivela-o pelo menos na fileira dos homens de bem e dá-lhe a tranquillidade de consciencia por ter feito uma obra muito util e, sobretudo, muito decente — o que é raro hoje.

José SARMENTO.

<sup>1</sup> Na secção de *Historias para creanças* damos hoje dois pequenos excerptos das *Historias de animaes*.

## UM NUMERO DO INTERMEZZO

Quando morreres, pomba, ao teu jazigo  
Descerei merenchorio e allucinado,  
E abraçando o teu corpo delicado  
No frio marmore dormirei contigo.

E tu muda e tu branca e tu gelada!  
E eu nos meus braços a apertar-te ainda!  
E nas sombras d'aquella noite infinda  
Clamo, estremeço e morro, alma adorada!

Os mortos, alta noite, pouco e pouco  
Erguer-se-hão ao luar, rindo e dançando,  
E eu ficarei tranquillo, ó sonho louco!  
No teu seio divino repousando.

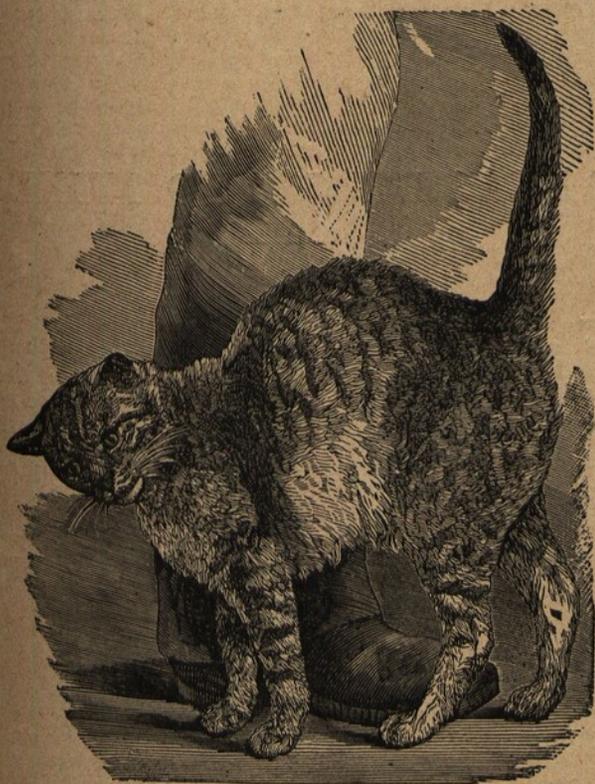
E quando a hora chegue em que as trombetas  
No juizo final se ouvirem todas,  
Não surgirás, inveja das violetas,  
Do frio leito das eternas bodas.

GONÇALVES CRESPO.



## HISTORIAS PARA CRIANÇAS

### ASTUCIAS DO GATO



O caso seguinte passou-se n'um convento. Quando o leigo encarregado do serviço do refeitório tinha já separado as rações, notou certo dia que lhe faltava uma. Não soube explicar o caso, e apenas disse que quando o taboleiro estava já com as rações, tinha ido vêr quem batia á porta, mas que logo voltára.

No dia ímediato, á mesma hora, tocam a campainha.

O leigo vae vêr quem é : olha á direita e á esquerda, não vê ninguem ; quando volta, encontra uma ração de menos.

Isto repetiu-se por alguns dias, de modo que se resolveu esclarecer o mysterio.

Distribuidas as rações, ouve-se uma campainha. O cosinheiro finge que sae, mas fica atraz da porta. Então viu o *gato* da communitidade tirar uma das rações e fugir com ella na bocca.

Estava pois descoberto o ladrão. Mas quem tocava a campainha? Era o mesmo personagem, que tinha observado que o toque da campainha obrigava o leigo a sahir do refeitório.

Os frades, sabendo o caso, e não querendo que entre elles houvesse um ladrão, resolveram mandar acrescentar ás suas rações, mais uma para o *gato*, e quando se queriam divertir, faziam que se esqueciam, e logo no dia immediato lá ia o *gato* tocar a campainha.

N'uma casa havia o costume de guardar a carne n'um armario, e fechal-o com tranqueta.

Dois *gatos* muito ladinos e muito gulosos viram como lhes escondiam tão bello manjar, e decidiram apoderar-se d'elle.

Como não podiam chegar á tranqueta, punha-se um ás costas do outro, e d'esta fórma conseguiam levantar a tranqueta.

Feito isto, não furtavam logo a carne ; iam esconder-se debaixo do armario, para espiar se alguem os tinha visto ; depois d'algum tempo, iam vêr se o armario estava effectivamente aberto, e era então que tiravam a carne e a comiam.

Outro *gato* vivia na maior intimidade com um canario. Quando soltavam o canario, voava para o *gato*, pousava-lhe sobre o dorso, e alli brincava por muito tempo.

Uma vez, porém, o *gato*, tomou o canario na bocca e saltou para cima de uma estante. O dono julgou o canario perdido, e correu para o *gato*, mas ao mesmo tempo viu que no quarto havia entrado um outro gato, que não era de confiança. Sem duvida o *gato* amigo quiz salvar o canario !



TRAVASSOS LOPES.



## ALMAS DO OUTRO MUNDO

### I

ERA phantastica a paisagem. A' beira mesmo da torre em ruínas do castello o rio corria, perspontado de luar, mais branco ainda na immensidade d'essa noite branca. Pela riba adiante, a povoação adormecida estendia-se n'uma massa confusa, apontando para o ar os canudos esguios de duas fabricas. Esfumavam-se os longes, com vagos esgarçamentos de nevoeiro; as montanhas anilavam-se como cobertas de uma gase fina.

Estava a noite calma, sem um arpepio de vento, e as aguas deslisavam mansas, tão mansas que quasi não buliam. Da outra margem um grande castanheiro estendia a sua cabelleira de folhas projectando um abysmo de sombra e encobriendo o barco que estava n'uma especie de enseada, amarrado por uma forte corrente.

Iamos descendo o caminho do rio, torneando o castello fendido e enovelado em silvas que brotavam das suas feridas abertas e escancaradas. Dir-se-hia, n'aquelle silencio fundo que pezava como um grande remorso, que iamos commetter um crime. O nosso andar era cauteloso; olhavamos á direita e á esquerda nos tuffos mais sombrios, como quem teme ser surprehendido. Su-

uma folha estalava debaixo dos nossos pés, ficavamos de repente quêdos e hirtos na invia sombra projectada pelas arvores. Que macabra phantasia ou que estranho designio nos levaria a fazer aquella descida até ao rio, n'essa noite placida, cheia de perfumes e entrecortada de quando em quando por trillos das aves acordadas?

### II

A aldeia é o que ha de mais alegre e de mais verdejante, um cantinho onde não entra a malicia mas que, em compensação, tem um pavoroso mêdo de lobishomens e almas do outro mundo. A imaginação esquentada por este sol amigo que é uma verdadeira benção, vae á galopada pela terra azul da phantasia e conta nas noites temerosas de inverno, á lareira, historias de bruxas que sobem á meia-noite, a cavallo em vassoiras e que pairam sobre as ruínas do castello, onde são recebidas com gargalhadas sarcasticas e tinir estridulo de copos, empunhados por mãos invisiveis. As lendas que se tem formado com estes pequeninos mêdos de senhoras visinhas, são muitas, que eu não conto, para lhes não fazer correr um frio na espinha, mas não se me dava de os poder ver passar a horas mortas, em frente das paredes desmanteladas, onde pairam as corujas e á roda das quaes os morcegos vôam, rasgando as urzes com um grande ruido seco d'azas. Sempre queria vêr a côr com que ficavam!

Porque é realmente terrivel aquelle retalho solitario da paisagem verde negra. De uma e d'outra banda, cypresses esguios alinham-se como sentinellas soturnas e sobrenaturaes, guardando um cemiterio ermo e desolado. As aves alegres, rouxinoes e pintasilgos, abalam d'aquelle ar que parece trazer em si o germen de todas as angustias, de todos os tormentos, das dilacerantes torturas. E até o rio, que mais a cima, serpenteando por entre ilhotas de verdura, entôa um canto de alegria, corre quieto e tragico na base do castello, afundando ainda mais a treva que as arvores lhe despejam.

sto de noite, em noite escura de peccado. Mas de dia a metamorphose é completa. A fileira dos cyprestes fórma uma avenida deliciosa para passar as horas do calor, com toscos bancos de cortiça onde o corpo se póde estirar na fresca sésta, ouvindo o murmúrio da corrente e o ramalhar melancolico das arvores. E a vista, então, é surpreendente. Os senhores com certeza que nunca a viram assim. Na planicie immensa e raza, leguas e leguas se desdobram, com casarias claras emergindo de bosques, com palpações de sinos cantando no ar leve. Alguma coisa de fugitivo e aereo ondula como um pó doirado sobre as florações luxuriantes. Manhãzinha, em abril, os tons afinam-se e tomam levesas de renda a bilros, espumaes.

E' um verdadeiro encanto acordar ao grito do primeiro gallo, saltar da cama, e ir, em fresca flanella, correr aquellas bandas, em busca d'arvoredo.

### III

Pois o caso das almas do outro mundo era muito fallado. Havia até quem tinha visto, a deshoras, brancos phantasma, de lençol roçagando pelas pedras, arrastando cadeias, ferros pesados — eu sei cá!

Decidimos então, n'essa noita clara, espreitar essas bemditas almas. O barco estava ali, preso por uma forte corrente, levemente baloiçado pelo brando ondular das aguas. Para chegar ao outro lado do castello, preciso era ras-tejar por debaixo dos salgueiros, quasi não tocando os remos, por prudencia.

O meu amigo ia um pouco enfiado, verdade seja. Não era um temerario, e, n'aquella hora tragica, a sua timidez punha-lhe um tremor em todo o corpo e fazia-o ainda mais branco sob o luar que por vezes lhe sulcava o rosto, filtrado pela rama das grandes arvores.

— E se ha realmente almas do outro mundo? ciciava elle, quasi ao meu ouvido, com os dentes a baterem uns nos outros.

Tive um risinho abafado, mais cortante que uma franca gargalhada de troça.

— Sim, porque isto não está nem estará nunca explicado. Sabe-se lá o que a gente é no outro mundo!...

Ainda ninguem cá veio dizer como lá vive.

Encolhi os hombros, com um grande desdem pelo medrica.

Tinhamos chegado á margem. Desamarramos o barco, que tinha a fórma esguia de uma guiga, e saltámos para dentro. Os remos iam deitados no fundo, inactivos; ajudávamo-nos com os ramos dos salgueiros para fazer singrar



a fragil embarcação. De quando em quando tinhamos de nos agachar rente com as bordas para não ficarmos guilhotinados na força dos troncos.

O meu amigo já não dizia palavra; sentia que elle ia amarello como uma cidra e que tremia a cada metro que o barco ganhava para se approximar do temeroso e fatidico castello. Eu, vamos andando, chegava a duvidar da minha coragem ao vêr-me assim abandonado de energias. E apesar da noite pualhada de farinha sentia de vez em quando um frio em todo o corpo, que para logo sacudia, olhando ao largo o rio prateado e longe a verdura alacre da planicie extensa.

Chegámos...

### IV

Quando, ao romper d'alva, esfalfados de remar, atracámos á outra margem, e deixámos cahir os remos n'agua, era eu que estava amarello como uma cidra, enquanto o meu amigo repoisado do susto e livre para sempre do pavór das almas do outro mundo, ria a bom rir, na atmosphera azul e calma da manhã.

Aquelle mysterio trazia-me uma desillusão. Porque eu não lhes tinha contado que a mais guapa moça do logar alegrava as minhas noites de inverno com o seu grande riso aberto em labios de coral, e fazia da minha vida de campo um pequenino recanto de paraizo. E na minha ingenuidade, absorto na contemplativa felicidade d'esses curtos dias, eu tinha esquecido aquella passagem da Biblia em que entra em scena a serpente maldita.

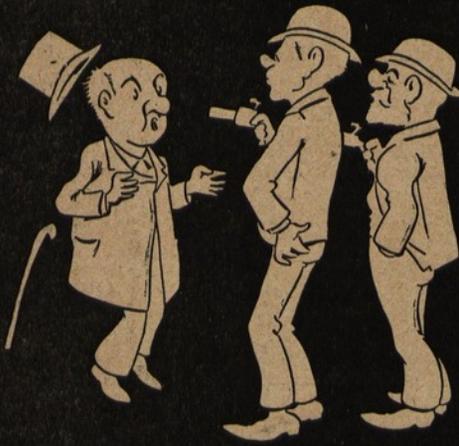
Verdade, verdade: — eu nunca acreditei em almas do outro mundo mas não esperava encontral-as de carne e osso que me transtornassem tanto como essas que a um raio de lua, tinham apparecido aos meus olhos com os contornos deliciosos da Maria e a musculatura forte do moleiro ruivo da Portella.

T'arrenego!

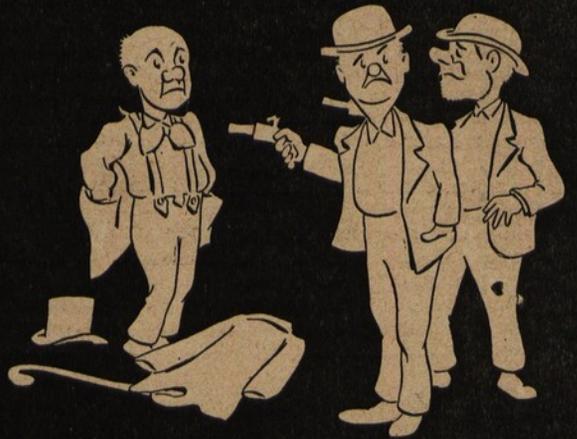
BOB.

# CONTO MUDO

IR BUSCAR LA E VIR TOŌQUIADO



1



2



3



4



5



6

*phantos  
21*

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA  
Apostolos, 11, 1.º - LISBOA

## SECÇÃO RECREATIVA



Escolhei um copo de licor de fôrma conica, cujo diametro, na borda, seja um pouco maior que o de uma moeda de 500 réis; collocae no fundo uma moeda de 100 réis, e por cima a moeda de 500 réis, que deve ficar quasi ao cimo do copo, collocando-se horizontalmente como uma especie de tampa. Podeis annunciar agora que, sem tocar no copo nem na moeda de 500 réis, ides fazer sahir a moeda de 100 réis. Basta para isso soprar com força no rebordo da moeda de 500 réis; esta oscilla em volta do seu diametro para se collocar verticalmente, e ao mes-

mo tempo o ar que o vosso sopro comprimiu debaixo da moeda de 100 réis fel-a saltar para fóra do copo, voltando depois a moeda de 500 réis á sua posição horisontal.

### BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido até hoje as seguintes publicações, que agradecemos :

*Pharmacia Pires*, contos de Julio Brandão, dos quaes já demos aos nossos leitores, em *primeur*, o *Ferreiro*.

*Rosmaninhos*, primeiro livro de versos do sr. M. Dias Nunes.

*Conventos e collegios*, do sr. Delphim Guerra.

*Sob o luar*, *plaque* de versos de Antonio Macieira.

### MANUAL

DE

### GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs.  
Enc. 15000 rs.

### HISTORIAS DE ANIMAES

POR J. Q. TRAVASSOS LOPES

1.ª Parte: 1 volume com 100 gravuras; — 2.ª parte: 1 volume com muitas gravuras.

Preço de cada volume, br. 200 rs. Com uma linda encadernação em percalina, 400 rs.

### RAMALHO ORTIGÃO

### O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

### COISAS UTEIS

#### O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé os n.ºs 2, e seguintes do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa de semula. Pregado com molho Hollandez. Pato com azeitonas. Rosbife assado com batatas novas córadas. Chicoria temperada com nata. Dôce — Torta Frangipane.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de purée de ervilhas verdes. Filetes de pescadinhas. Pá de carneiro recheiada e estufada com guarnição de cebolinhas. Perú assado com salada. Alcachofras fritas. Puding de batatas acompanhado com calda de morangos

TERÇA FEIRA. — Sopa de massa fina. Frituras de camarões. Vitella á burgueza. Cabrito assado com salada. Cenouras com molho d'ovos. Dôce — Charlotte russe.

QUARTA FEIRA. — Sopa refrigerante. Pargo cosido com molho d'alcaparras. Costellets de carneiro ao natural. Pato assado com arroz. Ervilhas á franceza. Dôce — Crème de chocolate.

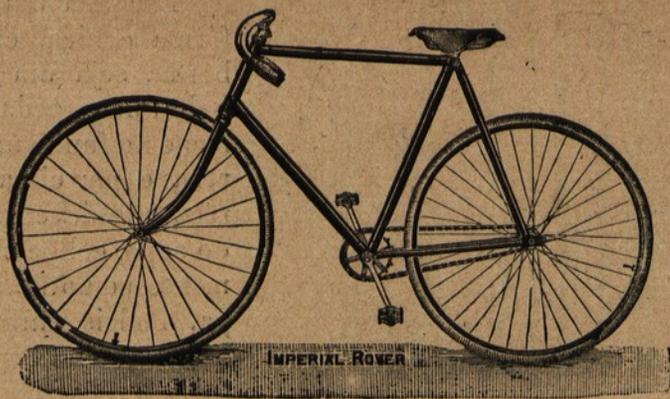
QUINTA FEIRA. — Purée de hortaliças. Linguado cozido com molho branco. Lombo de vacca com molho Soubise. Costellets de vitella panadas com macarroni. Pombos assados com salada. Dôce — Bollos seccos e gelado de morangos.

SEXTA FEIRA. — Purée de grão. Caldeirada de diversos peixes. Lagosta recheiada. Linguados fritos. Couve flôr com molho branco. Dôce — Puding de pão á ingleza.

SABBADO. — Sopa de cevadinha. Carne cozida com molho de tomate. Borrachos estufados. Vitella assada com esperregado de azedas. Favas com crème. Dôce — Gelado de laranjas.

# IMPERIAL ROVER

Pecam catalogos illustrados das "Rovers"



Fortaleza, elegancia, ligeiriza

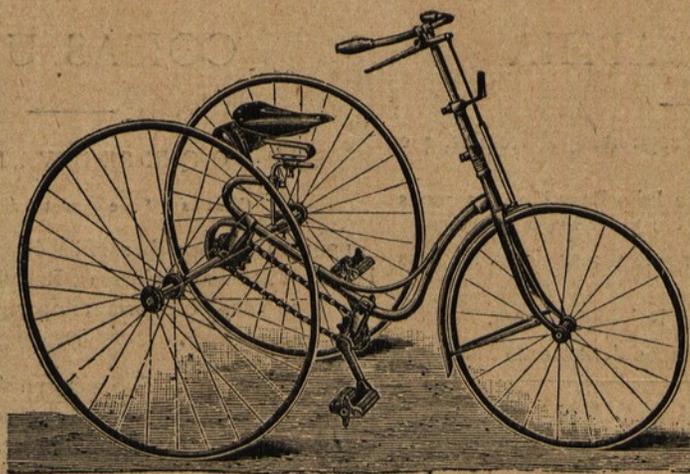
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são inckelados em parte, e têm travão e rodas com cautuchut.



Ha tricycles para adultos bem assim para senhoras, em grande sortimento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Pecam catalogos a esta casa



Velocipedes para rapazes de 4 a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

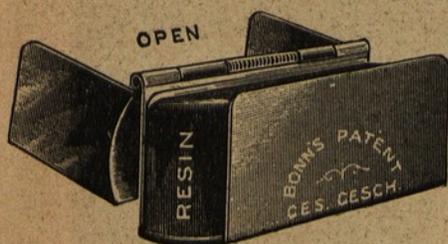
# BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

DEVANEIO

N.º 9



# RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

—\*— **ULTIMA NOVIDADE** \*—

**O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO**

**DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE**

Preço de cada caixa completa — **240 réis**

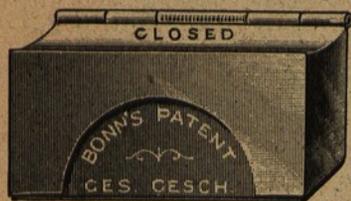
**UNICO DEPOSITO**

**CASA LAMBERTINI**

**43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49**

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á

—\*— **ARTE MUSICAL** \*—



# BRANCO E NEGRO

**SEMANARIO ILLUSTRADO**

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

**Numero avulso, 40 réis**

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 9

LISBOA, 31 DE MAIO DE 1896

1.º ANNO

## PRAZERES DO VERÃO



DORMINDO A SÉSTA

N'AQUELLA edade em que os sonhos crystallisaram ha muito n'uma fórma burgueza de felicidade, cada um se estirou para seu lado, entre as seáras loiras, á sombra de uma arvore gigante.

Ella sorri, a meio d'aquelle somno pacato, refrescado pelo vento da tarde; e na sua cara unctuosa de prelado perpassa uma aragem de beatitude, alguma coisa de grata satisfação por ter levado a cabo — quem sabe? — a sua ideia d'aquella ida ao campo.

Elle, estirado do outro lado da arvore, com a cabeça na sombra do guarda-sol e as mãos cruzadas sobre a barriga respeitavel, tem uma ruga franzida ao canto dos labios, tendo adormecido, talvez, contrafeito com alguma *moralidade* da madama rabujenta.

O cão é de certo o mais feliz dos tres. Não tem sonhos, nem ambições, nem ideias reservadas. Julga-se, n'aquella hora fresca, no seio d'aquella familia de bons costumes, o animal mais bafejado pela sorte de toda a criação.

E assim o trio passa um dia de folgança na calma das terras inundadas de sol, entre as searas loiras pespontadas de papoilas.

# Ô HOSPITAL E A ESCOLA MÈDICA DE LISBOA

(ESTUDO)

*Ao Sr. Dr. Mello Breyner*

## I

SUBINDO a ladeira pedregosa, bordada de excrementos ruivos, esbarram-nos os olhos cansados na velha frontaria do hospital, — uma frontaria amarella e enorme, com um certo ar monastico, resto caricatural do antigo mosteyro, e adonde o sol, pelas madrugadas, traça losangos d'ouro ardente. E' humilde a portada. Aos lados do lancil, duas columnas severas de abàculos lavrados, prenhes de contorcidos alyssos, e ao cimo do portal um frontão com escudo adusto e lambrequins de pedra. D'uma banda e d'outra, recortando-se na chlorose d'ouro da alta parede, umas figuras hieraticas, de mascara grotesca e roupagens hirtas, olham impassivelmente, com os seus olhos excavados, a dôr e a miseria que ali entram. Passando os umbraes, ha um pequeno átrio, em cujos saiméis de pedra, ao alto, desmaiam uns frescos abominaveis, com anjos rôxos a apodrecer entre grinaldas de almagre. Depois, uma caricatura de jardim maninho; à esquerda, a antiga igreja a levantar se, na cachexia miseravel d'uma ruina musgosa, e ao fundo, rigida e esburacada pelas altas janellas de pedra, a ala maior do hospital. Entra-se depois n'um claustro de tres naves, lugubre, de hirtas arcaturas e chão de betume, onde dormem, estirados, uns velhos escanos de espaldra escura. E' ahi, n'esses escanos inteiriçados, gafos de vermina, que todas as manhãs se ani-



A SALA DAS AUTOPSIAS

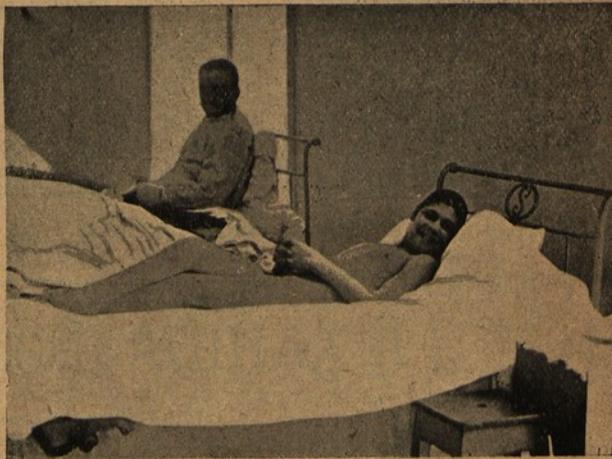
nham umas creaturas macilentas, aguardando a hora anciosa de invadir as enfermarias. E' vulgar encontrarem-se, amparadas aquellas arcaturas de bocéis lividos, mulheres ossudas, contrahidas de dôr, em lagrymas pelo filho ou pelo marido que topárã morto. Aquelles saiméis, saudosos do sol, que nunca n'elles botou os seus escarros d'ouro, estão afeitos aos gritos de angustia, e sabem abafal-os com cautela, como as melhores tapeçarias. Passam ali, por debaixo d'elles, todas as miserias humanas, toda a comedia da dôr, n'um desfilar macabro e pustulento, ossaturas a tremer nos enxalmos de burel, — toda a romaria pôdre de Collantès, desconjunctada e livida, procurando a morte. E' pelo betume d'esse cnao que se dão os ultimos passos no caminho da desgraça. O mal, vestido de brocado e toucado de espinhos, conduz pela mão os desgraçados: depois de os levar aos autos hieraticos do amor, arrasta-os por esse valle de lagrymas, em derradeyro, á farça verde do apodrecimento.

## II

Galgando uns degraus de pédra, temos, á nossa mão esquerda, desabrochando nos seus guarda-ventos azues, a enfermaria do doutor Sousa Martins (São Miguel), uma exquisita vitrina da pathologia, adonde colhemos essas tres caricaturas nosocomicas que acompanham o nosso artigo. E' um velho claustro, tambem de tres naves, irri-

tantemente branco, em que se estiram, preguiçosas, quatro ordens de leitos, como phenicios tumulos de prata. Indo ao longo das columnas e enxergando aos lados, vemos, envolvidos nas almucellas ásperas, cu de pé, junto ás camas, uma collecção extravagante de tysicos, de cancerosos, de syphiliticos, de tabéticos, de lypémaniacos, de brighticos, de pyopneumonicos, de choreicos, todo o mosaico nosologico, abrindo no ar doirado, como uma flôr negra de dôr e de miséria. Por agora, os exemplares mais curiosos da enfermaria de São Miguel, são esses tres que as nossas gravuras representam. O primeiro é um tuberculoso com varios estigmas de degenerescencia, os hemisferios asymétricos e a mandibula prognatica, — quasi infantil, apesar dos seus vinte e dois annos. Filho, naturalmente, d'um syphilitico, — são curiosos de vê aquelles dentes irregulares, partidos e rugosos, aquelles olhos esbugalhados, aquelle relevo rude das arcadas zygomáticas, todo o santo idiotismo que ambrêa e embacia a expressão d'aquella mascara. Foi explicador de instrucção primaria, — o que devia ter sido uma desgraça, para elle e para os discipulos. Não terá mais do que oito dias de vida, — quem sabe mesmo se já será cadaver quando este artigo apparecer, — mas ri muito, ri sempre, avançando a mandibula grotesca e revolvendo nas orbitas os grandes olhos azues. O outro é um melancholico: figura original, de mascara oleosa e palpebras descahidas. Leva os dias assim, acabrunhado, cheio de preocupações inverosímeis, — que nem raio de sol se lhe cobra lá dentro! Desde que lhe quebraram a cabeça, tudo lhe dá enxeco, — todo elle é aquella noite escura que ali se vê. Familia, nem pode enxergal a. Dose gottas de trinitrina por dia não conseguem arrancar da negrura aquelle cérebrozinho ischemiado. Chega a ter uma certa graça, como caricatura, o ar philosophal d'esse misero enxerto de Hamlet em marçano de taverna, que ali passa os dias, patriarchalmente, com o seu harretinho branco no alto do craneo.

O terceiro, é, talvez, o mais curioso d'esses tres typos nosocomicos. Exemplar exquisito de microcephalia, o Bernardo, — que esta graça tem alem de muitas outras, — é filho d'um alcoolico já defuncto, que o gerou depois de ter tido delirium tremens, e que



UM MICROCEPHALO

... a souvent mordu le pain de l'hôpital,

como diria o neuratico Baudelaire n'uns versos amaldiçoados. Não vale, afinal de contas, condemnar tanto os bebados, como o russo Kovalevsky ou como o britannico Crothers, porque a sciencia precisa d'estes monstrosinhos, — pelo menos como parte decorativa. Conforme disse, ha no Bernardo varias graças: é um perfectissimo exemplar da attitude de Little; uva deliciosamente, e tem umas espadas e um thorax macios e fempinos, que merecem especial attenção a um velhote hematurico, de monocolo, que dorme n'uma cama ao lado, creatura esporádica, brummel de hospital, decrépito e ligeiramente depravado de instinctos. E ahi ficam esses tres desgraçados, que n'um tablado de téla d'ouro dariam bom dinheiro a saltimbancos.

### III



UM MELANCHOLICO

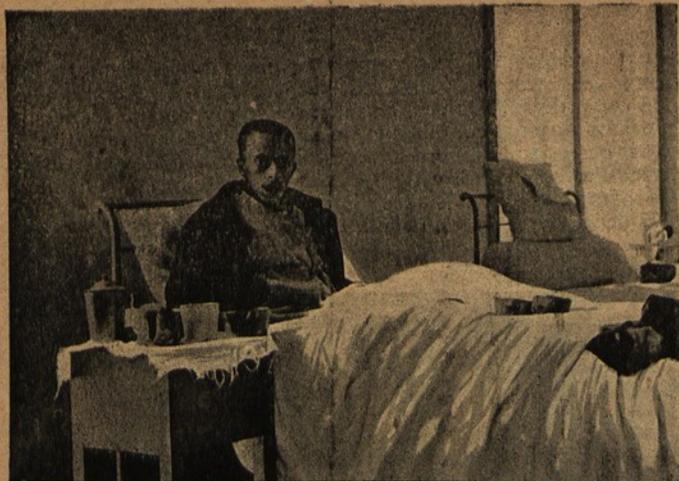
Sahidos que sômos da enfermaria, toma-se por um corredor lugubre, até a um pequeno pateo, que dá para as cosinhas do hospital. D'ahi, passado um alto portão de grades verdes, vê se logo o edificio quadrangular e meio arruinado da escola de medicina. Um as janellas boquiabertas, com denticulações azuladas de vidros quebrados, umbraes roidos, e um grande ar comico de construção senegaleza. Na cal offendida d'essas paredes, devia alguém ter escripto aquelle estranho verso da allegoria de Dante:

*Per me si va nell'eterno dolore.*

Mas a dôr não é para os mortos; é para nós, pobres estudantes de medicina, com os olhos cançados da miséria das enfermarias e dos esverdinhamentos do pôdre. Por ahi se vae, por esse corredor negro, á eterna estopada de todos os dias, ao eterno cheiro do cadaver, arrastado pelos cabellos, a aprender a matar os outros para se não morrer de fome.

Ao meio d'um terreiro hirsuto de plátanos, levanta se a casa dos côrtes, austera, d'altas janellas de pédra, em cujos tabolados interiores seccam craneos roxos, que voltaram da maceração, sternos com as cartilagens agarradas aos mucros, como aranhas enormes, humeros contorcidos, omoplatas papyraceas, e uma *chinoiserie* traquinante de vértebras ásperas, que o sol das manhãs empoeira d'ouro. Lá dentro, encontram-se cinco mesas de pédra, excavadas, oblongas, com escoadouro ao meio, — e nos angulos da sala piscinas em cuja agua dormem, como marmores nodosos de rôxo, braços de defuncto, ou cabeças verdes olhando o tecto com os seus olhos pôdres e espantados. Ha quasi sempre cada-veres sobre as mesas, em decubito dorsal, serenos, ou estorcidos em attitudes grotescas, — a magresa branca dos tysicos, o oedema

lustroso dos cardiacos, — todas as tonalidades da carne morta, confundidas ás vezes na mesma tinta do marmore, d'onde apenas salta a mancha negra dos cabellos e o arroxamento hypostatico. Outros, já feita a necropsia, thorax e ventre abertos, n'uma maravilha de côr, mostram o róseo dos pulmões atauxiado de ponticulações escuras, o vermelho intenso dos musculos, o verde dos intestinos, a madre-pérola nitida dos tendões e o marfim pallido dos nervos. Se o cadaver é de mulher, nos farrapos de pelle tombados salta mais a bordadura d'ouro das gorduras. — d'es-



UM TUBERCULOSO PROGNATA

sas milagrosas gorjuras que amaciam as curvas hirtas da estatua, e que o artista nervosamente procura, piedoso e enternecido, na muhez tosca do barro.

Para os cadáveres que têm enterro, entram na sala branca uns grandes caixões de lham, que ahi repousam, a pino, enquanto o morto, descahido na pedra, em meias, arrayado, ás vezes, em habito e escapulario franciscano, aguarda, como diria o nocturno Rollinat, o *paletot* sombrio onde ha de apodrecer commodamente. Quasi sempre, debaixo do capuz monastico, ha uma cabeça craneana cosida a barbante. No Juizo Final, na onhada farça da resurreição da carne, na rôxa visão apodrecida de Ezequiel, seria curioso vêr esses desgraçados, ossatura a ranger, procurando o cérebro perdido, pelos recantos doirados da cymba! A morte, afinal de contas, não é mais do que uma das multiplas formas do grotesco.

JULIO DANTAS.

## À SAÍDA DO CONCERTO



*Julio Dantas*

# DR. JOSÉ D'ALPOIM



**R**ARAMENTE em Portugal um homem que, pelo seu valor intellectual ou mesmo pelo seu trabalho honrado, consegue elevar-se acima da esphera da mediocridade, deixa de ser, immediatamente, summariamente, apontado ou como um insignificante, a quem a sorte bafejou ou como um *parvenu* sem escrupulos que, a troco d'uma benesse, não hesitou em inquinar o seu character.

E' raro, muito raro mesmo, vêr-se o contrario. Andam por ahi tão polluidas as consciencias, avigora-se, alastra tão assustadoramente a inveja nos espiritos de horizontes limitados, que, francamente, é preciso ter uma força de vontade extraordinaria, ser-se dotado de um temperamento excepcionalmente forte para não succumbir ante as arremetidas d'esses *complots* miseraveis, e, sem tergiversar, passar altivo por essa turba de inconscientes-larvados, sem um azedume, sem um desgosto, sem um constrangimento — superior á calumnia que se despreza como moeda apocripa que não tem cotação...

O dr. José d'Alpoim abriu a essa regra uma excepção: o seu nome é querido e respeitado por todos; o seu talento, ninguém — nem mesmo os seus adversarios — o contesta.

Rutila como brilhante da mais fina agua, sobrenada porque é imponderavel, prende, arrasta e subjuga porque a sua palavra fluente, e a sua linguagem castiça, tem a robustecel-a a auctoridade d'uma virtude absoluta.

Quintiliano para definir o perfeito orador dizia: *Vir bonus, dicendi peritus*. E assim é. Quando a consciencia, servindo de crystal ás nossas acções, nol-as reflecte sem mancha, nada ha que nos intimide, que nos faça fraquejar. Para apostalar uma ideia é preciso, é indispensavel ser-se como a mulher de Cesar...

Novo ainda, em todo o vigor da sua intelligencia, elle tem sabido seguir sempre a linha que o seu character honrado lhe impoz, nunca desviando-se d'ella para defender uma causa injusta ainda que, com essa sua attitude, elle veja que os interesses do seu partido, de que é um dos mais valiosos ornamentos, soffram quebra, ou a sua amizade pessoal tenha de restringir-se.

Como parlamentar é um dos mais illustres: a sua phrase, curta, vigorosa, incisiva, escarpellisa — sempre colorida, sempre viva, sahindo-lhe dos labios em borbotões de eloquencia, facil, correntia, multicôr como um diadema de pedras raras.

Eleito pela primeira vez por Lamego, depois por accumulacão, mais tarde, por Valpassos, em todas as legislaturas soube cumprir com honra os mandatos que lhe confiaram, não se associando nunca a especulações indecorosas e aviltantes, antes combatendo-as com vigorosa energia, quer na tribuna, quer na imprensa.

Jámais conseguiram d'elle, apezar de mil douradas e indignas offeras, tornou malleavel o seu temperamento, torcer a sua penna de jornalista independente, sustar a intransigencia absoluta do seu character honestissimo.

Como jornalista poucos ha que se lhe avantajem; a sua penna é d'aço, para apontar as desvergonhas e para combater os escandalos; d'ouro para enaltecer os que trabalham ou ainda para lamentar os que a morte traiçoeiramente apunhala n'esta encruzilhada da vida — quer seja um amigo ou um partidario, quer um adversario ou um inimigo...

Valeu-lhe agora a fogosidade do seu estylo e essa intransigencia nunca desmentida o ser chamado aos tribunaes do Porto n'uma querella promovida pelo sr. conde de Burnay. A chicana que brinca com os artigos do codigo tem sabido desnortear, até agora, o julgamento, fazel o demorar, na incerteza talvez de que a accusação se converta n'um triumpho e que, onde pensam ir achar uma mácula, não se lhes vá deparar a vida limpida e clara de um homem que não teme e que não tem desfeito os attrictos que se lhe antolham na carreira com salamaleques rasteiros e ignominias praticadas na treva.

O norte do paiz, principalmente, vê no dr José d'Alpoim o seu idolo mais querido, aquelle que consubstancia em si todas as virtudes e todas as raras qualidades de character, tão perdidas n'este tempo de venalidade e corrupção. Elle é, de facto, um dos mais preponderantes vultos d'aquella raça forte de trabalhadores que, vindos da vida sã e aspera que se consome na labuta diaria, com os olhos fitos n'uma crença nunca abandonada, não se amollecera na capital corrupta, seguindo sempre aquella voz da consciencia immaculada, que aponta os verdadeiros caminhos a seguir.

Eu, não andando enfrornado n'estas mil encruzilhadas da politica, sou um insuspeito dizendo estas palavras de justiça.

Contra uns e contra outros não me movem amizades nem inimizades; conheço as baixezas d'alguns e admiro as qualidades de outros. Calo por vergonha aquellas e, quando se me offerece occasião, trago estas a toda a luz, e exalto-as, na certeza de praticar um dever.

Tal o caso de agora, que representa nitidamente a expressão do meu sentir, e que traz ao meu espirito um allivio consolador por vêr que, n'este paiz onde se tem perdido tudo, ainda ha homens que, como o dr. José d'Alpoim, passam, de cabeça erguida, podendo arrostar o olhar de toda a gente, sem que as suas faces tenham de cõr por qualquer falta commettida que lhe maculasse o character, porque o seu é fina tempera que não verga a imposições de ninguém e segue, impolluto, o caminho que trilham todos os homens de bem.



## HISTORIAS PARA CRIANÇAS

### OS DOIS ALMOCREVES

(Sobre um conto popular em Traç-os-Montes)

**E**RA uma vez dois almocreves, que iam de seu caminho por uma linda manhã muito fresca, em que os sinos repicavam alegres para a missa. E o mais novo que se chamava Isidoro, disse :

— «Olha lá compadre, nós devemos ir á missa.» —

— «Não devemos tal, não sejas parvo.» —

— «Olha que devemos !...» —

E devemos não devemos, a questão ia-se azedando, até que o mais velho disse :

— «Para tirarmos as duvidas, vamos perguntar á primeira pessoa que encontrarmos. Se disser que sim, — tiras-me os olhos e ficas com o macho e com a carga d'azeite. Se disser que não, — tiro tos eu a ti e fico com o teu macho e o teu azeite.» —

— «Pois sim. Vamos lá ver quem tem razão.» —

E os sinos continuavam a repicar alegremente e o bom do Isidoro a sentir cada vez maior o desejo d'entrar n'uma egrejinha muito açada que via no cimo d'um monte. Parecia que na sua alma também tilintavam sinos d'alegria e revoadas d'orações lhe vinham aos labios.

Iam andando sem ninguem encontrarem a quem fazer a pergunta ; até que n'uma encruzilhada deram de cara com um bonito rapaz muito bem vestido, de velludo encarnado, chapéu de plumas, espada reluzente, montando um lindo cavallo ricamente pôsto. Os dois almocreves adeantaram se : — «Senhor cavalleiro, — disse o mais velho, — nos queriamos fazer-lhe uma pergunta » —

— «Então que querem vocês ?» —

— «Eu digo que não devemos ir á missa e este meu companheiro diz que sim. Quem tem razão ?» —

— «Tu é que tens razão, não devem ir á missa. A vida é curta, não se póde gastar tempo com essas tolices.»

E o cavalleiro partiu a rir entre dentes. Isidoro tremeu de ver aquelle riso tão cruel, mas nada dizia, enquanto o companheiro todo contente, já se preparava para lhe tirar os olhos. E os sinos a tocarem n'uma alegria, n'uma pressa, que até os passarinhos parecia que iam voando para a igreja que alvejava no cimo do monte...

Isidoro chorava, pedindo que não valesse a resposta do bello cavalleiro. Iriam mais adeante a ver se encontravam mais alguém.

Foram andando, andando até que passou um negociante, que vinha da sua feira, montado n'uma gorda mula, os alforjes cheios de dinheiro, cantando satisfeito. O almocreve chegou-se logo ao pé d'elle de chapéu na mão : — «Senhor, queria fazer lhe uma pergunta » —

— «Dize lá homem, á vontade.» —

— «Como é hoje dia de missa, o meu companheiro diz que devemos lá ir e eu digo que não. Fizemos uma aposta e o senhor é que hade decidir.» —

— «Não devem ir, não sejam brutos. Eu também nunca lá vou e estou bem rico e bem gordo.» —

E dando d'esporas á mula foi-se cantando com uma voz tão fina, que Isidoro ficou a tremer como se estivesse enterrado em neve.

— «Compadre, — voltou elle a dizer, — não me tires ainda os olhos, deixa só passar outra pessoa a quem perguntarmos.» —

O almocreve não estava lá muito pelas contas, mas por fim concedeu.

Foram andando, andando até que encontraram um velho de barbas brancas, vestido com um habito de frade. Caminhava muito devagar, passando as contas d'um roزاریo.

Isidoro todo contente, foi quem falou d'esta vez : — «Meu padre, eu queria saber se n'um dia assim de festa como é hoje, nós podemos passar sem missa. Este meu companheiro diz que sim, eu digo que não, mas vossa se-nhoria é que hade decidir.» —

O velho levantou a cabeça e olhando fito para o pobre Isidoro, disse com um ar muito carrancudo :

— «Quando se tem que fazer, deixa se a devoção pela obrigação.» —

— «Mas senhor, a minha mãe disse me que era obrigação que Deus nos deu, irmos á missa em todos os domingos e dias santos.» —

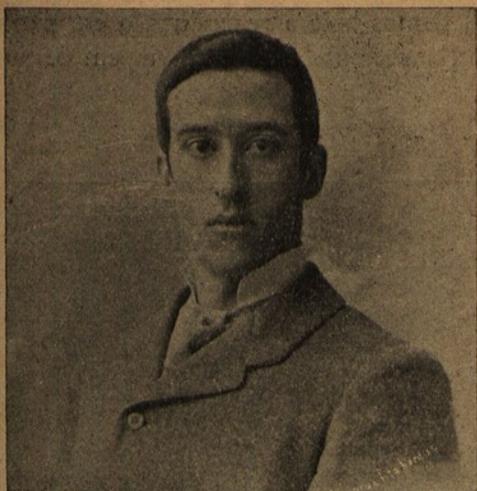
— «Obrigação é só para os padres. Enquanto estivesse na missa outros viriam tirar te a freguezia » —

E foi-se andando a mastigar fingidas orações, enquanto o almocreve se ficava a rir das lagrimas do desgraçado Isidoro.

E por mais que dissesse, por mais que elle fizesse, não quiz saber de nada, puchou da faca e arrancou-lhe os olhos. Isidoro lamentava-se tristemente : — «Ai compadre, se fosse eu não te fazia isto ! Ainda que ganhasse não te tirava a luz dos olhos, que é tudo que no mundo ha melhor !» —

O outro nem já o ouvia. O que quiz, foi apanhar se dono dos machos e do azeite e lá se foi, estrada fóra, as-sobiando alegremente.

## OSCAR DA SILVA



**P**ERANTE o selecto virtuosismo musical de Lisboa reunido em grande numero no concerto da Trindade vem Oscar da Silva de afirmar-se um pianista de primeira ordem, de larga e segura execução, de arrebatadora e entusiastica technica, de macia e limpida emoção.

Oscar da Silva, que é natural do Porto, sentindo muito novo despertar em si uma irresistivel vocação para a musica fez ali, successivamente, com brilho crescente, os cursos do pianista Felix Moreira de Sá, irmão do eximio violinista Bernardo Moreira de Sá, cujo o publico de Lisboa teve occasião de apreciar no recente concerto de Vianna da Motta; o de Miguel Ângelo e Arthur Ferreira. Aos 11 annos, em 1883, compunha o pequenino musico um hymno infantil, cheio de delicado enternecimento, que um coro de creanças executou n'um concerto realiado no Palacio de Christal.

Depois vindo para Lisboa cursou com Victor Hussla de quem recebeu licções de harmonia e, fazendo-se já então ouvir com grande agrado na Real Academia dos Amadores de Musica, partiu para Leipzig, subvencionado por Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia.

Uma vez ali a suas bellas intenções artisticas e um porfiado estudo, garantiram-lhe a primeira classificação no curso do Conservatorio que é frequentado por individuos de todas as na-

ções e cujas difficeis materias Oscar conseguiu vencer em dezoito mezes apenas.

Foi então que veio a Portugal aproveitando a sua passagem por Paris para na capital do mundo culto se exhibir n'um concerto.

Depois de uma curta demora no nosso paiz de novo voltou a Allemanha a realizar aquillo que era então o seu mais ardente desejo: — o matricular-se no curso de Clara Schumann, a grande pianista, a viuva do desgraçado e extranho genio musical que a loucura empolgou, e aprender com aquella que tanto amara o creador do *Allegro passionato* a executar essa extranha melodia cheia de uma clara uncção amorosa e d'um sentimento poetico tão vivo que ante ella se prostava, n'um embevecente e religioso extasis, commovida, a alma do moço pianista.

Oscar da Silva tem as referencias mais lisongeiras dos grandes mestres, Joseph Weiss, Ruthard, G. Schelemuller, Clara Schumann, fizeram-lhe os maiores elogios e Reinecke disse d'elle: «Oscar da Silva tem feito progressos e estudado em zelo e perseverança. Continuando assim será um grande pianista.»

Mas em em Oscar da Silva o compositor excede mesmo o executante, e assim é que as suas Rapsodias, as suas valsas de concerto e principalmente *As Imagens* são maravilhas de sentimento.

Muito moço Oscar tem ante o seu talento tão notavel um fecundo germinal de triumphos.



O BARCO PERDIDO (quadro de Souza Pinto)

## A VIAGEM DE SUAS MageSTADES A TANCOS

COMO promettemos n'um dos nossos ultimos numeros, damos hoje a reproducção em photographia das esplendidas photographias que Arnaldo Fonseca nos trouxe da viagem de Suas Magestades a Tancos.

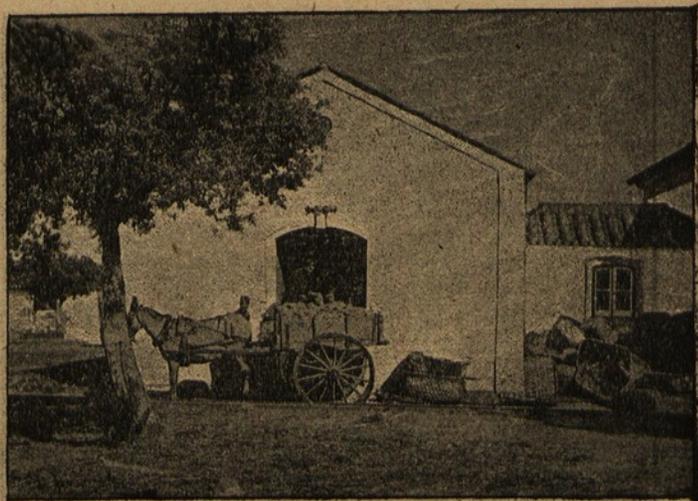


Trens de navegação onde tomaram lugar Suas Magestades e o seu sequito

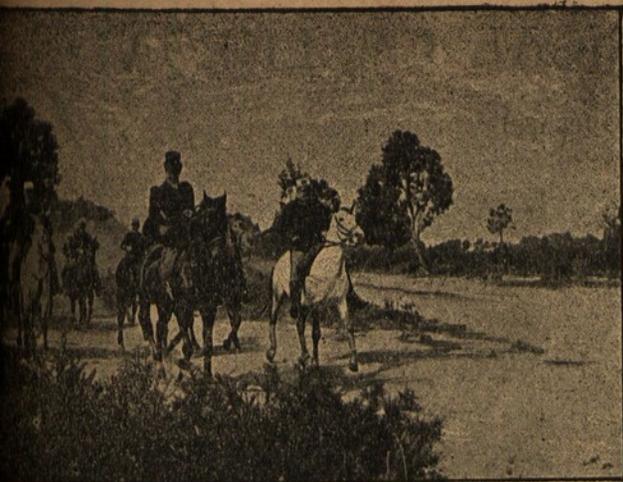
A primeira representa os dois trens de navegação em que tomaram lugar Suas Magestades, comitiva e officiaes de engenharia em serviço na escola pratica.

E' um ponto pittoresco do Tejo, antes de chegar a Villa Nova de Constançia; descobre-se na outra margem uma vegetação luxuriante, alguma coisa parecida com um delicioso recanto do Minho, — o Lima deslizando manso, sem uma ruga nas suas aguas.

Todas as outras são diversas *étapes* da viagem, de que Suas Magestades devem ter trazido agradabilissimas impressões, não só pelo entusiasmo com que foram recebidas em toda a parte mas pela paysagem que é de um pittoresco encantador e imprevisito, que extasia a alma e a faz mergulhar n'uma contemplativa *rêverie*.



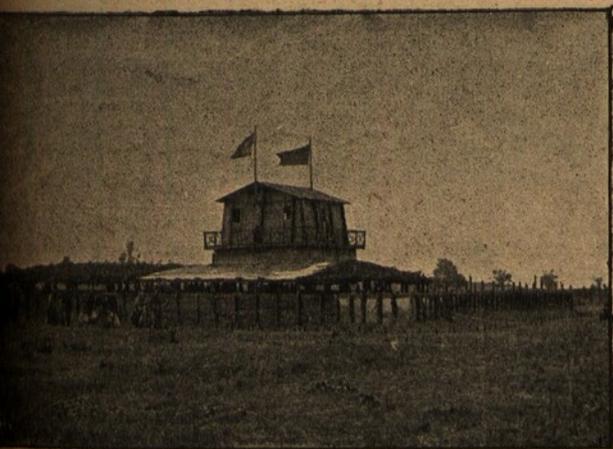
A administração militar. — A carroça do pão



Suas Magestades á frente da comitiva



Exercícios: explosão de uma mina



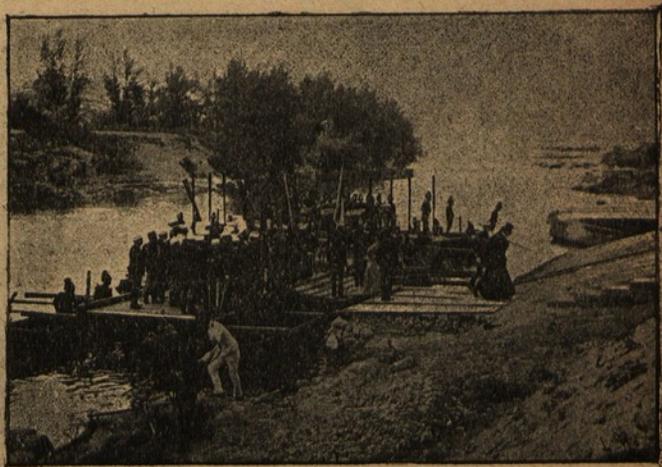
O posto de Incanine



Uma paragem no Alto da Conceição



Suas Magestades vendo o panorama do Alto da Senhora da Conceição



O desembarque

# MOVIMENTO MUSICAL EM LISBOA

EM MAIO DE 1896

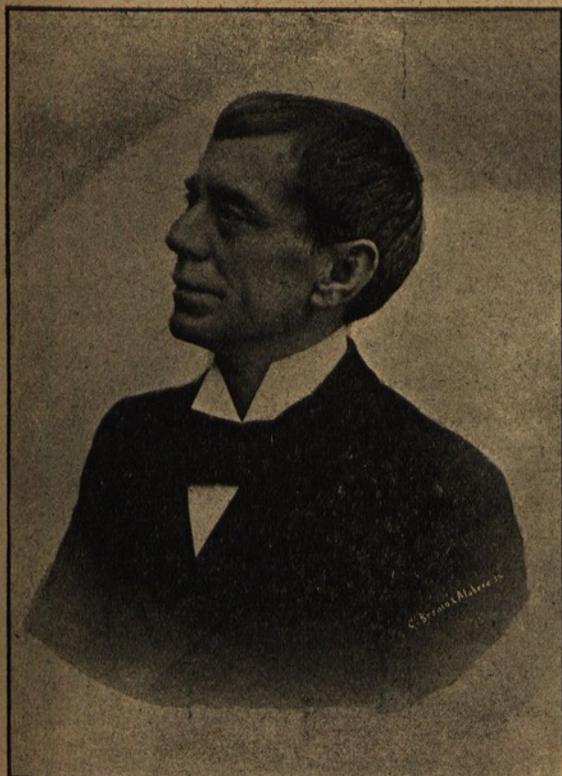


Jorge Collaço, um pintor magnifico cujo pincel canta rythmos ineditos de côr e passionaes andantes de luz, revela-se hoje n'esta bella pagina de risinho commentario ao movimento musical dos ultimos dias, com a qual a sua boa amizade nos brindou, um caricaturista radial, de compassiva e mansa ironia, de finissima e sôlerte vis comica, em cujo estro pictural a um tempo houvesse, estreitamente fundidos, a graça fina avoejante e erratica de Daumier e o subtil humor de Tacheray, o da *Fair of vanity*.

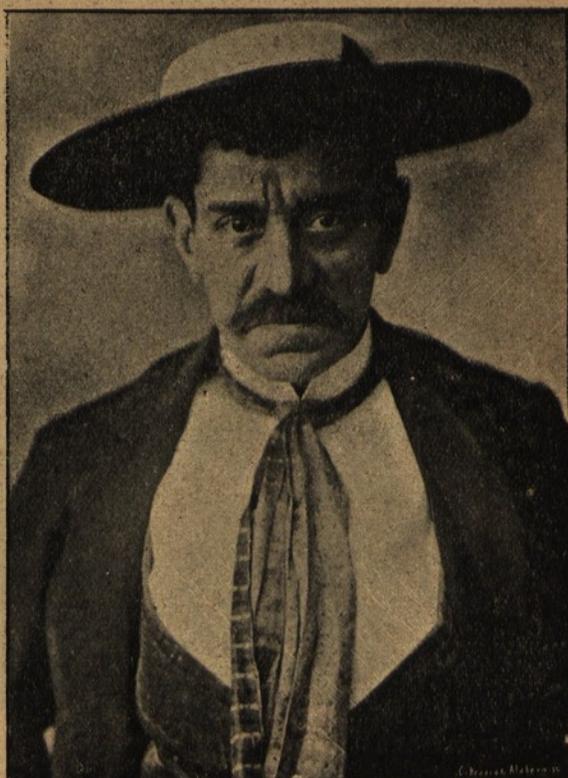
A Jorge Collaço agradece o *Branco e Negro* as promessas de uma talentosa e uberrima collaboraço.

# ESTUDOS PHYSIONOMICOS

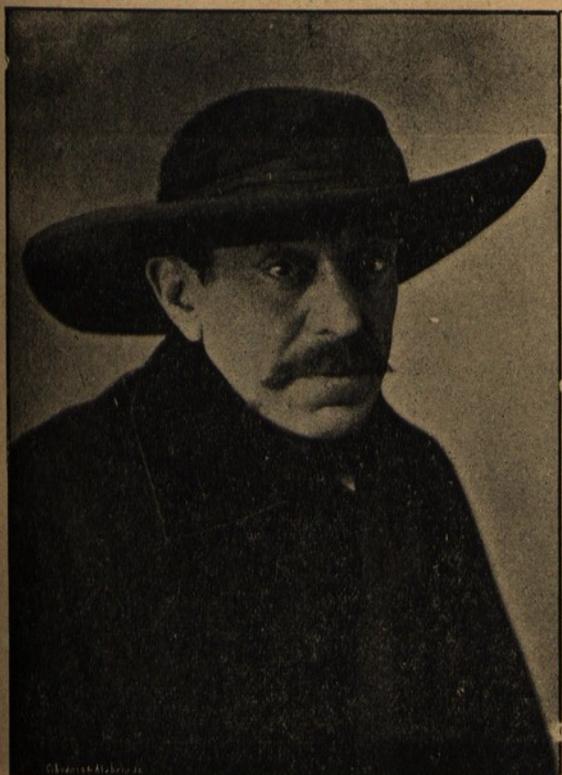
O ACTOR VALLE NO MONOLOGO «OS CHAPEUS», DE LUIZ DE ARAUJO



Ha quem diga que o estylo,  
E' o homem; — pore'm eu...  
Eu não posso admittir o,  
Que o homem é... o *chapeu*



Digam lá sinceramente,  
Se o chapeu não dá na vista?  
Pois eu assim francamente,  
Não me pareço um fadista?

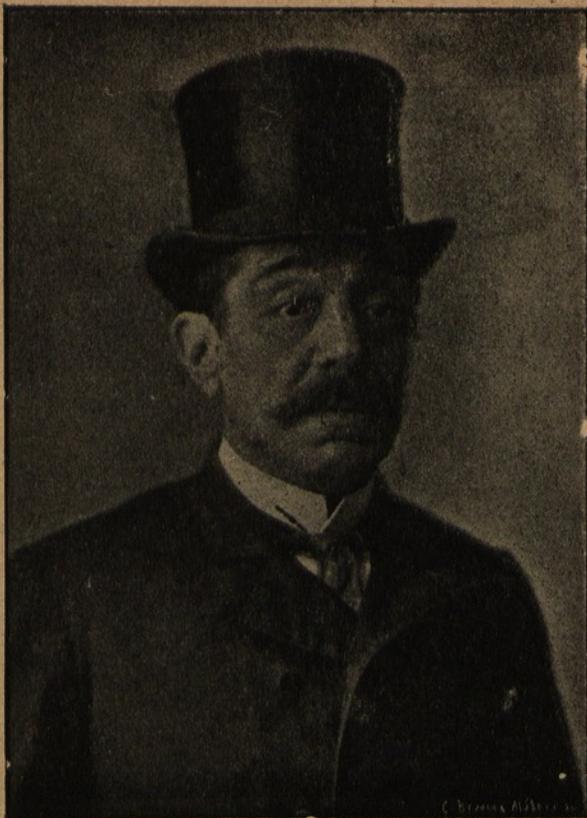


Um chapeu e um capote,  
.....  
Podem crêr ser o bastante,  
Para mostrar um marchante,  
D'aquelles de grande lote.



Um conselheiro barão,  
.....  
Usa sempre, isto é notorio,  
Um enorme chapelório,  
Posto à zampa um tanto ou quanto...

Isto que vêem... — Por tanto,  
Quem usa assim um *balão*,  
Não tem mais nada: e barão.



Agora um *quico* encebado,  
 N'um *berguindim* acabado,  
 .....  
 Logo a gente se convence...  
 Que é rapaz que não tem *bagas*.  
 Infeliz amanuense.



Religioso que mostra,  
 .....  
 Que é todo Céu e amor,  
 E que ás filhas do Senhor,  
 Prêga a paz e a doce esperança  
 Acreditem, não é *peta*...  
 Vai assim de *chapeleta*,  
 P'ra São Luiz Rei de França.



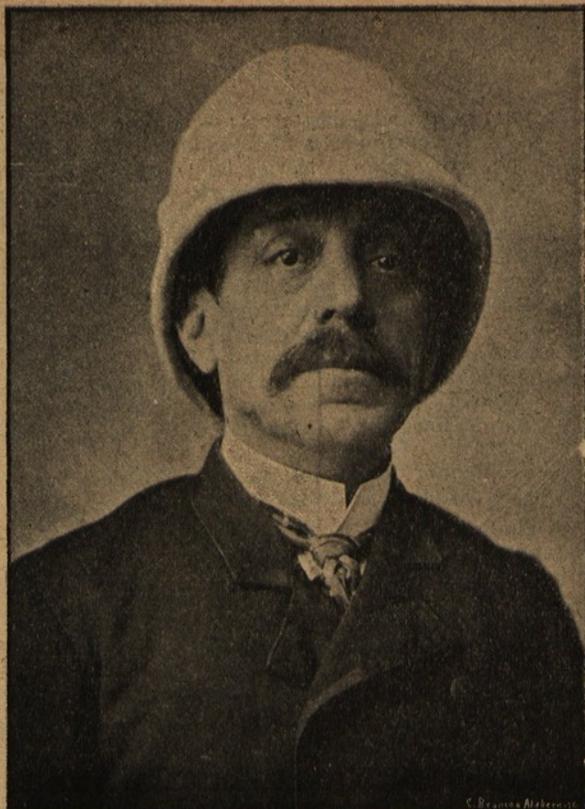
Ora digam com verdade,  
 Se isto não é verdadeiro?  
 Eu estou mesmo á *puridade*.  
 Exactamente um *archeiro*.



Pondo este agora de fado,  
 E enfiando este de *vêu*,  
 Aqui me torna o *chapéu*.  
 Um puro... *gato-pingado*.



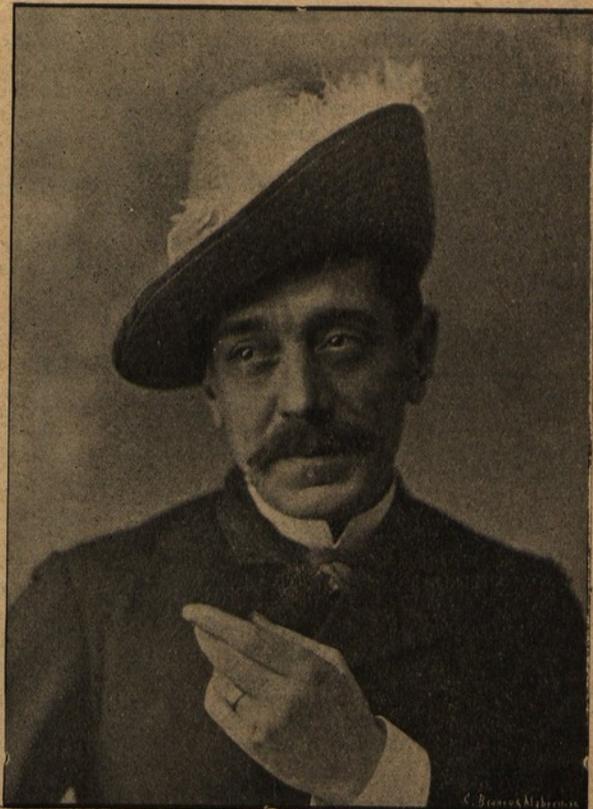
Envergando este *liró*  
 .....  
 Olhem que cara garrida...  
 Sou tal qual um diplomata,  
 Na diar'a mata-mata,  
 De passear n'Avenida.



Mudando p'ra *capacete*,  
 .....  
 Já não sou o Valle actor;  
 Sou o typo sabio e bello,  
 De um laureado explorador.



E mudando para este  
 Vejam que typos tão ricos!  
 .....  
 Sou o prior de Fanhões,  
 Com o seu chapeu de tres bicos.



Mas para agora acabar,  
 .....  
 Eu lhes vou apresentar  
 Um chapeu de phantasia...  
 Não se vão surprehender,  
 Nem d'elle pasmar em summa,  
 E' chapeu femina — mui fino,  
 E' um chapeu feminino, —  
 E'lo aqui com grande pluma.

# AS PRECES

— «Senhor Deus, pela vossa infinita Misericórdia!»

**O**UHA! o seccadal das terras: — como tudo vai triste, como tudo vai doentio pelo campo! Antecipou-se a floração das arvores, os torrões endurecem... O Sol ardente calcina as leiras do campo, e o senhor Vigário, de sobrepeliz e estola, anda pelos alqueives e pouzios a rezar ladainhas á frente dos lavradores... Na imminencia da fome, ha em cada lar um roزاری a desfiar-se e uma mão cautellosa a coitar a ração das refeições. Illuminam-se os oratorios, e a imagem de San Sebastião está diademada de flôres...

Este calor de Maio preannuncia um anno de miseria; e as decimas a carregar sem dó! (São os homens do governo a brincar com o povo, do alto dos seus gabinetes...)

Onde irá isto bater, santo Deus?!

Cresce a onda da pobreza, augmenta a legião dos mendigos... Mas o que ha-de ser d'eiles, se a miseria chega a todos?... O que ha-de ser d'elles!

Armarios vazios, arcas vazias — toda a casa a chorar... Apegados ás saias das mães, os filhos pedem pão; e ellas, com o olhar resignado á cata d'uma esperanza, dão-lhes beijos — que pão n'o teem ..

As enxadas, essas, lá andam nas mãos do pae, cava-que cava, á conquista do jornal! Mas, como o torrão é duro e não ha um beijo de rega que o amacie, a enxada ricocheteia e vae bater-lhe contra o peito, cavando n'elle por sua vez!

— «O' Senhor dos Passos, padrinho dos desgraçados, abroquella lhe o seio com a tua clemencia, para que o coração do cavador não desfalleça!...» —

A illudir a miseria e a doirar a fome, os passaros vão cantando. E' decerto a Fada Boa que os manda... Por que sabe Deus a tristeza que lá vae pelos seus ninhos! São tal qual os mendigos errantes, que vão cantar as suas rapsodias de aldeia em aldeia, ás vezes extenuados de fome... E cantam, cantam sempre, que o cantar illude a desgraça!

«Quantas vezes a Mãe canta  
Com v. ntade de chorar!...»

E elles tambem, os passarinhos, sabe o Deus...

Falta a agua nos lameiros; e os primeiros frutos das sementeiras tem um ar tristonho de crianças a quem seccou o leite da mãe... Ao calor pezado d'um verão precoce, as arvores retorgem os galhos n'uma angustia dorida! A agua dos ribeiros, para chegar á foz do rio, passa mil tormentos na jornada: cada pedra, a mais pequenina, a faz saltar, espumar, collear como a serpente entre as silveiras asperas... E se lá chega, quando a areia a não beba pelo caminho, vae feita n'um fio de sangue, delgadinha, tizica, sem força para matar a sede d'um salgueiro, sem volume para beijar o pé d'um passarinho... E os barcos dão em secco, e os barqueiros rogam pragas!

— «O' Senhora dos Navegantes, chora, chora! Não pares no teu chorar! Tem dó de quem trabalha e de quem reza, confiado no teu prantol... Vai sentar te á beira das nascentes, e farta as de agua para nos matar a sede!» —

Ah! que se a miseria das almas não fôsse tão profunda e os peccados não fossem tantos, as chagas de Christo nos bastariam para regar os nossos campos e aguentar o nosso barco de marinheiro!

Mas se o mundo vae de descrenças...

Se não fôra a alma dos humildes e dos desgraçados, onde se acoitaria a Fé que não encontrasse uma garra a despedaça-la?... Se não fôram as poizadas simples da aldeia e os seus oiteiros bucolicos, onde se buscaria um palmo de terra para erguer uma Ermida e cravar uma cruz de pedra?

Ainda bem, ainda bem, que n'estes recantos do mundo, ha, em cada peito de cavador e em cada olhar de mendigo, um altar illuminado onde se poize a estatua da Fé! Ainda bem, ainda bem, que, de cada fumo de Lar, sobe ao Céu uma humilde prece, onde, só de ouvir-lhe as palavras ingenuas, se adivinha a alma que lhe foi nascente!

— «O' serenidade bemdita das Aldeias, socego da azenha, amor das florestas, paz angelica dos corações!... Como eu vos estremeço!»

Anda o senhor Vigário, com o hissopo, a benzer as sementeiras. O bando das preces sae, de cabeça descoberta por esses matagaes fóra, ao agonisar do dia. E parece que, sobre toda a gente que reza, o Céu tem uma côr mais de anil e ha mais passaros a voar ..

Se a agua benta da caldeirinha orvalha de leve a haste d'um milharal doente ou a prôa d'um barco que deu em secco, logo reverdece o milharal e o barco navega!

Ouve-se então a voz do lavrador, ungida por uma fé vastissima:

— «Obrigado, senhor Vigário!»

E a voz do barqueiro grita de longe, com a vela branca a saudar:

— «Obrigado, senhor Vigário!»

(O' puras crenças, orações piedosas das almas humildes! Vertei na amphora do meu peito um fio que seja do vosso mel doirado! O' boccas ingenuas, gargantas de rôla, qual é o unguento bemdito com que amaciaes o vosso falar?...)

Tenho no meu coração, é certo, um resto de pureza, que me ficou do inventario da minha Infancia. Mas... ai de mim! ai de mim! Cavando em lama, como poderão as minhas mãos tocar-lhe que o não profanem!? Lanhada das pragas, como poderá a lingua pronunciar-lhe o nome que não se me despegue da bocca!?

Falta-me a perfeição christã do vosso viver, falta-me o sacramento purissimo que só a humanidade sabe dar aos corações... Verme da terra, arrastado no charco, ando a elle collado, sem olhos para encarar as estrellas, sem alma verdadeira para entender a Biblia da vossa Fé!...

Vejo, á volta da minha fazenda, o rancho dos devotos, piedosamente, a cantar a ladainha; e vejo o Pastor das Almas, com a sua sobrepeliz branca, a fazer benções em cruz sobre cada extrema da tapada... Mas, se quero casar-me ás vossas devoções e baluciar nos meus labios frios as palavras de oiro da vossa reza, não sei de magua como não morro por me sentir incapaz de attender a vossa devoção e aprender o mysterio do vosso roزاری!...

Ha no coração dos resignados a crença dulcissima de que, n'estes dias de desoladora estiagem, as suas lagrimas e a marezia perfumada das suas orações são bastantes para levar ao torrão secco das sementeiras o germen bemdito da fructificação.

Quem pudera ter essa crença! Quem pudera ter a alma christãmente preparada para lhe dar altar e propaga-la com fé e com fogo!

— «O' vós todos que a tendes, achegai-vos á Senhora do Pranto e pedi lhe o segredo dss suas lagrimas bemditas...» —

ADOLPHO PORTELLA.



## A Barcarola do olhar

---

Senhora! o vosso olhar languido e terno  
Mal o percebe o espirito de um doente,  
Exgota-o como um copo de Falerno,  
Aos goles, abundantemente...

O caçador que ao romper d'alva passa  
Para ir os cervos perseguir na matta,  
De vossos olhos na floresta caça  
Aves de bico d'ouro e azas de prata.

Contam as lendas poeticas d'outr'ora  
Que pelos raios de luar andavam,  
Papagueiando Wiblis da côr da aurora,  
Que os circumfusos lagos habitavam.

Pois como essas volveis créaturas,  
Pisando a alfombra de um luar de Maio,  
Um grupo de formosas miniaturas  
Percorre os vossos olhos, raio a raio.

O pegureiro escuta deslumbrado  
A symphonia d'esse olhar, que imita  
A cadencia d'um mundo illuminado  
Rolando pela abobada infinita...

Mas n'um ponto onde a luz se lubrifica  
E onde mais puro o luar se desenrola,  
Um vulto de mulher, cantando fica  
Uma queixosa barcarola...

## MEIO DIA

**A**LÉM do montado, no pequeno cerro penhascoso, todo coberto de azinheiros e sobros, levantava-se a pousada do José Fino. Ao redor, a horta sempre com as suas hortaliças frescas e flores cheirosas que era um regalo, um tanque retangular, com uma pedra esguelhada, para se lavar roupa, capoeiras, casa de coelhos tudo em ordem, tudo com muito aceio. Ao longe antolhavam-se casitas brancas que acampavam no meio das carvalheiras, pinheirões espessos, moitas espessas.

O José Fino não vivia mal, vamos lá com Deus! Mas havia um bom par de semanas que o pobre do homem via a sua morada envolta em uma nuvem de tristeza. Se lhes parece! A filhita, a sua única filha, a Thereza, um anjo com cinco annos, salvo o erro, linda que até parecia um'a pintura, estava muito mal, assim a modo umas febres que a punham variada, n'um estado que mettia dó a uma alma de Christo. O pae e a mãe bem se esforçavam, coitados, lá isso... As economias de muitos annos haviam-se ido embora todas, até os ultimos cinco reis, no tratamento da pequena. Só para a botica um dinheirão!

Durante quinze dias a pequena esteve... tem-te, Maria, não caias... mas depois entrou de peorar. Assim como assim, o que Deus Nosso Senhor quizesse!

Ora n'aquella manhã parecia a Thereza estar mais socegada. A mãe de joelhos, junto á cabeceira, perguntava-lhe de quando em vez:

— Então, estás melhor, filha?

O pae esse chorava sentado n'um mocho, quando alguém empurrou a porta e entrou. Era o prior, um santo homem — não desfazendo — cabellos brancos, um tanto corcovado, que vinha á sua visita quotidiana.

— Então que temos? perguntou.

O José Fino, depois de lhe beijar as mãos, respondeu-lhe n'um mar de lagrimas:

— Alli onde a vê, senhor padre Joaquim, está por pouco; aquillo vae-se como um passarinho. O senhor doutor fez-nos a esmola de cá vir ainda agora vêr a pequena, e sempre lhe digo que mostrou uma cara... como quem diz: — Está aqui está nos anjinhos.

— Isso é imaginação sua, tio José!

— Deus o oiça, senhor prior, Deus o oiça! Mas olhe que ás vezes, quando uma pessoa doente está assim mais alliviada, é quando morre mais depressa... Venha cá acima, senhor padre Joaquim! Pelo sim pelo não, a sua benção sempre lhe ha de fazer bem.

O padre entrou no quarto da Thereza. A pobre creança dormitava, olhos cerrados, muito pallida. O prior animou-a com algumas palavras.

— Então já me não conheces, Thereza? Desprezas o teu amigo? Olhem a ingrata!

A enferma ouviu lhe a voz; abriu um pouco os olhos, mirou o seu amigo com uma expressão de meiguice e gratidão, voltou a cabeça para o lado e ficou-se. O padre poz-lhe a mão na testa, onde o suor esfriara de repente, e ajoelhou, acompanhando a derradeira benção, a benção funebre dos ultimos momentos, de uma sentida oração, murmurada entre os soluços dos paes da creança morta.

\*

Pino do verão. O sol, batendo perpendicularmente, queimava a bom queimar, quando o prior sahira da casa do José Fino, duas lagrimas a cahirem-lhe, faces rugadas a baixo.

Pelos extensos vinhedos alvejavam as camisas brancas dos trabalhadores, que giravam para uma e outra banda, na sua lida, levantando os bidentes, que reluziam ao dardejar do sol, e deixando-os cahir de golpe sobre a terra sêcca e estorreada. As messes ondulavam, balouçadas pelo vento, em voluteações de um flavo brilhante; feixes de papoilas armavam effeito pelo meio das louras espigas, já gradadas, matizando as cearas, aqui e além, como manchas de sangue n'uma tunica doirada.

A natureza esplendia de magestade, em grande gala, ostentando soberbemente, luxuriantemente, toda a sua enorme e variada pompa de sons e de côres, de animaes e de vegetação. Aranhas teciam a esmero filamentos prateados, pelas ramarias dos pinheiros. As amendoeiras engrinaldavam-se com flores brancas, vestiam-se de noivado, com aromas de primeira communhão. Nuvens ligeiras, em rôlos esbranquiçados, esmaeciam-se na vasta cupula do céu. Bandos de passaros ás revoadas corriam pelo ar, psalmeando canções ternas.

E que calor, santo Deus!

Além brilhava, sobre uma eira, um montão de massarocas estonadas. Mais para alli, estatelava-se o gado de um pegureiro; o diacho do homem, escanchado sobre a manta de lã, em mangas de camisa, de vez em vez lá se soerguia um pouco, apoiando meio corpo sobre um dos braços, e gritando:

— O' malhada, a modo que precisas! Eh! coisa! Aqui já!

Algures, pelas estradas, ouvia-se a canção arrastada dos boieiros casando-se com o guinchar gemente das rodas pesadas dos carros, carregados de bagaço ou de lenha; bois, estafados pelo trabalho marchavam, passo aqui passo acolá, sacudindo o rabo, deixando pela terra das ladeiras, carreiros de baba escumosa. Alguns caçadores passavam ao largo, atirando aos pardaes que cahiam mortos ou feridos pelo escumilho das espingardas, enquanto os podengos maticavam com latidos esganiçados, fariscando pelas lorgas. Nuvens de mosquitos semelhavam poeira movediça, em torno das oliveiras.

As velas dos moinhos giravam, os buzios a zumbirem, fazendo rebolar as pesadas borneiras.

Para a aldeia, lá passava o estafeta, montando a toda a brida, nas horas de estalar:

E o padre quedou-se a contemplar todo aquelle affan da natureza, em pleno meio dia. Que grandes herdades ficavam por alli! E como tudo trabalhava, Senhora Mãe de Deus!

Uns andavam na estercada, outros estinhando o mel pelos cortiços, estes cevando nas hortas, aquelles iam já meio da empoldra; gargaleiros passavam perto, os levgos atravessavam o campo, charruas para aqui, arados para além... O céu estendia o seu manto azul por sobre este immenso labutar, a bendizel-o, a consagral-o; Deus sorria-se nos raios do sol, no desfilar das nuvens, no cheiro das flores e no balar dos gados.

E foi n'este momento que o sino da torre da egreja bateu as tres badaladas da adoração á Senhora, ao meio dia. Toda aquella gente, dispersa pelos campos, se descobriu, ouvindo-se em toda aquella extensão, como um accordo vibrado n'uma harpa divina, um sussurrar ligeiro de orações enternecedor e suave, mystico e grandioso.

E eram necessarias para a cadencia, para a magestade de todo aquelle hymno da natureza effervescente, as lagrimas, os soluços d'aquelles pobres paes que apertavam nos braços o corpo ainda quente da filha?

Deus é que o sabe! Deus é que o sabe!

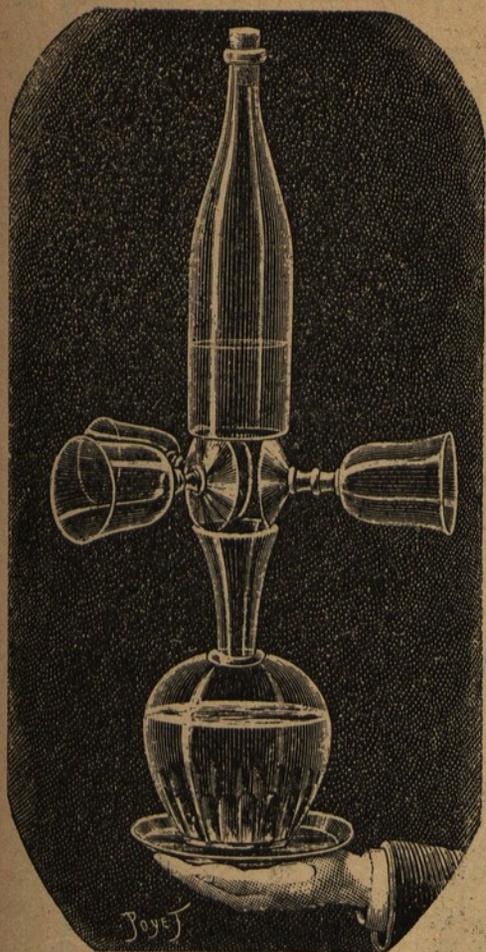
E o padre, talvez pensando n'isto, conservou-se por algum tempo mais, descoberto, olhando o céu diaphano e puro.

Parecia seguir a alma da creança, o velho prior...

ALFREDO SERRANO.

## SECÇÃO RECREATIVA

### A GARRAFA EM PERIGO



Para tentar esta experiencia, poise-se a bandeja em cima da meza, em vez de a ter na mão. Já será um verdadeiro milagre se conseguirem levar a cabo esta distracção, com resultado. São precisos quatro ajudantes habeis; tres pegarão cada um n'um copo pela borda e agrupar-se-hão em volta da bandeja. O quarto pegará n'uma garrafa, que contenha uma pequena quantidade de vinho (para começar deve preferir-se a agua). Os quatro operadores deverão manobrar com uma precisão verdadeiramente militar; os tres primeiros poisarão o pé do seu copo sobre a borda do gargalo da garrafa, de modo que os copos fiquem symetricamente distribuidos em volta da sua circumferencia, e que os eixos dos seus pés estejam n'um plano horisontal.

N'este momento, o quarto ajudante poisará delicadamente o fundo da garrafa sobre os tres pés dos copos, e verificará, carregando na garrafa e levantando-a depois levemente, se o pezo d'esta ultima é bastante para manter o systema em equilibrio. Os copos ficam seguros pelos tres primeiros ajudantes, enquanto o quarto despejará na garrafa, por meio de um funil, liquido bastante para que se dê o equilibrio. Os que têm os copos, não sentindo estes pesar-lhes nas mãos, largam-os e o ultimo poderá rolar a garrafa: preparando assim as coisas no silencio do gabinete, podem convidar os espectadores a irem contemplar essa maravilha de equilibrio.

Ultima recommendação: verificar, quando se sobrepuzerem os copos, se os pés têm o mesmo diametro.

## Ultimas novidades litterarias

—

*Pelo mundo fóra*, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol: br. 500 réis. Enc. 700.

*Versos*, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

*A rir e a serio...* por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

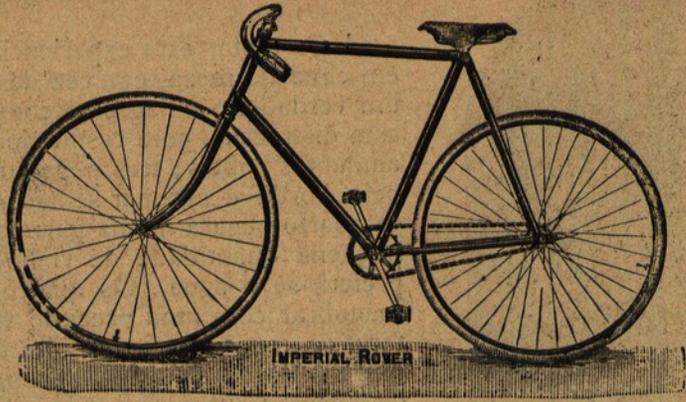
*Na Azenha*, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

—

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

# IMPERIAL ROVER

Põem catalogos illustra-  
dos das "Rovers"



Fortaleza, elegancia,  
ligereza

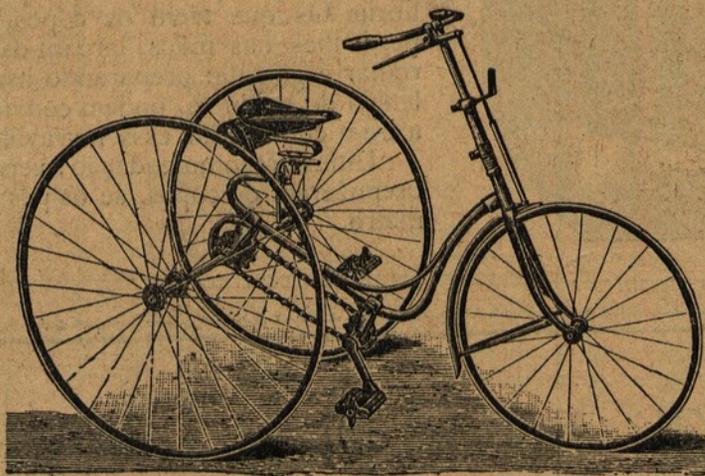
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são ni-  
ckelados em parte, e têm  
travão e rodas com caute-  
chut.



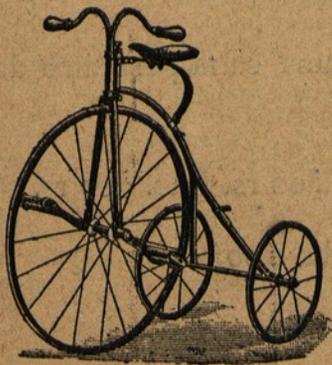
Ha tricycles para adul-  
tos bem assim para se-  
nhoras, em grande sorti-  
mento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Põem catalogos a esta casa



Velocipedes  
para rapazes de 4  
a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes e n todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA